

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO/CCE
DEPARTAMENTO DE LETRAS E LITERATURAS VERNÁCULAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO/CED
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

**BRUNA MARIA BOING RIBEIRO
ERIKA DA SILVA COSTA AGNELLINO**

CRÔNICAS DE UM OLHAR: depoimento e testemunho.

FLORIANÓPOLIS
2013

**BRUNA MARIA BOING RIBEIRO
ERIKA DA SILVA COSTA AGNELLINO**

CRÔNICAS DE UM OLHAR: depoimento e testemunho.

Relatório final de estágio apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do 8º período do Curso de Graduação em Letras/Português (Licenciatura) sob a orientação da Professora Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz.

FLORIANÓPOLIS
2013

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho com muito amor, às
nossas famílias e aos nossos amores.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa e árdua caminhada;

Aos que nos possibilitaram trocas de experiências durante o estágio;

Aos fiéis amigos que sempre nos ouviram com nossas dúvidas e certezas;

Em especial à Bel Gomes e Rosângela Pedralli que nos ajudaram em momentos de insegurança;

Aos nossos eternos namorados por compreender nossas ausências;

Em especial aos nossos pais, pelo apoio e incentivo, sem os quais não seria possível chegarmos até aqui;

À professora Lisiane Vandresen pela paciência e por ceder o seu espaço para o nosso projeto;

Aos alunos do 9º. B que tiveram o carinho em nos receber para juntamente aprendermos mais;

A todos os professores do curso, importantes na nossa vida acadêmica;

Em especial à Prof.^a. Dr.^a Maria Izabel De Bortoli Hentz, responsável pela realização deste trabalho e por ajudar a construir a nossa história como educadoras.

Às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo que, mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem voo.
(DAVI ARRIGUCCI JR.)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	10
1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO.....	10
1.1 A ESCOLA EM FOCO.....	10
1.1.1 Histórico.....	11
1.1.2 O espaço escolar e o quadro de funcionários	11
1.1.3 Projeto Político-Pedagógico.....	12
1.2 A TURMA EM FOCO.....	13
1.3 A PRÁTICA DOCENTE EM FOCO.....	14
1.3.1 O professor de Língua Portuguesa	14
1.3.2 Atuação do professor caracterização do ensino de Língua Portuguesa.....	15
2. O PROJETO DE DOCÊNCIA	16
2.1 PROBLEMATIZAÇÃO.....	16
2.2 TEMA E JUSTIFICATIVA	18
2.3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.4 AVALIAÇÃO	21
2.5 OBJETIVOS	22
2.6 CONHECIMENTOS TRABALHADOS	23
2.7 METODOLOGIA	24
2.9 PLANEJAMENTOS	26
2.9.1 Planos de aula – aula 1 à aula 21:	26
3. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA	134
4. A DOCÊNCIA EM PROJETOS EXTRACLASSE.....	138
4.1 O PROJETO DE DOCÊNCIA: O PLANO DE TRABALHO	138
ANEXOS.....	149
ANEXO 1: ENSAIO 1	150
ANEXO 2: ENSAIO 2.	152
ANEXO 3: ENSAIO 3.	155
ANEXO 4: ROTEIRO DE ANÁLISE DOS ENSAIOS.	157
4.2 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ATIVIDADES EXTRACLASSE.....	158
5. VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR.....	162
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
7. REFERÊNCIAS.....	166
8. ANEXOS.....	168
ANEXO 1 - TCE e FICHA DE FREQUÊNCIA.....	168
ANEXO 2: SLIDES UTILIZADOS PARA SISTEMATIZAR AS REGULARIDADES DO GÊNERO:	172
ANEXO 3: SLIDES APRESENTADOS NA OFICINA DE I.C SOBRE ENSAIO.....	176
ANEXO 4: CARÓDROMO DA TURMA EM QUE REALIZAMOS O ESTÁGIO DE DOCÊNCIA.	179

RESUMO

Este relatório tem por objetivo relatar as experiências vivenciadas no Estágio de Ensino de Língua Portuguesa bem como apresentar uma reflexão crítica a respeito desse estágio que constitui a primeira, das duas fases finais do curso de licenciatura em letras/português. A experiência de estágio se deu através de cinco etapas: primeiramente, houve um período de observação em que assistimos a algumas aulas do nono ano B, turma na qual realizamos o estágio de docência, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em seguida, elaboramos uma proposta de trabalho para a intervenção em sala de aula que tinha como foco a inserção dos gêneros crônica e depoimento no mundo dos alunos, por meio de textos que existem de fato fora da sala de aula (em sociedade). Para tanto, desenvolvemos atividades que possibilitassem a compreensão do lugar de circulação dos textos que estudamos, pois tratava-se de gêneros que fazem parte de seus cotidianos, e não de gêneros meramente feitos para a escola e na escola, mas que perpassam os muros desta. O próximo passo foi colocar em prática o plano de ação proposto por nós, professoras estagiárias, que entramos em sala para desenvolver nosso projeto. Concomitantemente à execução da prática pedagógica, elaboramos e desenvolvemos um projeto extraclasse, em que ministramos uma oficina, também para os nonos anos do Colégio de Aplicação da UFSC, sobre o gênero ensaio escolar. O propósito da oficina foi o de apresentar aos alunos, por meio de atividade de leitura, qual a função social, a estrutura, as regularidades, as regras de apresentação e formatação desse gênero, segundo as normas da ABNT. O motivo que nos levou a trabalhar com ensaio escolar foi a necessidade apresentada pelos professores/orientadores da instituição de ensino, de os alunos produzirem nesse gênero os resultados de um projeto de pesquisa que faz parte de uma proposta de trabalho interdisciplinar inserido no projeto *Pés na estrada conhecimento*, que vem sendo desenvolvido há algum tempo no Colégio de Aplicação. A quinta e última etapa, foi este trabalho que é a sistematização de todas as experiências vivenciadas no estágio de docência. O período de estágio nos possibilitou experimentar, ainda que brevemente, o que é ser professor de Língua Portuguesa, de fato e não apenas teoricamente. Concluímos que estar em sala de aula é a parte mais fácil da docência, o que mais demanda trabalho é o planejamento e preparo dos materiais necessários para que a aula aconteça. Por isso, é preciso que o professor esteja sempre estudando e buscando atualizar-se para que o planejamento não caia na mesmice, que ele seja sempre bem elaborado, pois quando há um bom plano de ação, já se tem mais que a metade do caminho andado no momento de lecionar.

Palavras-chave: Estágio de docência. Crônica. Depoimento. Ensaio escolar. Projeto de Iniciação Científica.

INTRODUÇÃO

De tudo ficam três coisas: A certeza de que estamos sempre começando, a certeza de que é preciso continuar e a certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminarmos.
(SABINO, F¹.)

Tomamos aqui o alinhavo final que tecemos com fios que ‘zigzagueavam’ desde as primeiras laçadas, dos muitos novelos enleados, para então, percorrer uma jornada cujo objetivo inicial era tomar os fios que conduziriam o início de uma ‘trama’ certa, o projeto docente. Retirar o primeiro nó é sempre uma tarefa árdua que só é possível depois de anos tecendo as teias entre os saberes, os dizeres e as direções. Essas teias sempre tão bem representadas, ora por doutores, ora por orientandos, mas, a saber, seguiam sempre em direções convergentes. Alguns nos mostravam o quão belo era possível o universo da literatura, outros o quão científico era o caminho da linguística. Nesse ir e vir de fios é que chegamos à etapa final do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, o estágio supervisionado. Iniciamos aqui o relato final dessa fase em que juntamos os fios às ferramentas necessárias para a tecelagem dessa malha que é a ação docente.

Apresentamos o fim de uma etapa em que iniciamos buscando com nossos olhares curiosos algumas respostas, quando esses olhares buscavam apoio para um projeto docente que, embora tenha iniciado pequeno e cheios de nós, logo tomou forma de grandes fios que aguardavam ser tecidos, e foi com pequenos passos e com muita orientação e apoio que seguimos tecendo a grande malha. A tomada de decisão, pelas escolhas feitas, foi o momento de adentrar em um espaço de responsabilidades, lugar em que o fazer discente metamorfoseia-se em fazer docente, lugar de testar nossas teorias, nossas criatividade, lugar em que nossas inseguranças não perduravam um só momento, lugar em que cruzamos saberes e, agora, em um dado período somos mestres, educadoras, estagiárias e professoras. A responsabilidade mudava de lado, pois o lado confortável de assistir aulas, de estudar para provas e de fazer ensaios, resenhas e artigos continuava, mas agora, sem poder protelar prazos, sem poder nos ausentar delas, porque tínhamos a certeza de que, pelo menos, 26 estudantes estavam nos aguardando com algumas expectativas.

¹Disponível em: < <http://mensagensepoemas.uol.com.br/mensagem/de-tudo-ficaram-tres-coisas-certeza-de-que-estamos-comecando-certeza-de-que-e-preciso>> Acesso em 25 de junho de 2013.

Nesse relatório, nossas experiências docentes tomam forma de registro, a fim também de concluir uma etapa de nossa formação, como professoras de Língua Portuguesa. Iniciamos, pois, com os primeiros fios lá no ano de 2009-2, na primeira fase da graduação, quando ali chegávamos cheios de vontades, de planos e seguimos as fases com algumas dúvidas, essas oscilavam entre o bacharelado, a licenciatura ou ambos, para então pousar dentro deste universo que é a educação: almejado por poucos e execrado por muitos.

Metáforas² à parte e diante de todas as nossas vivências individuais, não podemos deixar passar sem o devido registro de que, o nosso curso traz consigo alguns documentos importantes que nos garantem perante a lei algumas certezas, dentre as quais, a de que o Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Santa Catarina, propõe-se a:

- (i) oferecer uma formação sólida na área de língua e literatura, oportunizando a experiência com o ensino, a pesquisa e a extensão, e incentivando a articulação com outros cursos de graduação e com a pós-graduação na área;
- (ii) criar oportunidades pedagógicas que propiciem o desenvolvimento da autonomia do aluno quanto à resolução de problemas, tomada de decisões, trabalho em equipe, comunicação, dentro da multidisciplinaridade dos diversos saberes que compõem a formação universitária em Letras. (PPP/letras UFSC³)

Especialmente em relação às disciplinas de estágio supervisionado, parte do curso (504 horas/aula, divididas entre o estágio I – Ensino Fundamental e estágio II – Ensino Médio) dedicada mais especificamente à vivência do fazer docente, este mesmo documento prevê a realização de algumas etapas, tais como:

1. realização das primeiras aproximações com a escola e outras instituições de caráter educativo para observação e levantamento de informações e dados;
2. discussão e análise do material de campo;
3. definição do problema e elaboração de um projeto de ensino;
4. planejamento das atividades docentes;
5. desenvolvimento do projeto de ensino; avaliação;
6. comunicação e divulgação dos resultados obtidos. (PPP/Letras UFSC⁴)

Deste modo, o relatório final de estágio compreende a última etapa de um caminho percorrido e vivenciado no dia a dia das escolas, em especial na turma do 9º. ano B do Ensino Fundamental do

² Usamos aqui a mesma metáfora que Geraldi usa quando se refere à Leitura de textos em que “a cada leitura, num processo dialógico cuja trama toma as pontas dos fios do bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história”. (1997, p.166)

³ Projeto Político Pedagógico do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas Licenciatura e Bacharelado. Disponível em: < <http://vernaculas.paginas.ufsc.br/files/2012/06/Projeto-Pedag%C3%B3gico-do-CLP.pdf> > Acesso em 25 de junho de 2013.

⁴ Idem ibidem.

Colégio de Aplicação/UFSC, na cidade de Florianópolis. Cumprindo todas as etapas dessa formação, ainda nos coube realizar um projeto extraclasse em que ousamos ministrar uma oficina sobre Ensaio Escolar para os 9º anos. Nossa tarefa foi levar um gênero genuinamente acadêmico para as escolas.

Aqui, no relatório final de estágio apresentaremos, primeiramente, o nosso campo de estágio, na sequência nosso projeto de docência, com as devidas problematizações acerca da escolha do tema, os planos das aulas e nossas reflexões sobre essa experiência; o mesmo faremos com o projeto extraclasse- planejado conjuntamente com mais quatro estagiárias⁵ do Colégio de Aplicação na mesma ocasião. Para finalizar o nosso relatório, inserimos uma sessão sobre as práticas do fazer docente, como também as nossas considerações gerais da experiência de estágio I. Na sessão Anexos inserimos documentos mais gerais e referentes ao todo do estágio, os demais anexos estão nas referidas aulas do projeto de docência e do projeto extraclasse.

Convidamos você, leitor e leitora, a segurar conosco o fio⁶ que nos ajudará a tecer esse texto, que aqui construiremos em um longo diálogo entre os fios de nossos saberes. O resultado será o nosso aprendizado constante.

A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

1.1 A escola em foco

O local onde realizamos o estágio supervisionado I foi o Colégio de Aplicação que é uma unidade de Educação Básica da Universidade Federal de Santa Catarina, vinculado ao Centro de Ciências da Educação, situado no *campus* universitário e integrado ao Sistema Federal de Ensino, portanto, de caráter público, gratuito, laico e inclusivo.. É uma escola de referência para o desenvolvimento indissociável de atividades de ensino, pesquisa e extensão, com foco em inovações pedagógicas e na formação docente inicial e continuada.

⁵ Projeto Extraclasse de autoria das estagiárias: Ana Luiza Bazzo da Rosa, Bruna Maria Boing Ribeiro, Erika Costa Agnellino, Rafaela Miliorini Alves de Brito, Raquel Darelli Michelin, Thalita da Silva Coelho, sob o Título: Pés na estrada e mãos à obra: o gênero ensaio no ambiente escolar.

⁶ Leia-se aqui o mesmo fio que Geraldini (1997) afirma que [...]“é o encontro destes fios que produz a cadeia de leituras construindo os sentidos de um texto. E como cadeia, os elos de ligação são aqueles fornecidos pelos fios das estratégias escolhidas pela experiência de produção do outro (autor) com que o leitor se encontra na relação interlocutiva de leitura” (p.166)

1.1.1 Histórico

Foi criado em 1961, sob a denominação de Ginásio de Aplicação e com o objetivo de servir de campo de estágio destinado à prática docente dos alunos matriculados nos cursos de Didática (Geral e Específica) da Faculdade Catarinense de Filosofia (FCF). Inicialmente, foi implementada apenas a 1ª série ginásial, e a cada ano subsequente foi sendo acrescentada uma nova série até completar as quatro séries do ciclo ginásial. No ano de 1970, o nome Ginásio de Aplicação foi substituído por Colégio de Aplicação, que passou a ter a primeira série do ciclo secundário, com os cursos Clássico e Científico. As demais séries do Ensino Médio foram implementadas gradativamente nos anos seguintes.

Os alunos que frequentavam, até então, o Colégio de Aplicação eram filhos de professores e servidores técnico-administrativos da Universidade Federal de Santa Catarina. A partir da Resolução n. 013/CEPE/92, ficou estabelecido o número de três turmas por série, com 25 alunos cada uma, e o ingresso de alunos no Colégio passou a ocorrer por sorteio aberto à comunidade, o que remete ao recebimento de alunos oriundos de diversos lugares da Grande Florianópolis e do estado.

O Colégio segue a política educacional adotada pela Universidade Federal de Santa Catarina, que visa atender à trilogia ensino, pesquisa e extensão. No presente momento, está em processo de implementação do Projeto Político-Pedagógico (PPP), que foi concebido a partir de uma proposta de gestão participativa.

1.1.2 O espaço escolar e o quadro de funcionários

Atualmente, o Colégio de Aplicação é uma unidade educacional que atende ao Ensino Fundamental e Médio, funciona em prédio próprio, no *campus* universitário, localizado no bairro da Trindade, em Florianópolis, contando com 23 salas de aula. Conta também com laboratórios para diversas disciplinas, como Química, Biologia, Língua Portuguesa, línguas estrangeiras, sala de dança, teatro, música etc. Possui ainda biblioteca com toda a estrutura de bibliotecários que auxiliam os alunos na escolha e no empréstimo de materiais, além de ter a Biblioteca Central da universidade à disposição dos alunos; consultório médico; serviço de supervisão escolar; coordenadoria de comunicação, divulgação e eventos; coordenadoria de estágio; setor de inclusão; secretaria e orientação educacional; salas para professores, sendo que cada disciplina tem a sua; refeitório para merenda escolar, que conta com verba de 0,13 centavos por aluno; auditório grande e dois miniauditórios; brinquedoteca; sala de informática; sala de leitura; sala de convivência dos professores e dos

servidores; sala de reuniões; pátio amplo; quadras esportivas etc. As salas dos nonos anos têm computador, projetor multimídia e dois murais de recados, pois a sala é dividida com os terceiros anos, que tem aulas de manhã, enquanto os nonos anos tem aulas no período vespertino, e cada série tem o seu mural na sala.

No Colégio há um programa de educação inclusiva cumprindo as exigências da Constituição Brasileira e das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n. 9.394/96, que asseguram às pessoas com história de deficiência igualdade de condições para seu acesso e permanência na escola por meio de atendimento especializado.

Atende 932 alunos, sendo 78 alunos de nonos anos; conta com o apoio de 30 funcionários técnico-administrativos e 84 professores efetivos e 16 substitutos.

O perfil socioeconômico dos alunos é bastante heterogêneo, tendo em vista que o processo de ingresso se dá por meio de sorteio aberto à comunidade em geral, de modo que as turmas apresentam alunos provenientes de diversas camadas sociais.

1.1.3 Projeto Político-Pedagógico

O Projeto Político-Pedagógico (Anexo A) tem por princípio organizar/orientar a escola, visando a um melhor aproveitamento no processo de ensino e aprendizagem. Serve tanto para a aprendizagem do aluno como para o conhecimento do professor. É um instrumento construído democraticamente com a participação da comunidade escolar.

Quanto aos pressupostos filosóficos, a comunidade do Colégio de Aplicação definiu para o Projeto Político-Pedagógico os seguintes princípios norteadores:

1. natureza: situado no Campus Universitário, é uma escola experimental mantida pela Universidade, integrada ao Sistema Federal de Ensino.
2. finalidade: a) servir de campo de observação, pesquisa, experimentação, demonstração e aplicação de métodos e técnicas de ensino, de acordo com a legislação vigente; b) proporcionar a prática de ensino aos acadêmicos dos cursos de Licenciatura e Educação e os estágios supervisionados do Centro de Ciências da Educação. c) desenvolver práticas e produzir conhecimentos em função de uma melhor qualidade de ensino, estendendo-os à comunidade; d) formar cidadãos livres, conscientes e responsáveis; e e) instrumentalizar o educando para uma atuação crítica e produtiva no processo de transformação e construção consciente de uma sociedade justa, humanitária e igualitária:

3. objetivos: o Colégio de Aplicação tem como objetivo geral proporcionar a transmissão, a produção e a apropriação crítica do conhecimento com o fim de instrumentalizar a responsabilidade social e a afirmação histórica dos educandos.

Nos fundamentos metodológicos do Projeto Político-Pedagógico do Colégio de Aplicação, há a concepção de educação, currículo, criança, infância e juventude, bem como os pilares do currículo – alfabetização e letramento; interdisciplinaridade; iniciação científica e formação de leitores.

Por se constituir em uma escola “experimental”, como definido no Decreto de 1946, o Colégio possibilita a existência de práticas pedagógicas diferenciadas. Faz-se necessário explicitar essa existência, referendando no PPP as diferentes propostas pedagógicas, como práticas pedagógicas institucionalizadas:

- Turmas “A”: fundadas no Construtivismo.
- Turmas “B”: adotam perspectivas teóricas diversas.
- Turmas “C”: fundadas na Pedagogia de Projetos.

O PPP apresenta, ainda, informações sobre educação inclusiva, níveis e modalidade de ensino, composição curricular, sistema de avaliação do processo de ensino–aprendizagem: avaliação do rendimento escolar, recuperação de estudos, conselho de classe, frequência, aprovação e reprovação, e revisão do resultado do conselho de classe final. Por fim, discorre sobre a estrutura organizacional, a estrutura física, o espaço físico, a localização, o funcionamento e a estrutura administrativa (constituição e estrutura curricular).

1.2 A turma em foco

A turma que escolhemos para a docência foi a 9º.B – nono ano do Ensino Fundamental, no período vespertino. O grupo é composto de 26 alunos regularmente matriculados, sendo aproximadamente 16 meninas e 10 meninos, todos na faixa etária entre 13 e 15 anos.

É notória a presença de ‘panelinhas’ na sala, que se formam devido à afinidade entre os alunos. Entretanto, percebemos certa união na turma, pois, na medida do possível, eles respeitam e ajudam seus colegas. Por meio de questionário aplicado na turma, foi possível constatar que é uma turma que tem o hábito de ler. Dentre as coisas que costumam ler, estão gibis, *blogs*, livros, revistas, crônicas, HQs, jornais etc. Fora da escola, assistem à TV, vão ao cinema e à casa de amigos, gostam de ir à praia, ficar na internet, praticar esportes, ler, andar de *skate*, assistir a seriados que passam na

TV, jogar videogame, fazer curso de inglês, de teatro, de música, ir à academia etc.

A relação dos alunos com o professor é estabelecida de tal modo que não se confundem as identidades; é possível perceber quem é o professor e quem são os alunos. Quando o momento permite, a professora faz brincadeiras e ri com os alunos e, quando é preciso, é firme com eles. Percebe-se que há um ambiente de respeito entre alunos e professores: quando os alunos querem perguntar algo, levantam a mão; e, quando a professora permite a fala, eles fazem suas colocações. Nas aulas é sempre solicitada a participação dos alunos, o que permite que eles possam expressar suas opiniões. Os alunos parecem gostar da disciplina, pois participam bastante das aulas e não saem falando mal das aulas. Também parecem gostar da escola.

Nossa impressão é de que a turma, no geral, é agitada e muito participativa; porém, não muito responsável, pois os alunos deixam de entregar trabalhos e tarefas. Mas são prestativos e colaboram com o andamento da aula. É um grupo que tem um bom entrosamento; apesar de existirem algumas duplas e grupos formados, eles se relacionam bem uns com os outros.

1.3 A prática docente em foco

1.3.1 O professor de Língua Portuguesa

A professora regente da turma do nono ano B leciona Língua Portuguesa no Colégio de Aplicação desde fevereiro de 2011, quando ingressou na Instituição por meio de concurso público. Ainda está em estágio probatório, faltando alguns meses para completar a efetivação.

Leciona há 27 anos, tendo a primeira experiência em setembro de 1986 na escola multisseriada chamada Escola Isolda São Maurício, em Braço do Norte, com contrato temporário. Sua efetivação no estado lecionando Língua Portuguesa se deu no ano de 1990. É graduada em Língua Portuguesa e Inglesa com suas respectivas literaturas pela UNOESC, em Chapecó, e em Língua Espanhola, Literatura Espanhola e Latino-Americana pela UFSC. Possui mestrado em Ciências da Linguagem pela Unisul.

No Colégio de Aplicação, trabalha em regime de 40 horas, com dedicação exclusiva ao Colégio, assumindo a disciplina de LP nas três turmas de nono ano do Ensino Fundamental. Além de lecionar, ela é presidente da Associação de Pais e Professores (APP); orientadora de duas estudantes do Ensino Médio com bolsas PIBIC; coordenadora do Projeto Infoestrada do Conhecimento; integrante do Grupo de Estudos de Linguagem do Colégio de Aplicação (GELCA); e integrante da Comissão da Reforma Curricular.

1.3.2 Atuação do professor caracterização do ensino de Língua Portuguesa

A carga horária da turma 9B é de cinco aulas semanais, distribuídas em uma aula de 50 minutos às quartas feiras, das 13h30 às 14h20 (aula destinada à leitura na sala de leitura), duas aulas faixas de 50 minutos cada na quinta-feira, das 14h20 às 16h00, e duas aulas faixas na sexta-feira de 45 minutos cada, das 16h20 às 17h50.

O tempo que assistimos às aulas de LP foi curto para que possamos saber ao certo qual a metodologia adotada pela professora em suas aulas, pois, além do pouco tempo, bem no momento em que estivemos assistindo às aulas os alunos estavam entregando e apresentando trabalhos. Nesses dias, a professora utilizou muito o computador, pois a entrega dos trabalhos era por *e-mail*. Na aula, com o auxílio de uma aluna que abria o *e-mail* da professora, ela checava se os alunos haviam entregado o trabalho. Acompanhou um por um, anotou e fez seus comentários para a turma. Todas as aulas eram divididas em etapas: primeiramente a chamada, depois a verificação de quem entregou e de quem não entregou as tarefas, apresentação dos critérios de avaliação e uma análise de um trabalho, no caso uma entrevista, de um aluno que foi sorteado, juntamente com a turma. Os próprios alunos faziam a análise do trabalho com base nos critérios apresentados e teciam uma crítica a esse trabalho.

O processo de avaliação adotado pela professora é processual. Ela trabalha com a reescrita dos trabalhos, tendo cada etapa sua nota. Primeiramente, somente por ter feito e entregado o trabalho, o aluno recebe nota 10. Depois ela corrige e atribui uma nota com base nos critérios apresentados para os alunos, devolvendo para os grupos melhorarem o trabalho. Por fim, os alunos entregam a versão final e a professora atribui mais uma nota. No caso da entrevista, foi dada uma nota para a versão escrita e uma para a versão oral, isto é, áudio ou vídeo.

A concepção de ensino de língua que rege o ato pedagógico toma a língua como interação, isto é, os sujeitos aprendem na relação que estabelecem com o outro pela linguagem. Quando se pensa em interação, consideram-se aquelas vivenciadas antes dos alunos chegarem à escola, ou seja, o que trazem de conhecimento prévio sobre língua. Nesse caso, não se pensa o aluno como uma tábula rasa. A língua constitui um processo de evolução ininterrupto que se realiza por meio da interação verbal social dos sujeitos.

Os objetivos da aula estiveram sempre explícitos, inclusive para os alunos, pois no início de cada aula a professora lembrava os alunos das tarefas para aquela aula e pedia a eles que anotassem a pauta do dia, isto é, os objetivos da aula. Quanto aos conteúdos, isto é, a unidade privilegiada para o ensino, pode-se concluir que foram trabalhadas a linguagem oral, a linguagem escrita, a leitura e a

análise linguística, resumidas nos eixos de ensino do português que propõe Geraldini: leitura, produção escrita e análise linguística.

O trabalho da professora é orientado pela perspectiva do gênero do discurso, isto é, ela trabalha por meio de textos, por isso opta por não utilizar muito o livro didático (distribuído gratuitamente pelo Programa Nacional do Livro Didático, “Linguagens: 9º ano”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães), preferindo selecionar textos mais recentes que circulam em jornais, pois quase toda a ementa dos nonos anos trabalha com gêneros jornalísticos. Sendo assim, fica muito mais interessante e coerente levar os diários locais para a sala de aula, pois aproximam a realidade da vida escolar com a possibilidade de crítica e análise linguística de tais textos.

2. O PROJETO DE DOCÊNCIA

2.1 Problematização

Enquanto expectadoras da prática educativa do outro buscávamos uma centelha de momento daquilo que, para nós, pudesse fazer o diferencial na arte de “chamar” o aluno para o ensino-aprendizagem; quando então, iniciamos a tarefa de encontrar um caminho para que, assim, pudéssemos nos alicerçar e seguir no planejamento de nossa ação docente. Foi no espaço aberto da etapa de observação do estágio que iniciamos algumas reflexões sobre tudo aquilo que já havíamos estudado durante a graduação, um momento também em que várias ideias foram retomadas e, num primeiro momento, nenhuma parecia se articular com a realidade concreta e viva dos alunos. Então, como perceber aquilo que seria o mais apropriado a ser feito, como escolher a melhor forma e fórmula para que esses alunos pudessem atingir alguns objetivos e como ensinar os alunos a lidarem com um determinado gênero do discurso de modo que este lhes fizesse sentido? Tivemos muitas perguntas, muitas dúvidas e, ao olhar adiante, percebemos, também, muitos eixos a serem seguidos, e, nesse emaranhado de idas sem vindas, seguimos em busca de um, não o único, mas o mais apropriado para eles naquele momento.

Aproveitando o que temos é que devemos seguir, sugere o adágio popular e, aos poucos, fomos percebendo uma realidade muito mais próxima de nosso aprendizado do que supúnhamos, pois o colégio de Aplicação,

[...] autorizado pela Portaria nº 673, de 17 de julho de 1961 da Diretoria do Ensino Secundário do Ministério da Educação, órgão integrante do Centro de Ciências da Educação,

situado no Campus Universitário, é uma escola experimental mantida pela Universidade, integrada ao Sistema Federal de Ensino, **objetivando o desenvolvimento de experiências pedagógicas e estágios supervisionados para os cursos de Licenciatura e Educação**, segundo as exigências da Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB) e Resoluções exaradas pelo Conselho Nacional de Educação. (Projeto Político Pedagógico – PPP, 2012, p.7 grifos nossos).

Portanto, um espaço ideal para que pudéssemos desenvolver nosso aprendizado da docência, seja pautadas nos PCN's ou alicerçadas no PPP do Colégio de Aplicação, doravante C.A. O que encontramos foi um quadro muito diferente do que acontece em termos de *ensino de língua* em algumas escolas, principalmente nas particulares, em que professores estão preocupados com o ensino de análises sintáticas para que seus alunos sejam capazes de identificar os sujeitos das orações e transformando-os, assim, em mais um concorrente dos vestibulares, não levando em conta que esses alunos “[...] nunca serão o sujeito das suas próprias histórias.” (ALMEIDA, 1984 in: GERALDI. p.16, 2000.).

Em contrapartida, observamos que a professora L. assim como os demais professores do C.A, privilegiam um ensino de língua pautado nas *práticas de linguagem*⁷, nas *atividades de linguagem*⁸ e nos *gêneros da linguagem*⁹, tal como postulam Schneuwly e Dolz em *Os Gêneros Escolares – das Práticas de Linguagem aos Objetos de Ensino*. O ensino pautado nas práticas de linguagem e no uso contextualizado dos gêneros do discurso possibilita que o aprendizado de uma língua flua com mais facilidade. Sendo assim, exercícios que servem unicamente para avaliar e julgar os alunos, sem que haja uma reflexão sobre o uso da língua nas mais diferentes situações de interação não representam possibilidades significativas de aprendizado. Na prática docente acompanhada, observamos o trabalho com leitura (considerando diferentes objetivos), produção textual (escrita e reescrita) e análise linguística. Desse modo, temos um ensino de língua portuguesa que parte da reflexão sobre os usos da língua.

Diante da realidade encontrada em sala de aula, procuramos, então, planejar aulas que aproximassem os alunos das suas realidades. Para isso, recorreremos a alguns dos conhecimentos prévios desses alunos.

⁷ “são o lugar de manifestações do individual e do social na linguagem” (Bautier 1995 apud Schneuwly e Dolz).

⁸ Atividades de Linguagem: Produção, compreensão interpretação e/ou memorização um conjunto de enunciados orais ou escritos. INTERAÇÃO-SUJEITO-MEIO (idem ibidem).

⁹ É a partir dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes. O locutor consegue perceber em que gênero está inserido na prática de linguagem. (idem ibidem).

Afinal de contas, o professor/estagiário nessa altura do curso deve ter adquirido conhecimento sobre as concepções de língua, quando não devemos tomá-la como um sistema pronto em que o sujeito dela se apropria e constrói a interlocução, ou partir de concepções sobre o uso da língua para expressão do pensamento. Quando é preciso muito mais que isso para um professor iniciante ou não. Partimos da concepção *Bakhtiniana*¹⁰ de língua e de sujeito, em que tomamos a língua como um fenômeno social da interação verbal, afinal é só na interação que a língua se constitui, o sujeito precisa de plena participação social e a escola é mais um desses lugares.

Deste mesmo modo é que os autores Schneuwly e Dolz (1997)¹¹ afirmam que devemos partir dos gêneros para as práticas de linguagem, para que então, as atividades dos aprendizes possam materializar-se em produções reais, que circulam socialmente. Mas, então, como trazer esse gênero de modo que ele não se transfigure dentro do espaço escolar? Neste sentido, pensamos em uma maneira para que o gênero trabalhado em aula não perdesse suas características e nem, tão pouco, se transformasse em um gênero meramente escolar. Com base nessas preocupações, planejamos a inserção do gênero de maneira que fizesse sentido para esses jovens alunos. Sendo assim, o gênero deverá compreender três grandes princípios básicos no processo didático tais como, *legitimidade*, *pertinência* e *solidarização*, pois, [...] “Quanto mais precisa a definição das dimensões ensináveis de um gênero, mais ela facilitará a apropriação deste instrumento e possibilitará o desenvolvimento de capacidades de linguagem diversas que a ele estão associadas [...]”. (p.89)

2.2 Tema e justificativa

Pensando sobre a melhor forma de planejar nossas aulas, escolhemos trabalhar com “pontos de vista”, de maneira que eles tivessem razão para dizer, o que dizer e como dizer, assim como sugere Geraldi (1997). Para identificar nosso projeto de docência, surgiu um nome: *Crônicas de um olhar: depoimento e testemunho*, pois era o que sintetizava a necessidade mais emergente que os alunos tinham de retratar e relatar seu cotidiano. Como pudemos testemunhar, os assuntos que circulavam em conversas paralelas pela sala eram relatos seus ou de outros, muitas vezes, compartilhados em rede social tais como, o *FaceBook* ou *Twitter* ou muitas vezes de fotos em seus celulares. Diante do que presenciamos, optamos por aliar esta recente ferramenta das redes sociais que unem fotos com relatos breves do cotidiano. Precisávamos andar de acordo com os interesses dos aprendizes a fim

¹⁰ BAKHTIN [Voločínov] 1929 em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*.

¹¹ Schneuwly e Dolz (1997)..

de que nossas aulas fizessem algum sentido para eles. Afinal de contas, os interesses mudam e a forma de inserir o conhecimento dentro de aula deve vir se adequando com o tempo, fazendo da escola um espaço desejado, de pertencimento e de interação.

Pensando na efemeridade e brevidade das informações dentro ou fora das redes sociais, jornais ou em suas vidas pessoais é que optamos por trabalhar com *Crônicas e depoimentos*, gêneros nos quais assuntos cotidianos pudessem ser trabalhados, aproveitando as habilidades que esses alunos têm de relatar e de retratar algo. Fizemos essas justificativas para levá-los à compreensão das nossas escolhas, pois desejávamos que ao recolher esses relatos/depoimentos, eles pudessem instigar um olhar curioso em busca de imagens, de um momento e de uma curiosidade que merecesse um registro textual e fotográfico. Pois, como já apontava Freire, é preciso aproveitar os conhecimentos prévios desses alunos para o sucesso do processo de ensino. Dentro desses pressupostos é que inserimos um gênero do qual eles já faziam uso, uma vez que a maioria de jovens dessa faixa etária são leitores e usuários de *blogs, tumblr e FaceBook* e estão constantemente imersos no mundo das redes sociais, um mundo da efemeridade, da brevidade das informações e das imagens. Assim, com essas ferramentas em mãos escolhemos o tema e construímos o nosso projeto de docência.

Entretanto, sabemos que nem a fotografia e nem a crônica pressupõem o registro totalitário de um fato, de uma verdade, de um momento, mas sim um fragmento desse todo. Nossa proposta era justamente nos valer desse recorte criativo do cotidiano para a construção do fazer literário, em que o cotidiano seria pretexto para as produções textuais. Partimos desses primeiros olhares e percepções acerca dos interesses em comum dos alunos, seguimos na intenção de que, assim, pudessem identificar, também, o fazer de um cronista, suas concepções e suas especificidades, para na sequência, e, com os instrumentos que oferecemos a eles, então, pudessem construir suas crônicas, assim como, os testemunhos e os depoimentos.

Preocupamo-nos, também, com os interesses pessoais deles, a fim de que os textos pudessem aproximar os alunos das suas realidades, para que, a partir da fruição exercitassem o aprendizado de um gênero. Pois, segundo os argumentos de Antonio Candido, é

[...] importante insistir no papel da simplicidade, **brevidade e graça próprias da crônica**. Os professores tendem muitas vezes a inculcar nos alunos uma ideia falsa de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que conseqüentemente a leveza é superficial. Na verdade, **aprende-se muito quando se diverte**, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para

mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas.” (1992, p. 19 grifos nossos).¹²

2.3 Fundamentação teórica

Ao procurar fundamentar a nossa ação docente no ensino de língua materna, resolvemos assumir uma abordagem teórico-metodológica que, paralelamente ao estudo linguístico, também levasse em conta os sujeitos em suas relações sociais mais amplas, e que tivesse em vista estas relações como um aspecto fundamental para se compreender o processo de aprendizagem em sala de aula. Optamos, assim, de acordo com esse propósito inicial, por fazer um recorte das teorias interacionistas e sócio históricas e, nestas, selecionar os conceitos relevantes à compreensão dos elementos psicossociais implicados no ensino escolar. E, mais propriamente, os que levassem em conta modificações sociais e psicológicas ocorridas nos participantes das relações destas trocas simbólicas institucionalizadas (SOARES, 2000). Desse modo, o ângulo que adotamos para elaborar nosso projeto, sustentou-se no estudo de dois autores centrais: Geraldi (1997) e Soares (2000).

O primeiro deles, Geraldi, (1997), nos ajudou especialmente na caracterização do contexto escolar como um “processo de interação verbal em sua situação concreta”. Buscamos, assim, dar ênfase, como discutido acima, à estrutura social mais ampla em que estão inseridos os alunos do C.A. Afinal, é este o lugar em que os sujeitos estão atuando de forma mais própria, de forma cotidiana e concreta, através de suas falas e ações.

Em uma perspectiva mais ampla, a aprendizagem na escola, além de fornecer uma educação formal, atua também como órgão social que conserva, transmite, reproduz e/ou modifica os bens e os valores sociais e culturais. Mais profundamente ainda, atua como agente intermediário nas relações dos sujeitos com a cultura em que vivem, ou seja, em seus desenvolvimentos ontogenéticos (SOARES, 2000).

Ao elaborar o projeto *Crônicas de um olhar: depoimento e testemunho* tomamos como referência a prática efetiva do uso da linguagem conforme está proposto nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* em que, entre outras coisas, preconiza que,

Interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. [...] quando um sujeito interage verbalmente com outro, o discurso se organiza a partir das finalidades e intenções do

¹² CANDIDO, Antonio apud CREMASCO, Victor Hugo F. et al.

locutor, dos conhecimentos que acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidades e do grau de familiaridade que têm, da posição social e hierárquica que ocupam. (PCN's, 1998, p.21)

A partir do conceito acima exposto e, como observado em sala de aula, foi primordial para que percebêssemos aquilo que, naquela ocasião, poderia fazer mais sentido para esses alunos. Na posição de professor e, com todo alicerce teórico de nossa formação, enxergar o comportamento dos alunos e decidir como trabalhar foi uma escolha tomada com base no exercício efetivo com *Gêneros do Discurso*, assim como, em função das intenções comunicativas e de seus usos sociais.

Como já dito anteriormente, nesse trabalho, para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa, foi preciso aproximar as práticas pedagógicas das necessidades efetivas dos alunos envolvidos no processo de ensino. Para que isso acontecesse foi preciso que o professor/estagiário tivesse em mente que a língua não é um sistema pronto em que o sujeito dela se apropria e constrói a interlocução. Pois, primeiramente, o sujeito precisa de plena participação social. Quando então, é essa que garante o acesso à informação, à expressão e à colocação de pontos de vista, e nesse sentido, compartilhar relatos/depoimentos e suas opiniões em *crônicas* contribuindo para a apropriação da língua em uso.

Na verdade, esse deve ser objetivo de toda escola, ou seja, garantir ao aluno o domínio de sua língua via tomada de opiniões levando em conta cada ponto de vista, cada olhar, cada busca incessante pela razão de dizer, tornando, assim, o aluno, um sujeito capaz de refletir e assumir posições sobre assuntos diversos e não apenas aceitar tudo como verdade.

2.4 Avaliação

Os alunos foram avaliados de forma continuada pela participação nos debates e provocações propostas, pontualidade na entrega das atividades, adequação dos textos escritos aos gêneros e às convenções próprias da modalidade escrita da língua, clareza e coerência no uso da oralidade.

Avaliamos a escrita em suas diversas produções, assim como, na escrita e reescrita, observamos a evolução dessa etapa após aulas de análise linguística. Observamos, também, a adequação do texto escrito com aquilo que foi proposto, na produção das crônicas e na produção da síntese do livro ou na coleta dos depoimentos.

A partir das argumentações dos alunos avaliamos sua compreensão em leitura, para tanto, observamos a pertinência das respostas dos roteiros entregues. A avaliação que encerrou o projeto tinha como objetivo a publicação das crônicas em um *blog*, visou, principalmente, avaliar o conhecimento dos alunos no que se refere à circulação do gênero, adequação do texto com a imagem, como também, a pertinência do texto com o seu meio de circulação, possibilitando futuramente um retorno de suas publicações, uma vez que essas serão de acesso público, ou seja, podendo receber alguns comentários.

Assim como Cipriano Luckesi (1999) defende, nós concordamos que a avaliação

é uma atividade que não existe nem subsiste por si mesma. Ela só faz sentido na medida em que serve para o diagnóstico da execução e dos resultados que estão sendo buscados e obtidos. A avaliação é um instrumento auxiliar da melhoria dos resultados.¹³

Neste sentido, não tivemos, aqui, a intenção de avaliar para julgar o aluno, mas que a partir de cada processo, pudéssemos prosseguir ou redirecionar nossos objetivos, assim como, a metodologia desse ato de planejar e replanejar.

2.5 Objetivos

Nossos objetivos foram inserir no mundo desses alunos os gêneros crônica e depoimento por meio da leitura fruição, leitura estudo, leitura busca de informações e produção de textos e imagens, trazidas de jornais, revistas, internet e livros, isto é, que existissem de fato fora da sala de aula (em sociedade), esse foi o objetivo articulador do nosso projeto de docência. Para tanto, desenvolvemos atividades que possibilitaram a compreensão do lugar de circulação dos textos dos quais estudamos, pois tratava-se de gêneros que fazem parte de seus cotidianos, e não um gênero meramente feito para a escola e na escola, mas que perpassam os muros desta.

Além disso, procuramos possibilitar aos alunos interação com textos do gênero crônica, ampliando as possibilidades de leitura dos alunos, procuramos instigar o gosto pela leitura de modo que eles leiam cada vez mais, para que esta possa ser uma prática em suas vidas, de modo a contribuir para implementar, melhorar e fomentar as práticas de uso da língua pelos alunos.

Ao longo do desenvolvimento das aulas, desenvolvemos conhecimentos relativos à produção escrita do gênero crônica, e, também, sobre o fazer do cronista, assim como, da proximidade da crônica

¹³ Cipriano Luckesi apud CEREJA, W.R., MAGALHÃES (1998).

com o gênero jornalístico. Para tanto, desenvolvemos conhecimentos referentes à coleta da fala do outro, como também, do seu registro.

Todavia, além desses objetivos, desenvolvemos atividades que levaram os alunos a uma atitude reflexiva, questionadora, consciente e pensante em relação ao processo de escrita para que fosse desenvolvido de modo ativo e interativo e não de maneira passiva de modo a aceitar e aderir a conhecimentos prontos e acabados sem questionamentos e reflexão, tornando-se assim meros reprodutores dos conteúdos passados em sala de aula.

Levar os alunos ao conhecimento dos meios de circulação dos textos produzidos por eles foi mais um dos objetivos de nossa ação docente e, para isso, utilizamos as ferramentas de um *blog* da turma, o que amplia de modo significativo o número de leitores, para que assim, eles pudessem ter seus textos circulando em diversos espaços, tendo em vista que o *blog* é aberto ao público. Nesse sentido, essa informação serviu para que no momento da escrita, eles pudessem saber para quem escrever, item indispensável no momento da escrita de qualquer gênero. Sendo assim, suas produções textuais não ficaram restritas à leitura do professor para a atribuição de uma nota, uma vez que se possibilitou a produção de crônicas em situação real de escrita, leitura e circulação.

2.6 Conhecimentos trabalhados

Os conhecimentos escolares que foram abordados em sala ao longo da execução do projeto serviram para facilitar “ao(à) aluno(a) uma compreensão acurada da realidade em que está inserido” (BEAUCHAMP, 2007, p.21.), possibilitaram “uma ação consciente e segura do mundo imediato e [...], além disso, promov[eram] a ampliação do seu universo cultural” (BEAUCHAMP, p.21, 2007). Nesse sentido é que os aspectos da Língua Portuguesa e da Literatura trabalhados contemplaram três eixos: leitura (oral e silenciosa), produção escrita do gênero crônica e depoimento e análise linguística dos textos produzidos pelos alunos. Foram trabalhados, também, conhecimentos acerca da função social, forma de composição, compreensão e interpretação do gênero crônica. Outro aspecto privilegiado em nossa ação docente foi a prática de revisão e de reescrita, processo, que possibilitou a reelaboração e melhoria de uma versão para a outra, o que contribuiu para a elaboração da versão final da crônica. Diante das dificuldades da turma, trabalhamos alguns conhecimentos linguísticos mais específicos, tais como, coesão, vírgulas, regência verbal, complemento verbal, uso do *mas/mais*, plurais e crases. Todos foram trabalhados em aulas exclusivamente pautadas em necessidades identificadas em seus próprios textos.

2.7 Metodologia

Partindo da concepção de língua(gem) como interação entre sujeitos situados historicamente, ou seja, de que indivíduos sociais se constituem como tal na interação com os outros indivíduos, o ensino de língua materna deve partir do conhecimento que os alunos já trazem consigo de casa e dos usos reais de língua, pois

[...] a língua materna – sua composição vocabular e estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas [enunciados concretos] que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações [enunciados] e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (por que falamos por meio de enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). (BAKHTIN, 2003 [1979]. p. 282-83 in HAMMES et al., 2011, p.90.)

Encaminhamos a nossa docência com o foco em como os conhecimentos produzidos possam trazer ganhos sociais para os alunos buscando conferir a eles autonomia para circularem melhor socialmente. Nesse contexto, o professor tido como único detentor do saber e por isso transmissor de conhecimento em sala de aula, sai de cena e dá lugar à figura do mediador, ou seja, daquele que também aprende ao ensinar. O papel do docente é o de provocar os alunos a refletirem sobre a relação do conhecimento com o mundo, fazendo com que eles assumam um papel ativo no processo de ensino-aprendizagem.

[...] não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem às condições de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996, p. 23).

Para a realização das aulas foram necessários alguns textos, dos quais estão especificados nas referidas aulas, bem como recursos materiais mais gerais, tais como: Quadro negro, giz e computador com projetor multimídia, disponíveis na própria sala de aula; PC próprio e internet 3G, para caso a mídia do colégio não funcionasse; Cópias para os alunos dos textos a serem lidos e analisados; folhas de papel em branco ou pautadas, livros e jornais, todos disponibilizados pelas estagiárias; Canetas; lápis; borracha, ou seja, material de uso pessoal, aqueles que os alunos devem sempre levar para a escola.

A seguir, apresentamos um quadro síntese com os conteúdos ministrados a cada aula.

DATAS	AULAS	CONTEÚDO
5/05 Quarta-feira AULA 1	1 AULA 13h30 às 14h20	➤ Gênero Crônica
16/05 Quinta-feira AULA 2	2 AULAS 14h20 às 16h00	➤ Por onde andam as crônicas?
17/05 Sexta-feira AULA 3	2 AULAS 16h20 às 17h05	➤ <i>Porta do Colégio</i>
29/05 Quarta-feira AULA 4	1 AULA 13h30 às 14h20	➤ Produção textual a partir de depoimento.
05/06 Quarta-feira AULA 5	1 AULA 13h30 às 14h20	➤ Depoimentos
06/06 Quinta-feira AULA 6	2 AULAS 14h20 às 16h00	➤ Era uma vez em quadrinhos.
07/06 Sexta-feira AULA 7	2 AULAS 16h20 às 17h50	➤ Depoimento de integrante do MST.
08/06 Sábado AULA 8	2 AULAS 8h20 às 10h00	➤ O fazer do cronista e a escrita de crônicas
12/06 Quarta-feira AULA 9	1 AULA 13h30 às 14h20	➤ Análise linguística.
14/06 Sexta-feira AULA 10	2 AULAS 16h20 às 17h50	➤ Análise Linguística.
19/06 Quarta-feira AULA 11	1 AULA 13h30 às 14h20	➤ A última crônica.
20/06 Quinta-feira AULA 12	2 AULAS 14h20 às 16h	➤ Identificação das Crônicas.
21/06 Sexta-feira AULA 13	2 AULAS 16h20 às 17h50	➤ Socialização das Crônicas produzidas pelos alunos.

2.9 Planejamentos

2.9.1 Planos de aula – aula 1 à aula 21:

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Instituição: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Professora regente: Lisiane Vandresen

Estagiária responsável pela aula: Bruna Maria Boing Ribeiro

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 9º ano

Data da atividade: 15/05/2013 – quarta-feira

Tempo de aula: 1 hora-aula, com 50 minutos

Horário: 13h30 às 14h20

PLANO DE AULA 1

TEMA

Gênero Crônica

OBJETIVOS

- Conhecer o projeto de docência “Crônicas de um olhar: depoimento e testemunho” a partir da leitura de uma tabela da síntese do projeto;
- Aproximar-se do gênero crônica pela leitura-fruição de diferentes crônicas;
- Reconhecer a crônica como um gênero que aborda temas do cotidiano;
- Identificar os temas das crônicas.

CONTEÚDO

- Leitura- busca de informações: tabela do projeto de docência;
- Leitura-fruição de crônicas.

METODOLOGIA

1º. Escrever o título do projeto no quadro e provocar uma discussão acerca do título questionando os alunos sobre o que eles pensam que será tratado no projeto.

2º. Entregar para os alunos uma folha que contém uma tabela da síntese do projeto.

3º. Apresentar o projeto de docência aos estudantes: “CRÔNICAS DE UM OLHAR: depoimento e testemunho”.

4º. Verificar se os alunos têm alguma dúvida com relação ao que foi apresentado.

5º. Distribuir, para leitura-fruição, cópias impressas em papéis coloridos de algumas crônicas selecionadas.

6º. Após todos terminarem a leitura, redistribuir as cópias impressas das crônicas.

7º. Assim que todos tiverem lido as crônicas dialogar sobre os temas abordados nas crônicas lidas.

8º. Ao final da dinâmica de leitura, questionar os alunos sobre o que eles já sabem sobre crônicas, quem costuma ler crônicas em jornais, revistas ou em blogs na internet, quem já ouviu crônicas em programas de rádio ou televisão, etc.

RECURSOS DIDÁTICOS

Folha que contém uma síntese do projeto de docência, quadro negro, giz, caneta, lápis, caneta, 26 folhas impressas das crônicas.

Crônicas a serem lidas: A foto, Bobagem, Porta do Banheiro, Sexta-feira 13 de Luís Fernando Veríssimo; A velha contrabandista de Stanislaw Ponte Preta; Guerrilha Urbana de Ivan Ângelo; Cobrança de Moacyr Scliar e Odabed de Rubem Braga.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados quanto à compreensão do gênero crônica e à identificação dos temas abordados. Nas manifestações orais serão observadas a clareza, a objetividade, coerência acerca das respostas aos questionamentos da professora estagiária, assim como em relação aos questionamentos dos alunos.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Ivan. **O comprador de aventuras e outras crônicas**. São Paulo: Ática, 2000.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRAGA, Rubem. **Para gosta de ler: Volume 4 – crônicas**. São Paulo: Ática, 1979.

PRETA, Stanislaw Ponte. **A velha contrabandista**. Disponível em:

<<http://gmmz.blogspot.com.br/2010/11/cronica-velha-contrabandista.html>>. Acesso em: 14 maio 2013.

SCLIAR, Moacyr. **Cobrança**. In: O imaginário cotidiano. São Paulo: Global, 2001.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias para se Ler na Escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. **Mais comédias para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ANEXOS

Anexo 1: Textos lidos em sala de aula com a dinâmica das folhas coloridas.

A Foto

Foi numa festa de família, dessas de fim de ano. Já que o bisavô estava morre não morre, decidiram tirar uma fotografia de toda a família reunida, talvez pela última vez. A bisá e o bisá sentados, filhos, filhas, noras, genros e netos em volta, bisnetos na frente, esparramados pelo chão. Castelo, o dono da câmara, comandou a pose, depois tirou o olho do visor e ofereceu a câmara a quem ia tirar a fotografia. Mas quem ia

— Tira você mesmo, ué.

— Ah, é? E eu não saio na foto?

O Castelo era o genro mais velho. O primeiro genro. O que sustentava os velhos. Tinha que estar na fotografia.

— Tiro eu — disse o marido da Bitinha.

— Você fica aqui — comandou a Bitinha.

Havia uma certa resistência ao marido da Bitinha na família. A Bitinha, orgulhosa, insistia para que o marido reagisse: "Não deixa eles te humilharem, Mário Cesar", dizia sempre. O Mário Cesar ficou

Comédias para se ler na escola! 37

firme onde estava, do lado da mulher. A própria Bitinha fez a sugestão maldosa:

— Acho que quem deve tirar é o Dudu...

O Dudu era o filho mais novo de Andradina, uma das noras, casada com o Luiz Olavo. Havia a suspeita, nunca claramente anunciada, de que não fosse filho do Luiz Olavo. O Dudu se prontificou a tirar a fotografia, mas a Andradina segurou o filho.

— Só faltava essa, o Dudu não sair.

E agora?

— Pô, Castelo. Você disse que essa câmara só faltava falar. E não tem nem timer!

O Castelo impávido. Tinha ciúmes dele. Porque ele tinha um Santana do ano. Porque comprara a câmara num *duty free* da Europa. Aliás, o apelido dele entre os outros era "Dutifri", mas ele não sabia.

— Revezamento — sugeriu alguém. — Cada genro bate uma foto em que ele não aparece, e...

A ideia foi sepultada em protestos. Tinha que ser toda a família reunida em volta da bisá. Foi quando o próprio bisá se ergueu, caminhou decididamente até o Castelo e arrancou a câmara da sua mão.

— Dá aqui.

— Mas seu Domicílio...

— Vai pra lá e fica quieto.

— Papai, o senhor tem que sair na foto. Senão não tem sentido!

— Eu fico implícito — disse o velho, já com o olho no visor.

E antes que houvesse mais protestos, acionou a câmara, tirou a foto e foi dormir.

VERISSIMO, Luis F. Comédias para se ler na escola.
Rio de Janeiro: Obliqua, 2001.

38

Bobagem

Emocionado e um pouco bêbado, aos cinco minutos do ano-novo ele resolveu telefonar para o velho desafeto.

— Alô?

— Alô. Sou eu.

— Eu quem?

— Eu, pô.

O outro fez silêncio. Depois disse:

— Ah. É você.

— Olha aqui, cara. Eu estou telefonando pra te desejar um feliz

ano-novo. Entendeu?

— Obrigado.

— Obrigado, não. Olha aqui. Sei lá, pô...

— Feliz ano-novo pra você também.

— Eu nem me lembro mais por que nós brigamos. Juro que não me lembro.

— Eu também não lembro.

Comédias para se ler na escola! 33

— Então, grande. Como vai Vivinha?

— Bem, bem. Quer dizer, mais ou menos. As enxaquecas...

Ele ficou engasgado. De repente se deu conta de que tinha saudades até das enxaquecas da Vivinha. Como podiam ter passado tantos anos sem se ver? Como tinham deixado uma bobagem afastá-los daquela maneira? As pessoas precisavam se reaproximar. Aquele seria o seu projeto para o fim do milênio. Reaproximar-se das pessoas. Só dar importância ao que aproximava. Puxa! Estava tão enternecido com as enxaquecas da Vivinha que mal podia falar.

— A vida é muito curta. Você está me entendendo? Assim não dá.

Era como se estivesse reclamando com o fornecedor. A vida vinha com a carga muito pequena. Era preciso um botijão maior, senão não dava mesmo. E ainda desperdiçavam vida com bobagem.

Ele quis marcar um encontro para ontem. No Lucas, como antigamente. O outro foi mais sensato e contrapropôs hoje, prevendo que ontem seria um dia de ressaca e segundos pensamentos. E tinha razão. Ontem à noite, ele voltou a telefonar. Falou secamente. Pediu desculpas, disse que não poderia ir ao encontro e despediu-se com um formal "Melhoras para a Vivinha".

Tinha se lembrado da bobagem que motivara a briga.

VERISSIMO, Luis F. Comédias para se ler na escola.
Rio de Janeiro: Obliqua, 2001.

34

Porta de banheiro

Um dos abismos da criatividade humana é a porta de banheiro público. Como indicar que uma porta é do banheiro dos homens e outra do banheiro das mulheres sem cair no óbvio? Está claro que este é um daqueles casos em que deviam deixar o óbvio em paz. Mas não. As pessoas insistem em ser originais. Homem e Mulher, Damas e Cavalheiros, Senhoras e Senhores ou simplesmente "H" e "S" não servem. Banheiro é uma coisa que embaraça tanto a todos que a solução é procurada no outro extremo, na falsa descontração e no engraçadinho. Tenho me dedicado a colecionar exemplos, naquela volúpia pelo inútil que ou acaba em loucura ou em tese sociológica. Vamos lá.

Os camundongos Mickey e Minnie. Inescapáveis. Estes eu já encontrei nos piores antros, em tocante contraste com a sordidez do resto. Mickey e Minnie em alegres e coloridas poses, como se por aquelas portas se voltasse à infância em vez de entrar em apertadas câmaras de fedor adulto. Se o estabelecimento estiver caído aos pedaços, você pode ter certeza de que na porta para homens haverá uma cartola e uma

Uma cartola para ler no escuro! 110

Sexta-feira 13

— Não sou supersticioso — dizia, mas nas sextas-feiras 13 fazia o seguinte: não saía de casa. Entende?

— Vamos que me aconteça alguma coisa. Aí eu fico supersticioso.

Para proteger seu racionalismo, não se expunha. Não saía de casa. Não saía nem da cama.

— Telefona para o trabalho. Diz que eu estou gripado.

A mãe ia telefonar.

— E mãe...

— O quê?

— Me traz o café na cama?

A mãe trazia.

Ontem ele pediu para a mãe telefonar. Em vez de gripe, para não desconfiarem, mandou dizer que tinha torcido o pé. No escritório as pessoas comentaram:

— Já notaram? Toda sexta-feira 13 acontece alguma coisa com ele.

Uma cartola para ler no escuro! 113

bengala e na das mulheres uma sombrinha cor-de-rosa. Fred Astaire e Ginger Rogers um dia aparecerão.

Ferdinando e Dassy, claro. Eles e Elas, naturalmente. Machões e Fofinha, aí de nós. Uma vez, num restaurante do Leblon, deparei-me com duas indicações sobre o gênero dos banheiros: um limão e uma laranja. Fiquei uns bons dois minutos ponderando o significado oculto daqueles símbolos cítricos até me dar conta de que era apenas "o limão e a laranja. Ou será que a mensagem era outra e eu continuo não entendendo?

Outra vez, num restaurante de Greenwich Village, em Nova York, levei outros angustiados minutos para descobrir que a cara de Karl Marx numa porta tinha a mesma função do camundongo Mickey, não era propaganda. Não cheguei a ver o que havia na porta do banheiro das mulheres, Rosa Luxemburgo, provavelmente.

Este tipo de sofisticadação pode levar a confusões. O que fazer quando numa porta está um retrato do Oscar Wilde e na outra o da Gertrude Stein? Mas imagino que num lugar que chegasse a este tipo de sutileza não fariam muita diferença. As duas portas dariam para o mesmo banheiro.

Quando a comunicação precisa ser rápida e internacional — em aeroportos, por exemplo —, usam-se os símbolos consagrados do bonequinho de calças para homem e do bonequinho de saias para mulher, desprezando-se o fato de que poucas mulheres usam saias atualmente. Também não se cogita que o eventual escocês de saíote imagine que exista um banheiro só para ele nos aeroportos.

Joãozinho e Maruzinha. Adão e Eva. Barbados e Belezas. Leões, meu Deus, e Domadoras. Laços de fita azul ou fita cor-de-rosa. Um bulldogue e uma gata. Mônica e Horácio. Angelina Jolie e Brad Pitt recortados de uma capa de revista...

Você deve conhecer vários outros exemplos. Por favor, não mande nenhum.

110
VERISSIMO, Luis F. *Mein comedien para ler na escola*
Rio de Janeiro: Objetiva, 2010

— Que azar!

Tomou café, almoçou e jantou na cama. Só levantou duas ou três vezes para ir ao banheiro — com muito cuidado. Dormiu um pouco. Leu um pouco, nada muito arriscado. Só quando o velho relógio da sala, o que imitava o Big Ben, tocou meia-noite, ele se levantou, escovou os dentes, tomou banho e se arrumou para sair.

— Onde é que tu vai? — perguntou a mãe.

— Pra vida, coroa. Pra vida.

Encontrou com a turma no bar. Durante a conversa, um dos amigos comentou:

— Ganhamos uma hora de existência.

E o outro corrigiu:

— Ganhamos, não. Recuperamos.

Ele não entendia nada.

— Como? O quê? Que história é essa?

— Acabou o horário de verão. Todos os relógios atrasaram uma hora.

— Quer dizer que ainda é sexta-feira 13?

Um amigo olhou o relógio.

— Por mais... vinte e dois minutos.

Ele saiu correndo do bar. Precisava voltar para casa. Precisava voltar para a...

Desapareceu num buraco.

VERISSIMO, Luis F. *Mein crônicas para ler na escola*
Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

A VELHA CONTRABANDISTA

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha. Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal perguntou assim para ela:

- Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu como os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que adquirira no odontólogo, e respondeu:

- É areia!!!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás. Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai!! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia. Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

- Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com quarenta anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tia da cabeça que a senhora é contrabandista.

- Mas no saco só tem areia ! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

- Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

-O senhor promete que não "espáia"? – quis saber a velhinha.

- Juro – respondeu o fiscal.

- É a lambreta!

PRETA, Stanislaw Ponte A velha contrabandista. Disponível em: <<http://gmmnz.blogspot.com.br/2010/11/cronica-velha-contrabandista.html>> Acesso em: 14/05/13

Odabeb

Contam de Murilo Mendes que um dia ele se passeava com um amigo por uma rua de Botafogo quando viu uma mulher na janela de um sobrado. Deu uma coisa ao poeta, ele se deteve na calçada fronteira, ergueu o braço e gritou:

— Meus parabéns, minha senhora. Está uma coisa bellissima! Mulher na janela! Há muito tempo não se via! Está bellissimo!

A senhora, assustada, fechou a janela bruscamente, achando que estava diante de um louco. Mas o poeta prosseguiu seu caminho com o sentimento do dever cumprido.

Também contam que um bêbado ia pela rua e um enorme jacaré ia atrás dele. Cada vez que o homem entrava em um bar o jacaré gritava: bêbado! Quando o homem saía de um bar para entrar em outro, o jacaré gritava outra vez: bêbado! Até que uma hora o homem perdeu a paciência, agarrou o jacaré pelos queixos e o virou pelo avesso, jogando-o a um canto da calçada. Quando saiu do bar o jacaré lhe disse — odabeb! — que é bêbado de trás para diante.

Há outras histórias, mas penso nessa. Não matamos o nosso jacaré, nem nenhum outro bicho; apenas o que fazemos é virá-lo pelo avesso, o que é lamentável, mas ineficiente. E a última mulher na janela foi lá dentro atender ao telefone. Os prédios são altos e se espreitam traiçoeiramente com binóculos na sombra. E como todo mundo tem mais o que fazer, os poetas se tornam incômodos. Virá-los pelo avesso não é solução. Eles não silenciam — e você, que não entende os versos, pensa que ele não está querendo dizer nada. Mas "se meu verso não deu certo foi teu ouvido que entortou", disse um mestre. Os pintores também foram virados pelo avesso, mas continuam a pintar tudo tão insistentemente que, vendo suas telas, uma pessoa mal informada pode pensar que o mundo é que foi virado ao contrário.

(R. B.)

BRAGA, Rubem. *Parabéns para a senhora*. Rio de Janeiro: Seltzer, 1939.

Guerrilha urbana

Algumas atividades entortam as pessoas. Um entortam o corpo, como as pernas arqueadas dos caubóis, a corcunda dos alfaiates, os braços desiguais dos tenistas, os ombros dos nadadores, a lordose das bailarinas de *tchan music*. Outras atividades — como a de polícia, agente financeiro, jornalista — entortam a cabeça. Meu amigo era jornalista.

Era. Meio que pirou. Isto já é o meio da história, vamos ao começo. Era copidesque, do tempo em que o copidesque tinha poder nas redações: reescrevia, corrigia e titulava as matérias. Não possuía nenhum talento especial, a não ser a intimidade com a gramática. Nem era jornalista formado, havia parado no meio do curso de Direito, fascinado pela oportunidade de trabalhar na “cozinha da redação”. Refogava concordâncias, descascava solecismos.

Chama-se Antônio. Por ser baixo virou Toninho. E pela devoção à gramática Toninho Vernáculo ficou sendo. Seu talento especial valeu-lhe uma promoção, de copidesque para chefe da revisão. Passou anos e anos corrigindo originais. Novas tecnologias invadiram as redações no final da década de 80. Com os computadores, acabou-se a revisão. Ao leitor, as batatas.

Toninho Vernáculo foi deixado num canto, espécie de dicionário vivo. Recorriam a ele quando tinham preguiça de consultar o manual. Irritava-se. Então, meio que pirou. Achara que alguns tinham questões pessoais com a língua portuguesa, arranca-rabos com a sintaxe. Um não suportava a

Trava. Augusto 19

crase. Aquele tinha escaramuças com o infinitivo pessoal. Outro abominava a regência. Toninho não aguentou, aposentou-se.

Novos desafetos da língua passaram a provocá-lo pela televisão, em casa. O ator Antônio Fagundes vinha andando para a câmera e atacava de pleonasmos: “há muitos anos atrás investi no boi gordo”. A repórter de feira dizia que “o” alface encareceu. Lula confiava “de que” o partido sairia fortalecido. O *jingle* publicitário apelava: “vem” pra Caixa você também! Toninho brigou com a tevê:

— É venha! Venha você! Vem tu!

Uma ótica anunciava: faça “seu” óculos... Meu amigo largou a tevê, pegou o jornal: vendas “à” prazo. Sentia-se acuado, pessoalmente agredido. Um dia, lendo Monteiro Lobato, topou com o conto “O Colocador de Pronomes”, no qual o personagem sai pela cidade corrigindo pronomes mal colocados. Iluminou-se. Era um recado.

Hoje, Toninho Vernáculo é um dos dois ou três santos da ortografia que andam por São Paulo corrigindo o português nas placas das padarias, nos cardápios dos restaurantes populares, nos anúncios classificados dos jornais. Telefona para os anunciantes:

— Olha, vendas a prazo não tem crase. Não se usa antes de palavra masculina.

Telefona para as regionais da Prefeitura, exigindo a retirada do acento agudo de placas de ruas e praças: Traipu, Itapicuru, Pacaembu, Barra do Tibagi, Turiassu (“é com ‘c’ cedilhado”, implora)... Centenas de casos. Há dias encontrei-o comprando tinta e escada. Anunciantes de cerveja não quiseram mudar um cartaz, tinham rido dele. É um advérbio em “mente” abreviado, disseram, significa redondamente, de modo redondo. Retrucou: por que não de maneira redonda? Outros opinaram: é locução, como “fala grosso”.

Anexo 2: Roteiro das aulas de Português do 9º ano B.

Projeto: Crônicas de um olhar: Depoimento e testemunho. Professoras: Bruna e Erika.

DATAS	CONTEÚDOS
15/05 Quarta-feira	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentaremos o projeto; • Faremos a leitura de algumas crônicas.
16/05 Quinta-feira	<ul style="list-style-type: none"> • Sentaremos em duplas para a leitura; entregaremos os textos para cada dupla; • Cada dupla escolherá a crônica que mais gostou para uma leitura em voz alta; • teremos um roteiro de análise da crônica para ser respondido, compartilharemos nossas respostas com a turma.
17/05 Sexta-feira	<ul style="list-style-type: none"> • Faremos a leitura da crônica “Porta do colégio”; • apresentaremos o autor do texto Affonso Romano Santt’ana; • discutiremos sobre a crônica lida; • teremos uma foto a ser tirada, (aguardem orientação da professora); • a foto será socializada na próxima aula (versão impressa).
29/05 Quarta-feira	<ul style="list-style-type: none"> • Receberemos a visita de alguns convidados, socializaremos as fotos com eles; • os convidados nos darão alguns depoimentos sobre o colégio; • produziremos o primeiro texto avaliativo feitos a partir dos depoimentos de pessoas que

	trabalham no colégio.
05/06 Quarta-feira	<ul style="list-style-type: none"> • Assistiremos alguns vídeos com depoimentos; • conheceremos um livro com algumas obras resumidas em HQ, “90 livros clássicos para apressadinhos”.
06/06 Quinta-feira	<ul style="list-style-type: none"> • Retomando o livro “Por um pedaço de terra”; faremos uma produção textual no estilo do livro apresentado na aula anterior; • faremos uma preparação para receber no dia seguinte um convidado;
07/06 Sexta-feira	<ul style="list-style-type: none"> • Receberemos um convidado integrante do MST para nos dar um depoimento sobre o movimento.
08/06 Sábado	<ul style="list-style-type: none"> • Assistiremos alguns vídeos com depoimentos de cronistas; • faremos a leitura de duas crônicas sobre essa mesma temática; • receberemos a crônica “Da minha janela vejo” para fazermos uma leitura silenciosa; • com base nessa leitura, iniciaremos a produção de uma crônica; • teremos como tarefa tirar uma fotografia da nossa janela (entregaremos na aula seguinte).
12/06 Quarta-feira	<ul style="list-style-type: none"> • Faremos a análise linguística dos textos produzidos sobre o livro, <i>Por um pedaço de terra</i>; • faremos a reescrita dessa análise; • entregaremos a primeira versão da crônica.
13/06 Quinta-feira	<ul style="list-style-type: none"> • Ouviremos a gravação da crônica “A última crônica”, de Fernando Sabino; • faremos a leitura dessa mesma crônica; • discutiremos sobre a temática da crônica; • assistiremos um vídeo da crônica; • faremos uma nova discussão sobre os possíveis diálogos entre o áudio, o texto e o vídeo.
14/06 Sexta-feira	<ul style="list-style-type: none"> • Receberemos as crônicas corrigidas; • faremos a análise linguística da primeira versão das crônicas; • entregaremos a versão final da produção referente ao livro.
19/06 Quarta-feira	<ul style="list-style-type: none"> • Continuaremos a fazer a análise linguística; • reescreveremos para entrega da versão final da crônica no dia seguinte.
20/06 Quinta-feira	<ul style="list-style-type: none"> • Visitaremos o espaço estético para apreciarmos a exposição dos HQ’s; • entregaremos a versão final da crônica.
21/06 Sexta-feira	<ul style="list-style-type: none"> • Receberemos a versão final das crônicas; • socializaremos as crônicas produzidas; • assistiremos um vídeo sobre a crítica e a função do crítico; • avaliaremos as atividades que nos foram propostas dentro do projeto das professoras.

2.9.2 Aulas 2 e 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Instituição: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Professora regente: Lisiane Vandresen

Estagiária responsável pela aula: Bruna Maria Boing Ribeiro

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 9º ano

Data da atividade: 16/05/2013 – quinta-feira

Tempo de aula: 2 horas-aula, com 50 minutos cada

Horário: 14h20 às 16h00

PLANO DE AULA 2

TEMA

Por onde andam as crônicas?

OBJETIVOS

- Reconhecer as esferas de circulação e a função social da crônica pela análise de textos desse gênero nos mais diversos suportes;
- Selecionar dentre um conjunto de crônicas a que mais chama atenção para fazer a leitura;
- Socializar com os colegas a crônica de que mais gostou, lendo com entonação, ritmo, fluência e expressividade, justificando a escolha;
- Identificar alguns recursos expressivos e discursivos da crônica, com base na análise de textos desse gênero.

CONTEÚDO

- Crônica: esferas de circulação e função social;
- Leitura-fruição de Crônicas;
- Oralidade: entonação, ritmo, fluência, expressividade na leitura oral de crônicas e ao expor os motivos da escolha das crônicas;

METODOLOGIA

1º Fazer a chamada

2º Retomar o cronograma, entregar para cada aluno um quadro com as datas mais importantes. Explicar que iremos adotar a mesma prática de entrega de trabalhos da professora Lisiane que prevê mais de uma data para entrega dos trabalhos, com pontuações diferentes.

3º Retomar as crônicas, verificar o que os alunos acharam das crônicas, qual gostaram mais, conversar um pouco sobre os temas e ver se alguém quer alguma crônica que gostaria de ter e não conseguiu uma cópia.

4º Explicar que iremos fazer uma atividade para descontrair um pouco.

5º Entregar uma cópia da crônica *Sexa* para cada aluno.

6º Solicitar que façam a leitura silenciosa.

7º Pedir para dois alunos lerem em voz alta a crônica *Sexa* (diálogo). Um vai ser o pai e o outro vai ser o filho.

8º Assistir o vídeo, link: <http://www.youtube.com/watch?v=-puBCk8pkZs>, apenas para estimular o início da leitura de crônicas, a ser realizada em duplas.

9º Explicar que foi apenas um momento de descontração, mas com um objetivo bem específico, que eles percebessem as diferentes leituras que se pode fazer de uma mesma crônica, ou seja, quando eles leram imaginaram um sentido para a cena descrita, quando assistiram puderam perceber outra configuração da cena e, por fim, na leitura dos colegas outra perspectiva.

10º Separar a turma em duplas.

11º Explicar a atividade: serão entregues para cada dupla três crônicas que deverão ser lidas silenciosamente. Na sequência, serão apresentados os jornais e os livros dos quais elas foram retiradas para que os alunos conheçam os espaços de circulação desses textos.

12º Dar um tempo para leitura.

13º Solicitar que escolham uma das crônicas para fazer uma atividade de interpretação e análise.

14º Após todos escolherem, entregar um roteiro de leitura e solicitar que eles respondam para ser entregue no final da aula.

15º Socializar e dialogar sobre as respostas do roteiro com relação à crônica escolhida. Caso não dê tempo, fazer essa atividade na próxima aula.

RECURSOS DIDÁTICOS

Quadro impresso com as datas mais importantes, quadro negro, giz, caneta, lápis, caneta, crônicas selecionadas, jornais, roteiro impresso¹⁴ para orientar na análise das crônicas e projetor multimídia para assistir o vídeo da crônica, *Sexa*.

Crônicas a serem lidas: A cadeira do dentista – Carlo Eduardo Novaes (1995), A mulher do Silva – Luis Fernando Veríssimo (2001), Cumplicidade de mãe e filha – Affonso Romano Sant’Anna

(1999), *Do rock* – Carlos Heitor Cony (2009), *Entre quatro paredes* – Bill Bryson (2007), *O Beijo* – Luciano Martins (2013), *Papos* – Luiz Fernando Veríssimo (2001), *Perigo ao volante* – Marcelo Coelho (2013), *Ser brotinho* – Paulo Mendes Campos (2000) e *Sexa* – Luis Fernando Veríssimo (2001).

AVALIAÇÃO

Os Alunos serão avaliados quanto à compreensão do gênero em seus diversos meios de circulação, assim como, pela expressividade, entonação, ritmo e fluência na leitura oral de uma Crônica e pela adequação das repostas ao roteiro de leitura.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Alcsander. **Luís Fernando Veríssimo - Sexa - Animado**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-puBCK8pkZs>>. Acesso em: 14 maio 2013.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BRAGA, Rubem. **Para gosta de ler: Volume 4 – crônicas**. São Paulo: Ática, 1979.
- BRYSON, Bill. **Entre quatro paredes**. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.. *Produção de Texto: Interlocução e gêneros*. São Paulo: Moderna, 2007.
- CAMPOS, Paulo M. **Ser Brotinho** In: *O amor acaba*. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- COELHO, Marcelo. **Perigo ao volante. Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 maio 2013. p. E14.
- CONY, Carlos H. **Do Rock** In: *Crônicas para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2009.
- DOMINGOS, Joice Eloi Guimarães; FERREIRA, Marina. **Cotidiano: Recurso inesgotável na produção textual dos alunos**. 2010. 40 f. Planejamento (Graduação) – Curso de Letras – Língua Portuguesa, UFSC, Florianópolis, 2010.
- NOVAES, Carlos Eduardo. **A cadeira do dentista e outras crônicas**. São Paulo: Ática, 1995.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Porta do colégio e outras crônicas**. São Paulo: Ática, 1999.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Comédias da vida privada: 101 crônicas escolhidas**. Porto Alegre: L&PM, 12ª, 1994.
- _____. **Comédias para se Ler na Escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ANEXOS

Anexo 1: Roteiro com as datas para a entrega das atividades.

Essa tabela foi colada em mural de ferro na sala do 9º ano B e entregue para cada um colar em seus cadernos.

DATAS IMPORTANTES	
TRAZER UMA FOTO DA PORTA DO COLÉGIO	29/05/2013
ENTREGAR A 1ª VERSÃO DO TRABALHO COM O LIVRO	08/06/2013
ENTREGAR A 1ª VERSÃO DA CRÔNICA	12/06/2013
ENVIAR PARA O E-MAIL: erika_agnellino@hotmail.com fotografia da visão da sua janela	12/06/2013
ENTREGAR VERSÃO FINAL DO TRABALHO COM O LIVRO	14/06/2013
ENTREGAR A VERSÃO FINAL DA CRÔNICA	20/06/2013

Anexo 2: Textos lidos na aula - cópias em folhas A4.

A cadeira do dentista

Fazia dois anos que não me sentava numa cadeira de dentista. Não que meus dentes estivessem por todo esse tempo sem reclamar um tratamento. Cheguei a marcar várias consultas, mas começava a suar frio folheando velhas revistas na antessala e me escafedia antes de ser atendido. Na única ocasião em que botei o pé no gabinete do odontólogo — tem uns seis meses —, quando ele me informou o preço do serviço, a dor transferiu-se do dente para o bolso.

— Não quero uma dentadura em ouro com incrustações em rubis e esmeraldas — esclareci —, só preciso tratar o canal.
— É esse o preço de um tratamento de canal!
— Tem certeza? O senhor não estará confundindo o meu canal com o do Panamá?

Adiei o tratamento. Tenho pavor de dentista. O mundo avançou nos últimos 30 anos, mas a Odontologia permanece uma atividade medieval. Para mim não faz diferença um "pau-de-arara" ou uma cadeira de dentista: é tudo instrumento de tortura.

Desta vez, porém, não tive como escapar. Os dentes do lado esquerdo já tinham se transformado em meros figurantes dentro da boca. Ao estourar o pré-molar do lado direito, fiquei restrito à linha de frente para mastigar maminhas e picanhas. Experiência que poderia ter dado certo, caso tivesse algum jeito para esquilo.

A enfermeira convocou-me na sala de espera. Acompanhei-a, após o sinal-da-cruz, e entramos os dois no gabinete do dentista, que, como personagem principal, só aparece depois do circo armado.

— Sente-se — disse ela, apontando para a cadeira.

— Sente-se a senhora — respondi com educada reverência —, ainda sou do tempo em que os cavalheiros ofereciam seus lugares às damas.

Minhas pernas tremiam. Ela tornou a apontar para a cadeira.
— O senhor é o paciente!
— Eu?? A senhora não quer aproveitar? Fazer uma obturaçãozinha, limpeza de tártaro? Fique a vontade. Sou muito paciente. Posso esperar aqui no banquinho.

O dentista surgiu com aquele ar triunfal de quem jamais teve carne. Ah! Como adoraria vê-lo sentado na própria cadeira extraindo um siso incluso! Mal me acomodei e ele já estava curvado sobre a cadeira, empunhando dois miseráveis ferri-nhos, louco para entrar em ação. Nem uma palavra de estímulo ou reconforto. Foi logo ordenando:

— Abra a boca.

Tentei, mas a boca não obedeceu aos meus comandos.

— Não vai doer nada!

— Todos dizem a mesma coisa — reagi. — Não acredito mais em vocês!

— Abra a boca! — insistiu ele. Abri a boca. Numa cadeira de dentista sinto-me tão fragil quanto um recruta diante do sargento do batalhão.

Ele enfiou um monte de coisas na minha boca e tocou o dente com um gancho.

— Tá doendo?

— Urgh argh hogli hugli.

Os dentistas são tipos curiosos. Enchem a boca da gente de algodão, plástico, secadores, ferros e depois desandam a fazer perguntas. Não sou daqueles que conseguem responder apenas movendo a cabeça. Para mim, a dor tem nuances, gradações que vão além dos limites de um sim-não.

— A anestesia vai impedir a dor — disse ele, armado com uma seringa.

— E eu vou impedir a anestesia — respondi duro segurando firme no seu pulso.

Ele fez pressão para alcançar minha pobre gengiva. Permaneci segurando seu pulso. Ele apoiou o joelho no meu baixo ventre. Continuei resistindo, em posição defensiva. Ele subiu em cima de mim. Miserável! Gemi quase sem forças. Ele

afastou a mão que agarrava seu pulso e desceu com a seringa. Lembrei-me de Indiana Jones e, num gesto rápido, desviei a cabeça. A agulha penetrou na poltrona. Peguei o esguichador de água e lancei-lhe um jato no rosto. Ele voltou com a seringa.

— Não pense que o senhor vai me anestésiar como anestesia qualquer um — disse, dando-lhe um tapa na mão.

A seringa voou longe e escorregou pelo assoalho. Corremos os dois para alcançá-la, caímos no chão, embolados, esticando os braços para ver quem pegava a seringa. Tapei-lhe o rosto com meu babador e cheguei antes. A situação se invertiera: eu estava por cima.

— Agora sou eu quem dá as ordens — vociferei, rangendo os dentes. — Abra a boca!

— Mas... não há nada de errado com meus dentes.

— A mim você não engana. Todo mundo tem problemas dentários. Por que só você iria ficar de fora? Vamos, abra essa boca!

— Não, não, não. Por favor — implorou. — Morro de medo de anestesia.

Era o que eu suspeitava. É fácil ser corajoso com a boca dos outros. Quero ver continuar dentista é na hora de abrir a própria boca. Levantei-me, joguei a seringa para o lado e disse-lhe, cheio de desprezo:

— Você não passa de um paciente!

NOVAES, Carlos Eduardo. *Academia do dentista e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1995



A MULHER DO SILVA

Foi um escândalo quando a frente da casa do Souza apareceu pintada, certa manhã, com uma frase sucinta sobre a, digamos assim, conduta moral da mulher do Silva, que morava em frente. O Silva, indignado, foi perguntar ao Souza:

- Quem foi?
- Não sei.
- Como, não sabe? A casa é sua.
- Não posso ficar na calçada cuidando pra não pintarem a fachada. Posso?

Não podia. Mas aquilo não ia ficar assim. Pior era que a frase nem citava a mulher do Silva pelo nome. Ela era identificada como "a mulher do Silva". E, para que não ficassem dúvidas: "...da frente".

- Apaga - pediu o Silva.
- Como?
- Com tinta branca. Pinta por cima.
- Mas a minha casa é amarela.
- Pinta de amarelo
- Só uma faixa amarela? Vai ficar horrível.
- Então pinta a casa toda.
- E cadê o dinheiro?
- Eu exijo que você pinte a casa toda.
- Só se você me der o dinheiro.
- A casa é sua.
- Mas a mulher é sua.

Silva concordou. Pagou uma pintura completa da casa do Souza. Só reagiu quando o Souza sugeriu que ele pagasse também

uma pintura interna, que estava precisando. O Silva pediu que o Souza não contasse para ninguém. Mas a notícia se espalhou pela vizinhança. E, não demorou muito, a casa do Moreira, que estava com a tinta descascando, apareceu com uma frase na frente sobre certos supostos hábitos da mulher do Silva. O Silva foi lá.

- Quem foi?
- Sei lá. Moleques.
- Apaga.
- Não sai.
- Pinta por cima.
- Só pintando a casa toda...

Quando saiu da casa do Moreira, depois de ter concordado em financiar uma pintura completa, o Silva viu que na frente da casa do Santos, ao lado, estava escrito:

"Dou fé." Já entrou direto na casa dos Santos para combinar o preço.

O quarteirão até ficou bonito, com as casas pintadas de novo. Algumas casas, é claro, ainda têm a pintura antiga. E todas as manhãs o Silva as examina, prevendo o pior. Se bem que, segundo alguns, ele também devia vigiar a sua mulher.

VERÍSSIMO, Luís F. Comédias da vida privada: 101 crônicas escolhidas. Porto Alegre: L&PM, 12^o, 1994.

Cumplicidade de mãe e filha

A mãe, com as duas filhas adolescentes, passou por mim na rua movimentada. Todos os dias passam por nós mães com filhas adolescentes em ruas movimentadas. Mas aquela, com as suas filhas, chamou-me a atenção, me fez parar, virar a cabeça para vê-las se afastando de braços dados num tititi característico.

Disse tititi, e era isto mesmo. Elas iam periquitando num tititi de mãe e filhas, de fêmea e crias. As meninas do lado, a mãe no meio. No meio emocional. E a filha da esquerda dizia: “porque aquele vestido da vitrina”... “mãe, acho que o meu presente” — dizia a da direita. E a fala de uma e outra foi se picotando e se afastando deixando rastros assim: “com que sapato devo ir?”... “ela já ganhou a blusa, eu não”. E a mãe respondendo: “você não acha que está pedindo demais?”... “já não te dei o sapato que queria?”... “você às vezes me cansa, pára com essa mania de querer tudo o que vê”...

As frases eram banais. E agora ao lembrá-las penso que poderia fazer uma crônica só dessa conversinha de mãe e filha, a exemplo do que fez certa vez Fernando Sabino, com frases de mãe ralhando com filho. Mas há algo diferente que me atrai naquela mãe e filhas. Nelas surpreendi, de relance, uma coisa chamada cumplicidade. Uma cumplicidade da qual, talvez, não se dessem conta.

Quem as visse, de um ponto de vista banal, diria: lá vai uma jovem e bela mãe com duas filhas adolescentes, que estão aprendendo a ser belas. Mas não era só isto. Era cumplicidade mesmo, num sentido que eu mesmo estou tentando entender. Por isto, parei na rua para decifrar o que se passava ante o texto de meus olhos.

F ali mesmo me veio essa frase-sensação: as mulheres são mais cúmplices dos filhos e filhas que nós, os compactos e solitários machos, cuja cumplicidade acanhada se desloca e vai se exibir nas mesas dos bares com os amigos ou nos almoços e reuniões de diretoria. Ai a confraria dos homens exercita enviesadamente o seu afeto. O afeto e a agressividade. Porque a cumplicidade não se realiza só em carinhos. Também nas agressões sibilinas ou explícitas ela se insinua concretamente.

E isso: a mulher e as duas filhas personificaram algo que eu percebia, mas não tinha ainda configurado. Deixaram assim de ser três pessoas quaisquer, numa tarde qualquer, de uma cidade qualquer. Posso até dizer onde isto aconteceu. Foi na Visconde de Pirajá, às 4 23h em frente ao número 444. E se isto teve um cenário tão exato é porque dentro de mim se desenhou mais claramente essa sensação: as mulheres são mais cúmplices dos filhos e filhas que nós, os compactos e solitários machos.

Repito essa frase e acrescento assustado: nós, os exilados do afeto. Por nós mesmos, pelas relações familiares e sociais, que avalizamos.

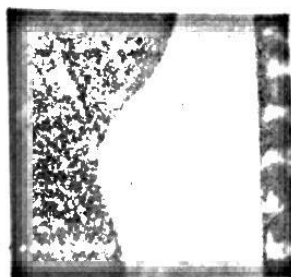
As fêmeas tem com as crias uma intimidade invejável. Os machos são limitados. Limitam-se até biologicamente. A intimidade física, verbal, afetiva das mães com os filhos e filhas começa no ventre. Ai, nos os homens já estamos (literalmente) meio por fora. E depois vem a amamentação, nova cumplicidade exteriorizada. E depois ainda os passeios diários com a criança pelas praças ou praia, levar e trazer ao colegio e a piscina, pegar e levar a aula disto e daquilo, enquanto o pai está lá dispersando sua afetividade em papéis, que jogará no lixo diariamente ou arquivará para poder jogá-los todos pela janela no fim do ano.



SANTANA, Affonso R. de. *Posta de diários e outras memórias*. São Paulo: Ática, 1999.

Do rock

Carlos Heitor Cony



Tocam a campainha e há um estrondo em meus ouvidos. A empregada estava de folga, o remédio era atender o mau-caráter que me batia a porta aquela hora da manhã. Vejo o camarada do bigodinho com o embrulho largo e enfeitado.

— É aqui que mora a senhorita Regina Celi?

Digo que não e fulmino o importuno com um olhar cheio de ódio e sono, mas antes de fechar a porta sinto alguma coisa de íntimo naquele "senhorita Regina Celi", sim, há uma Regina Celi em minha casa, minha própria filha, mas apenas de 12 anos, uma guria bochechuda ainda, não merecia o título e a função de senhorita.

Chamo o homem que já estava no elevador. Fraz CDs, a garota encomendara um mundão de CDs numa loja próxima, e pedira que mandassem as novidades, pois as novidades estavam ali, embrulhadinhas e com a nota fiscal bem às claras.

Gemo surdamente na hora de assinar o cheque e recebo o embrulho. A garota dormia impune, o mundo podia desabar, e ninguém a despertaria do sono 12 anos. Deixo o embrulho em cima do som e volto para a cama, forçar o sono e a tranquilidade interior, abalada pelo cheque tão matutino e tora de propósito. Quando ordeno os pensamentos e ambições no estreito espaço do meu pensamento e retomo um sono e um sonho sem cor nem gosto, começa o rock.

Anos atrás, seria começa o beguine. Mas o beguine passou de moda, e o *swing*, o mambo, o baião e outras pragas vindas de alheias e próprias pragas. Pois aí estava o rock, matinal, cor de sangue e metal inundando o dia e o quarto com sua voz rouca, seu compasso monótono e histérico.

Purgo honestamente meus pecados e lembro o pai, que me aturava a mania pelos sambas de Ary Barroso. O velho não dizia nada, mas me olhava fundo e talvez tivesse ganas de me esganar. Mas me aturava e aturava o meu Brasil brasileiro.

Hoje, aturo o rock. Vou ao banheiro, lavo o rosto, visto um *short* e vou para a sala disposto a causar boa impressão a senhorita Regina Celi, que de *butydoll*, esbaterada, se degingoiava ao som de U2.

O tapete já tora arrastado e amarfanhado a um canto. Meu castiçal de prata foi profanado com a cara de um tipo até simpático que naquela manhã ganhara alguma coisa a custa do meu labor e cheque.

A senhorita Regina Celi tem a cara afoqueada, os pés e as pernas avançam e ficam no mesmo lugar, o corpo todo treme e sua, até que ela me estende o braço.

— Ven, papai!

O peso dos meus invernos e minhas banhas causa breve hesitação. Mas ali estamos, eu e a senhorita Regina Celi, uma menina que ainda peço no colo e aqueço com meu amor e o meu carinho, quando ela tem medo do mundo ou de não saber os afluentes da margem esquerda do rio Amazonas na hora do exame. Ela me chama e me perdoa.

Então, aumento o volume do som, espero o tal do U2 dar um grito histérico e medonho — e esqueço o cheque, a vida e a faina humana rebolando este cansado corpo-pasto de espantos — até que o fôlego e o U2 acabem na manhã e no som.

*Cronicas para se ler na escola
Rio de Janeiro, Outubro 2009*

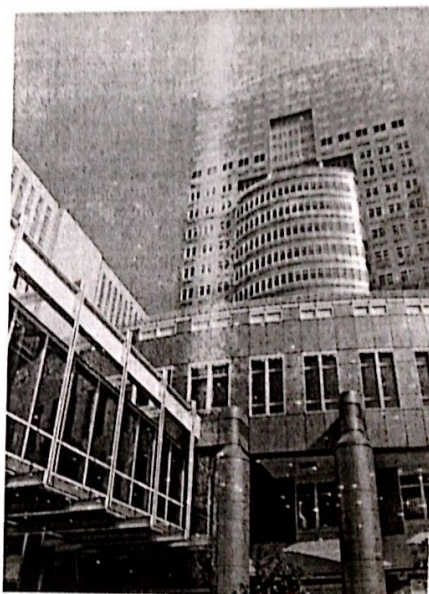
Entre quatro paredes

Sai para dar uma volta, outro dia, e notei uma coisa. Fazia um tempo glorioso — melhor impossível, e com toda probabilidade o último do gênero a se ver por estas bandas durante muitos meses gelados —, no entanto quase todos os carros que passavam estavam com os vidros fechados.

Todos aqueles motoristas tinham ajustado o controle de temperatura de seus veículos hermeticamente fechados para criar um clima interno idêntico ao que já existia no mundo exterior, e me ocorreu então que, no que se refere a ar fresco, os americanos perderam de vez a cabeça, ou o senso de proporção, ou alguma outra coisa.

Ah sim, de vez em quando eles saem para experimentar a novidade de estar ao ar livre — fazem um piquenique, digamos, ou passam o dia na praia, ou num parque de diversões —, mas esses são acontecimentos excepcionais. De maneira geral, boa parte dos americanos acostumou-se de tal forma à ideia de passar o grosso da vida numa série de ambientes com clima controlado que a possibilidade de uma alternativa não lhes passa mais pela cabeça.

Por isso fazem suas compras em *shoppings* fechados e vão de carro até esses *shoppings* com as



Skywalk em Des Moines.

OUÇAU DE TEXIU



Casa-reboque em estrada do Zion National Park (Utah).



Bill Bryson (1951) mudou-se para a Inglaterra em 1977. Lá, além de escrever para jornais como *The Times* e *The Independent*, alcançou o sucesso com a publicação de divertidos livros de viagens. Em 1995, voltou a morar nos Estados Unidos, de onde continuou a escrever semanalmente para os jornais ingleses. Incapaz de se adaptar ao modo de vida americano, depois de ter vivido tanto tempo fora, Bryson e a família voltaram a morar na Inglaterra, onde ele continua a escrever. Em 2005, recebeu o prêmio Aventis pelo melhor livro de divulgação científica com a obra *Breve história de quase tudo*.

janelas do carro fechadas e o ar-condicionado ligado, mesmo quando o tempo está ótimo, como nesse dia. Trabalham em escritórios onde não poderiam abrir as janelas mesmo que quisessem — não que alguém fosse querer, claro. Quando saem de férias, em geral viajam numa casa-reboque imensa, que lhes permite saborear a natureza sem na verdade se expor a ela. Cada vez mais, quando vão a um evento esportivo, o jogo é realizado num estádio fechado. Dê uma volta a pé por praticamente qualquer bairro americano, agora no verão, e não verá nenhuma criança andando de bicicleta ou jogando bola, porque estão todas dentro de casa. Tudo o que você vai ouvir é o zumbido uniforme dos aparelhos de ar-condicionado.

Cidades do país inteiro deram ultimamente de construir o que chamam de *skywalks* — passarelas fechadas, e climatizadas, claro — ligando todos os prédios do centro. Na minha cidade natal, Des Moines, no estado de Iowa, a primeira "calçada no céu" foi construída uns 25 anos atrás, entre um hotel e uma loja de departamentos, e fez tamanho sucesso que logo foram surgindo outras. Hoje já é possível andar por quase um

quilômetro no centro de Des Moines, em qualquer direção, sem nunca botar o pé lá fora. Todas as lojas que ficavam no nível da rua mudaram-se para o primeiro andar, onde agora trafegam os pedestres. Hoje em dia, as únicas pessoas que se veem nas ruas de Des Moines são os bêbados e os empregados de escritórios, que saem para fumar um cigarro. A rua tornou-se uma espécie de purgatório, um lugar para onde você é expulso.

Existem até clubes formados por gente que troca o terno pelo abrigo de ginástica e passa a hora do almoço fazendo caminhadas rápidas e saudáveis ao longo de uma trilha com quilometragem marcada nos *skywalks*. Jamais lhes passaria pela cabeça fazer uma coisa dessas ao ar livre. Clubes semelhantes, integrados por aposentados, podem ser vistos em todos os *shoppings* do país. São pessoas, compreenda, que marcam encontro nos *shoppings* não para fazer compras e sim para fazer seus exercícios diários.

Da última vez que estive em Des Moines, encontrei um velho amigo da família. Ele estava de abrigo de ginástica e me disse que acabara de sair do clube do *shopping* Valley West. Estávamos em abril e o tempo era esplêndido. Perguntei-lhe por que o clube não usava um dos muitos belos e enormes parques da cidade.

"No *shopping* não tem chuva, não tem frio, não tem morro e não tem trombadinha", ele respondeu sem hesitar.

"Mas não existe nenhum trombadinha em Des Moines", eu respondi.

"Exato", ele concordou sem pestanejar. "E sabe por quê? Porque não tem ninguém na rua para roubar." Balançou a cabeça enfaticamente, como se eu não tivesse pensado nisso, como de fato não tinha. [...]

Enquanto me achava ali parado, um passarinho derrubou sobre o dedão do meu sapato esquerdo o tipo de coisa que você em geral não gosta muito que um passarinho derrube. Olhei do céu para o sapato e de volta para o céu.

"Muito obrigado", eu disse, e, creia-me, eu falei de coração.

BRYSON, Bill. *Crônicas de um país bem grande*. Trad. de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. (Fragmento).

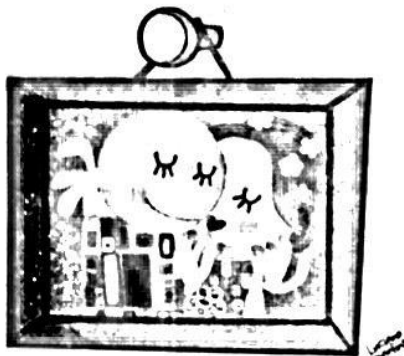
SABADO, 13 DE ABRIL DE 2013

33



Luciano Martins

Interino  luciano@lucianomartins.com.br



O Beijo

Hoje é o Dia Internacional do Beijo. E quem não lembra do primeiro beijo? O primeiro beijo é descoberta, maturação... Sem dúvida, uma experiência marcante e inesquecível. Mas há também o beijo oco, vazio, tipo beijo técnico. Daqueles como se o sujeito batesse um carimbo em uma repartição pública no final do dia, com a mão já cansada – apenas cumprindo a rotina – e com o olhar fixo no relógio, contando os minutos para bater o cartão e zarpar pela porta para tomar aquela cervejinha com os amigos no bar da esquina. Nesse caso, o beijo pode ser um prenúncio: o início do fim.

Escrevendo esse texto, lembrei-me da famosa foto do marinheiro George, beijando a enfermeira na Times Square de New York, no fim da Segunda Guerra Mundial, registrada pelo fotógrafo Eisenstaedt. Eufórico com o final da batalha, depois de umas doses, George beijou uma enfermeira militar muito bonita que por ali passava. O detalhe curioso dessa história, é que ele fez isso na frente de sua namorada, Rita. Casada há 66 anos, a mulher diz

que nunca se zangou por seu futuro marido ter beijado aquela moça durante seu primeiro encontro. Isso mesmo, primeiro encontro! No entanto, ela admitiu: "Durante todos esses anos, George nunca me beijou daquele jeito". Um beijo apaixonado que mais parecia uma cena de cinema. É a arte na vida real.

Por falar em arte, assunto do qual gosto muito, não poderia deixar de mencionar uma das obras de arte mais conhecidas e valiosas do mundo – *O Beijo* – do pintor austriaco Gustav Klimt. Executada em óleo sobre tela, medindo 180 x 180 centímetros, entre 1907 e 1908, marcou a "fase dourada" deste grande artista. O quadro está exposto na Galeria Belvedere da Áustria, e está entre os meus preferidos.

Escrever não é algo que eu tenha facilidade. Sempre digo que prefiro me expressar através das tintas e dos pincéis. Entretanto, às vezes, passo horas, perco a hora... Aliás, já está ficando tarde em meu ateliê, e preciso ir para casa encontrar as minhas filhas. Receber o beijo que eu mais gosto...

*Sugestão:
impressão de
4 fotos do quadro
na parede +
1 de uma O Beijo de
Gustav Klimt*



Pinta lá

MARTINS, L. O Beijo. *Diário Catarinense*, Santa Catarina, 13 abril 2013, p. 33.

Papos

- Me disseram...
- Disseram-me.
- Hein?
- O correto é "disseram-me". Não "me disseram".
- Eu falo como quero. E te digo mais... Ou é "digo-te"?
- O quê?
- Digo-te que você...
- O "te" e o "você" não combinam.
- Lhe digo?
- Também não. O que você ia me dizer?
- Que você está sendo grosseiro, pedante e chato. E que eu vou te partir a cara. Lhe partir a cara. Partir a sua cara. Como é que se diz?
- Partir-te a cara.
- Pois é. Partir-la hei de, se você não parar de me corrigir. Ou corrigir-me.
- É para o seu bem.

Comédias para se ler na escola ! 65

- Dispensar as suas correções. Vê se esquece-me. Falo como bem entender. Mais uma correção e eu...
- O quê?
- O mato.
- Que mato?
- Mato-o. Mato-lhe. Mato você. Matar-lhe-ei-te. Ouviu bem?
- Eu só estava querendo...
- Pois esqueça-o e para-te. Pronome no lugar certo é elitismo!
- Se você prefere falar errado...
- Falo como todo mundo fala. O importante é me entenderem. Ou entenderem-me?
- No caso... não sei.
- Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?
- Esquece.
- Não. Como "esquece"? Você prefere falar errado? E o certo é "esquece" ou "esqueça"? Ilumine-me. Me diga. Ensine-lo-me, vamos.
- Depende.
- Depende. Perfeito. Não o sabes. Ensinar-me-lo-ias se o souberes, mas não sabes-o.
- Está bem, está bem. Desculpe. Fale como quiser.
- Agradeço-lhe a permissão para falar errado que mas dá. Mas não posso mais dizer-lo-te o que dizer-te-ia.
- Por quê?
- Porque, com todo este papo, esqueci-lo.

VERISSIMO JUN F. Comédias para se ler na escola.
Rua de Fátima: Objeção, 2001

66



Perigo ao volante

MARCELO COELHO



O PAÍS, como se sabe, vai evoluindo aos poucos. Tempos atrás, uma das grandes reclamações de todo motorista era as Kombis.

Costumavam entalar-se no trânsito, nunca sabiam o próprio destino, e deviam trazer algum entronco na visibilidade do para-brisa — de modo que resfolegavam meio às cegas por ruas sempre entadas.

Pois bem, as Kombis desapareceram da cidade. Pertencem ao passado; foram igualmente esquecidos outros vilões do trânsito de 1970: as mulheres e os homens de chapéu.

As mulheres deixaram de ser minoria, tornando impossível a identificação de incompetências específicas. Quanto aos homens de chapéu, emblema de quem já está numa idade mais avançada, pode-se dizer que continuam por aí.

São os últimos que ainda reclamam das mulheres no trânsito, aliás. Trata-se de rivalidade antiga.

Mas nós, os sem chapéu, temos outros motivos de inquietação. Não digo os motoqueiros, que a esses nos acostumamos, e bem ou mal buzinam quando passam.

Os automobilistas estão provisoriamente sob controle. Não se pode dizer o mesmo de quem gusa falando ao celular.

Com dez cervejas na cabeça, o motorista pode até estar posicionado, entregue à largura do momento. Geralmente age em horários determinados, nos quais é de todo modo imprudente sair de casa, com bebados ou sem eles.

Pelo menos o motorista alcoolizado usa as duas mãos. Não é as-

sim com o usuário do celular. Usa só uma, ou então prende o aparelho entre o ombro e o pescoço, o que muda o eixo de sua orientação dentro do carro e fora dele.

Seja como for, ele está falando e ouvindo, ao contrário de quem bebeu, que fica em silêncio. Já falou e ouviu o bastante por aquela noite.

O homem do celular (há mais homens do que mulheres usando celular? Acho que sim) fala, mas não tem certeza de estar sendo ouvido. Está em relação com o seu aparelho, não com o interlocutor.

Deixou uma regra sobre isso. Podemos nos relacionar com um ser humano e uma máquina ao mesmo

O motorista nada pode — moralmente, tecnicamente, geracionalmente — contra os jovens da bicicleta

tempo — tanto que conversamos bem com o passageiro enquanto estamos ao volante. Mas não com dois aparelhos ao mesmo tempo. Juntos, o carro e o celular são demais para o cérebro normal.

É assim que vemos um Audi com muitos cavalos de potência deslocando-se na transversal entre várias faixas da avenida, como se fosse um caminho de pipoqueira. De repente, ele arranca: acordaram no,

caiu a ligação.

O carro então emborça para a direita — é que o motorista largou essa mão do volante para teclear novamente o número perdido. Consegue a linha, corrige em seguida a própria rota, girando à esquerda. Talvez pratique iatismo nas horas vagas.

Não sabemos nada a seu respeito, claro, pois ele está protegido pelo insulfilm. Assim, não apenas ouve mal e fala com dificuldade, como também enxerga pouca coisa.

O homem do celular era minha maior angústia até pouco tempo atrás. Surgiu outra, contudo, até pior. Refiro-me aos ciclistas.

Dez da noite, numa avenida mo-

vimentada, três deles saquearam a direita do meu carro; eu, berberro confesso, tentava ir pela faixa da direita para dar passagem a um ônibus que, saindo do túnel à esquerda, logo teria de cruzar várias faixas para entrar, por sua vez, na faixa da direita reservada à sua circulação. Enfim, é complicado.

Os três que eu quase abalroei tinham muita pressa, e muito também. Precisavam juntar-se ao grupo, de mais de 50, que fazia seu passeio noturno.

Passou? Ao contrário dos motoqueiros, é verdade que o ciclista não está ali a trabalho. Está fazendo loucuras por um motivo nobre. Ele se manifesta politicamente. Afirma que vive, o motorista, é um imoral, um criminoso, um reacionário, um destruidor do planeta.

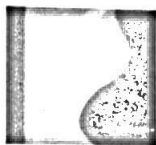
O fato de ele ter razão não aumenta, naturalmente, minha simpatia pela causa. Não gostaria, entretanto, de atropelá-lo. Santo quise como se me forçasse a isso.

O motoqueiro, ao menos, faz barulho. O ciclista é insidioso, frágil, secreto. Conspira contra o carro: confia no poder das massas — in dezenas, e logo das centenas, conquista a faixa do ônibus, entre os quais se esconde, e conquistará as ruas.

Não sei andar de bicicleta. Mas já me vejo tendo de aderir ao movimento. O motorista nada pode — moralmente, tecnicamente, geracionalmente — contra os jovens da bicicleta. São rápidos demais, ouvidos demais, não ligam para ninguém — até porque nem usam celular.

coelho@folha.com.br

COELHO, Marcelo. Perigo ao volante. Folha de São Paulo, São Paulo, 01 maio 2013 p. E14.



Ser brotinho

Paulo Mendes Campos

Ser brotinho não é viver em um pequeno anzolão e muito mais. Ser brotinho é sofrer bastante dos homens e sofrer interminavelmente das mulheres, fita como se o radiolâcio, xarope ou um xarope, provocasse uma tosse de três trimestres.

Ser brotinho é não usar pintura alguma, as vezes e ficar de cara lambida, os cabelos desarrumados como se ventasse forte, o corpo todo apagado dentro de um vestido tão de propósito sem graça, mas lançado logo pelos olhos. Ser brotinho é lançar logo pelos olhos.

É viver a tarde inteira, em uma atitude espartânica, a contemplar o teto, só para poder contar depois que ficou a tarde inteira abando para cima sem pensar em nada. É passar um dia todo descaído no apartamento da amiga comendo comida de lata e cortar o dedo. Ser brotinho é ainda possuir vitrola própria e perambular pelas ruas do bairro com um ar sonolento, vagaroso, abaxado a uma porção de elepês coloridos. É dizer a palavra leza precisamente no instante em que essa palavra se faz imprescindível e tão inteligente e superior. É também falar *lepa e barba* com um timbre tão por cima das várias agitações humanas, uma inflexão tão certa de que tudo neste mundo passa depressa e não tem a menor importância.

Ser brotinho é poder usar óculos enormes como se fosse uma decoração, um adereço, para o rosto e para o espírito. É esvaziar o sentido das coisas que os olhos levam a sério, mas é também dar sentido de repente ao vazio absoluto. Aguardar na paciência gelada o momento exato de ir a hora da talna amiga. É ter a bolsa cheia de pedacinhos de papel, recados que os anacronismos tornam misteriosos, anotações criptográficas sobre o tributo da natureza feminina, uma cópia de dois cruzados com uma sentença hermética escrita a lápis, toda uma herança esparsa que pode ser atirada de súbito ao vento que passa. Ser brotinho é a inclinação do momento.

É telefonar muito, demais, revirando-se no chão como dançarina no deserto estendido no chão. É querer ser rapaz de vez em quando só para vaguear sozinho de madrugada pelas ruas da cidade. Achar muito brotinho um homem muito lezo, achar tão simpática uma senhora tão antipática. É fumar quase um maço de cigarros na saída do apartamento, pensando coisas brancas, pretas, vermelhas, amarelas.

Ser brotinho é comparar o amigo do pai a um pinel de barba, e a gente vai ver esta certo, o amigo do pai parece um pinel de barba. É sentir uma vontade doída de tomar banho de mar de noite e

sem roupa, completamente. É ficar eufórica a vista de uma cascata. É falar inglês sem saber verbos irregulares. É ter comprado na feira um vestidinho giratório e bacanerrimo.

É ainda ser brotinho chegar em casa ensofada de chuva, úmida carmelita, e dizer para a mãe que veio andando devagar para molhar-se mais. É ter usado um dia com uma rosa vermelha na mão, e todo mundo pensou com prelide que ela era uma louca varrida. É ir sempre ao cinema, mas com um gesto de quem não espera mais nada desta vida. É ter uma vez bebido dos gins, quatro usqueas, cinco taças de champanha e uma de cointão sem sentir nada, mas ter outra vez bebido só um cálice de vinho do Porto e ter dado um verame modelo grande. É o dom de falar sobre futebol e política como se o presente fosse passado, e vice-versa.

Ser brotinho é atravessar de ponta a ponta o salão da festa com uma indiferença mortal pelas mulheres presentes e ausentes. Ter estudado ballet e desviado apesar de tantos telefonemas de Madalme Saint-Quentin. Ter trazido para casa um gatinho magro que mora de fome e ter aberto uma lata de salsão para os contatos. Mas o bichinho comeu o salsão e morreu. É ficar pasmada no escuro da

varanda sem contar para ninguém a maravilhosa tração. Amanhecer chorando, amarelar da quando. É manter o ritmo na melodia dissonante. Usar o mais caro perfume de blusa grossa e tirar jeans. Ter horrores de gente morta, ladrão dentro de casa, latossimas e baratas. Ter companias de um só mencho entre todos os outros menchos da terra. Permaecer apaixonada e eternizada de um mês por um vislumbre estragado de quida ordem. Essencialmente, ser brotinho é como se não fosse, sentido-se quase a cair do galho de tão atarracada em todo o seu ser. É fazer marcações serradas sobre a prentação incomensurável dos homens. Tomar uma pose, ora de soneto moderno, ora de monstro, sem que se dissipe a unidade essencial. É piscicar parentes, amigos, mestres e mestras com um ar sonolento de quem nada vê, nada ouve, nada fala.

Ser brotinho é aborlar. Aborlar o impossível. Ser brotinho é detestar. Detestar o possível. É acordar ao meio dia com uma cara horrível, comer lentamente e lentamente uma fruta meio verde, e ficar de puma telefonando até a hora do jantar, e não jantar, e ir devorar um sanduíche americano na esquina, tão estranha e a vida sobre a terra.

14 de maio de 1961 Rio de Janeiro
Cortezão Brasileira 1991. © Abel A. Mendes Campos

14

15



Sexa

- Pai...
— Hmm...
— Como é o feminino de sexo?
— O quê?
— O feminino de sexo.
— Não tem.
— Sexo não tem feminino?
— Não.
— Só tem sexo masculino?
— É. Quer dizer, não. Existem dois sexos. Masculino e feminino.
— E como é o feminino de sexo?
— Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.
— Mas tu mesmo disse que tem sexo masculino e feminino.
— O sexo pode ser masculino ou feminino. A palavra "sexo" é masculina. O sexo masculino, o sexo feminino.
— Não devia ser "a sexa"?

Comédias para se ler no recreio! 53

- Não.
— Por que não?
— Porque não! Desculpe. Porque não. "Sexo" é sempre masculino.
— O sexo da mulher é masculino?
— É. Não! O sexo da mulher é feminino.
— E como é o feminino?
— Sexo mesmo. Igual ao do homem.
— O sexo da mulher é igual ao do homem?
— É. Quer dizer... Olha aqui. Tem o sexo masculino e o sexo feminino, certo?
— Certo.
— São duas coisas diferentes.
— Então como é o feminino de sexo?
— É igual ao masculino.
— Mas não são diferentes?
— Não. Ou, são! Mas a palavra é a mesma. Muda o sexo, mas não muda a palavra.
— Mas então não muda o sexo. É sempre masculino.
— A palavra é masculina.
— Não. "A palavra" é feminino. Se fosse masculina seria "o pal..."
— Chega! Vai brincar, vai.
O garoto sai e a mãe entra. O pai comenta:
— Temos que ficar de olho nesse guri...
— Por quê?
— Ele só pensa em gramática.

VERÍSSIMO. Luis F. Comédias para se ler na escola. Rio de Janeiro: Oxythrus, 2001

54

Anexo 3: Roteiro I de análise das crônicas.

ROTEIRO DE ANÁLISE

Leia o texto com o objetivo de analisar os aspectos que o caracterizam, preenchendo o quadro abaixo.

TÍTULO: _____

AUTOR: _____

ASSUNTO	LINGUAGEM	ORGANIZAÇÃO TEXTUAL	FUNÇÃO SOCIAL
Com que tem a ver o assunto do texto?	O texto é engraçado ou não? O que o faz engraçado?	Tem narrador, personagem (uso do travessão), enredo...	Qual é a função do texto? Informar ou divertir? Onde circula?

2.9.3 Aulas 4 e 5

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Instituição: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Professora regente: Lisiane Vandresen

Estagiária responsável pela aula: Bruna Maria Boing Ribeiro

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 9º ano

Data da atividade: 17/05/2013 – sexta-feira

Tempo de aula: 2 horas-aula, com 50 minutos cada

Horário: 16h20 às 17h50

PLANO DE AULA 3

TEMA

Porta de Colégio

OBJETIVOS

- Estabelecer a relação entre o título da crônica e os sentidos da porta do colégio para cada aluno, considerando as próprias experiências escolares;
- Conhecer o escritor Affonso Romano de Sant'Anna, autor da crônica *Porta de Colégio*, com base na aproximação com um material, preparado pelas estagiárias, sobre o autor;
- Ler e interpretar a crônica *Porta de colégio*, identificando os recursos expressivos e linguísticos utilizados pelo autor para abordar um tema tão familiar aos alunos;
- Compreender que o relato do autor assemelha-se ao fazer de um fotógrafo, identificando que ambos trabalham com ferramentas distintas, para esse a máquina e para aquele, as letras.
- Registrar em fotografia o momento de saída ou de entrada no colégio.

CONTEÚDO

- Leitura e interpretação da Crônica *Porta de Colégio*;
- O texto verbal e o texto não verbal: a crônica (registro de um momento) e a fotografia.

METODOLOGIA

1º Fazer a chamada.

2º Explicar o conteúdo já escrito no quadro que retoma questões que foram trabalhadas na aula passada, mas que não ficaram claras. Questões como a definição de crônica, meio de circulação, enredo e narrador.

3º Solicitar que os alunos copiem.

4º Apresentar o título de uma crônica, *Porta de Colégio* (escrever no quadro) e perguntar o que esse título diz para os alunos e provocá-los a estabelecer a relação com a porta do colégio deles, nesse momento, dando depoimentos sobre o que representa para eles a porta do colégio.

5º Perguntar se conhecem o autor Affonso Romano de Sant'Anna, para, então, fazer a apresentação do escritor. Entregar aos alunos uma folha que contém informações sobre o autor.

6º Entregar a crônica *Porta de Colégio*.

7º Fazer a leitura silenciosa da Crônica *Porta de Colégio*.

8º Breve discussão oral do texto.

9º Propor algumas questões a serem respondidas por escrito (discussão do texto).

10º Solicitar que ao sair do colégio façam o registro fotográfico da saída ou da entrada, no dia seguinte, da mesma forma que possam remeter ao texto lido no início da aula.

11º Trazer, na próxima aula, a foto impressa para socializar e continuar as atividades do projeto.

12º Propor que estabeleçam uma relação entre o fazer do cronista e o fazer do fotógrafo, mesmo que utilizando-se de ferramentas distintas. Os dois procuram registrar um momento, o autor registra com palavras um momento e os alunos, como fotógrafos farão o registro de imagens.

RECURSOS DIDÁTICOS

Folhas impressas da Crônica *Porta de Colégio*; quadro negro; giz; projetor multimídia e máquinas digitais e/ou celulares para o registro do momento da entrada ou da saída na porta do colégio.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com o envolvimento e pela participação ativa quanto à: oralidade - provocações acerca do tema da crônica; adequação das respostas em que foram feitas as provocações; leitura- compreensão do texto; escrita - estabelecer relação do texto com as perguntas propostas em roteiro de perguntas e respostas elaboradas para a compreensão do texto lido.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

DOMINGOS, Joice Eloi Guimarães; FERREIRA, Marina. **Cotidiano: Recurso inesgotável na produção textual dos alunos**. 2010. 40 f. Planejamento (Graduação) – Curso de Letras – Língua Portuguesa, UFSC, Florianópolis, 2010.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Porta do colégio e outras crônicas**. São Paulo: Ática, 1999. Sobre o escritor. Disponível em: <http://www.releituras.com/arsant_bio.asp> Acesso em: 09 de maio de 2013.

ANEXOS

Anexo 1: Texto lido na aula – cópia em folha A4.

*Alguns momentos da aula***Porta de colégio**

Passando pela porta de um colégio, me veio uma sensação nitida de que aquilo era a porta da própria vida. Banal, direis. Mas a sensação era tocante. Por isto, parei, como se precisasse ver melhor o que via e previa.

Primeiro há uma diferença de clima entre aquele bando de adolescentes espalhados pela calçada, sentados sobre carros, em torno de carrocinhas de doces e refrigerantes, e aqueles que transitam pela rua. Não é só o uniforme. Não é só a idade. É toda uma atmosfera, como se estivessem ainda dentro de uma redoma ou aquário, numa bolha, resguardados do mundo. Talvez não estejam. Vários já sofreram a pancada da separação dos pais. Aprenderam que a vida é também um exercício de separação. Um ou outro já transou droga, e com isto deve ter se sentido (equivocadamente) muito adulto. Mas há uma sensação de pureza angelical misturada com palpitação sexual, que se exhibe nos gestos sedutores dos adolescentes. Ouvem-se gritos e risos cruzando a rua. Aqui e ali um casal de colegiais, abraçados, completamente dedicados ao beijo. Beijar em público: um dos ritos de quem assume o corpo e a idade. Treino para beijar o namorado na frente dos pais e da vida, como quem diz: também tenho desejos, veja como sei deslizar carícias.

Onde estarão esses meninos e meninas dentro de dez ou vinte anos?

Aquele ali, moreno, de cabelos longos corridos, que parece gostar de esportes, vai se interessar pela informática ou economia; aquela de cabelos loiros e crespos vai ser dona de boutique; aquela morena de cabelos lisos quer

10

ser médica; a gorduchinha vai acabar casando com um gerente de multinacional; aquela esguia, meio bailarina, achará um diplomata. Algumas estudarão Letras, se casarão, largarão tudo e passarão parte do dia levando filhos à praia e praça e pegando-os de novo à tardinha no colégio. Sim, aquela quer ser professora de ginástica. Mas nem todos têm certeza sobre o que serão. Na hora do vestibular resolvem. Têm tempo. É isso. Têm tempo. Estão na porta da vida e podem brincar.

Aquela menina morena magrinha, com aparelho nos dentes, ainda vai engordar e ouvir muito elogio às suas pernas. Aquela de rabo-de-cavalo, dentro de dez anos se apaixonará por um homem casado. Não saberá exatamente como tudo começou. De repente, percebeu que o estava esperando no lugar onde passava na praia. E o dia em que foi com ele ao motel pela primeira vez ficará vivo na memória.

É desagradável, mas aquele ali dará um desfalque na empresa em que será gerente. O outro irá fazer doutorado no exterior, se casará com estrangeira, descasará, deixará lá um filho — remorso constante. Às vezes lhe mandará passagens para passar o Natal com a família brasileira.

A turma já perdeu um colega num desastre de carro. É terrível, mas provavelmente um outro ficará pelas rodovias. Aquele que vai tocar rock vários anos até arranjar um emprego em repartição pública. O homossexualismo despontará mais tarde naquele outro, espantosamente, logo nele que é já um don juan. Tão desinibido aquele, acabará líder comunitário e talvez político. Daqui a dez anos os outros dirão: ele sempre teve jeito, não lembra aquela mania de reunião e diretório?

Affonso Romano de SANT'ANA

Aquelas duas ali se escolherão madrinhas de seus filhos e morarão no mesmo bairro, uma casada com engenheiro da Petrobrás e outra com um físico nuclear. Um dia, uma dirá à outra no telefone: tenho uma coisa para lhe contar: arranjei um amante. Aconteceu. Assim, de repente. E o mais curioso é que continuo a gostar do meu marido.

Se fosse haver alguma ditadura no futuro, aquele ali seria guerrilheiro. Mas esta hipótese deve ser descartada.

Quem estará naquele avião acidentado? Quem construirá uma linda mansão e um dia convidará a todos da turma para uma grande festa comemorativa? Ah, o primeiro aborto! Aquela ali descobrirá os textos de Clarice Lispector e isto será uma iluminação para toda a vida. Quantos aparecerão na primeira página do jornal? Qual será o tranqüilo comerciante e quem representará o país na ONU?

Estou olhando aquele bando de adolescentes com evidente ternura. Pudesse passava a mão nos seus cabelos e contava-lhes as últimas histórias da carochinha antes que o lobo feroz os assaltasse na esquina. Pudesse lhes diria daqui: aproveitem enquanto estão no aquário e na redoma, enquanto estão na porta da vida e do colégio. O destino também passa por aí. E a gente pode às vezes modificá-lo.

9.4.89

Quem é Afonso Romano Sant'Anna¹

Caçula de uma família de seis irmãos, Afonso Romano de Sant'Anna nasceu em Belo Horizonte, em 1937. Começou a escrever para os jornais de Juiz de Fora ainda adolescente. Data desta época sua participação nos movimentos políticos e sociais que marcaram o país. Embora jovem, seu nome já aparece nas principais publicações culturais do país. Por isto, como poeta e cronista foi considerado pela revista "Imprensa", em 1990, como um dos dez jornalistas que mais influenciam a opinião de seu país.

Durante os anos de 1990-1996 foi presidente da Fundação Biblioteca Nacional, onde desenvolveu grandes ações de incentivo à leitura, como o Sistema Nacional de Bibliotecas. Foi cronista no Jornal do Brasil (1984-1988) e do jornal O Globo até 2005. Como jornalista trabalhou nos principais jornais e revistas do país: Jornal do Brasil (pesquisa e copidesque), Senhor (colaborador), Veja (crítico), Isto É (Cronista), colaborador do jornal O Estado de São Paulo. Foi cronista da Manchete e do Jornal do Brasil. Atualmente escreve para os jornais Estado de Minas e Correio Brasiliense. É casado com a também escritora Marina Colasanti.

¹ Disponível em: http://www.releituras.com/arsant_bio.asp
http://pt.wikipedia.org/wiki/Afonso_Romano_de_Sant'Anna, acessado em 16/05/2013.
 SANT'ANNA, A. R. de. *Porta do colégio e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1999.

Considerado pela revista Imprensa um dos dez jornalistas que mais influência exerce sobre a opinião pública.

Algumas de suas Crônicas:

- "A Mulher Madura" - 1986 - Rocco/RJ
- "O Homem que Conheceu o Amor" - 1988 - Rocco/RJ
- "A Raiz Quadrada do Absurdo" - 1989 - Rocco/RJ
- "De Que Ri a Mona Lisa?" - 1991 - Rocco/RJ.
- "Mistérios Gozosos" - 1994 - Rocco/RJ
- "A vida por viver" - 1997 - Rocco/RJ
- "**Porta de Colégio**" (antologia) - 1995 - Ática/SP
- "Nós os que matamos Tim Lopes" - 2002 - Expressão e Cultura
- "Pequenas seduções" - 2002 - Sulina.
- "Que presente te dar" - 2002 - Expressão e Cultura
- "Antes que elas cresçam" - 2003 - Landmark.
- "Os homens amam a guerra" - 2003 - Francisco Alves
- "Que fazer de Ezra Pound" 2003 - Imago.



Anexo 2: Roteiro 2 de leitura da Crônica *Porta de Colégio*.

Colégio de Aplicação - UFSC

Disciplina: Língua Portuguesa

Professora: Lisiane Vandresen

Estagiárias: Bruna Maria Boing Ribeiro e Erika da Silva Costa Agnellino

Turma: 9º ano B

Alunos: _____

Atividade em Dupla

Com base na crônica que a sua dupla recebeu respondam as questões abaixo:

1) Qual o título da crônica ?

R: _____

2) Esse título chama a atenção do leitor? Por quê?

R: _____

3) O título da crônica é sugestivo? Vocês conseguem imaginar o assunto que será tratado através dele?

R: _____

4) Em que espaço ou cenário acontece a crônica? Está explícito para quem lê?

R: _____

5) A crônica está escrita em primeira ou segunda pessoa? (**FOCO NARRATIVO**)

R: _____

6) Qual a personagem ou personagens dessa crônica?

R: _____

7) Qual era o assunto da crônica?

R: _____

8) Façam um pequeno comentário sobre a impressão da dupla em relação à crônica.

R: _____

9) Qual o tom (humor, ironia, crítica, denúncia) utilizado pelo autor na crônica? Como vocês conseguiram identificá-lo?

R: _____

10) Há algo que ficou difícil de entender na crônica?

R: _____

11) Qual foi o desfecho da crônica, como terminou o enredo?

R: _____

CRÔNICA

É um gênero discursivo no qual a partir da observação e do relato de fatos cotidianos, o autor manifesta sua visão revelando, normalmente, algo que está por trás dos panos ou não é percebido pelo senso comum.

A crônica pode ser:

Narrativa – conta um fato do cotidiano

Texto Jornalístico – disserta, defende ou mostra um ponto de vista diferente do que o senso comum enxerga.

Ela é escrita para ser publicada em jornais, por isso é um gênero claramente opinativo. Ao contrário das notícias e reportagens em que deve prevalecer uma perspectiva imparcial, a crônica se define como subjetiva, opinativa, pessoal.

Meio de circulação: Jornais, revistas e livros.

Enredo: conteúdo e início/meio/fim

Narrador: 1ª pessoa ou 3ª pessoa; narrador personagem; narrador onisciente e narrador observador.

Travessão: Indicar fala dos personagens.

2.9.4 Aula 6

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Instituição: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Professora regente: Lisiane Vandresen

Estagiária responsável pela aula: Bruna Maria Boing Ribeiro

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 9º ano

Data da atividade: 29/05/2013 – quarta-feira

Tempo de aula: 1 hora-aula, com 50 minutos

Horário: 13h30 às 14h20

PLANO DE AULA 4

TEMA

Produção textual a partir de depoimento.

OBJETIVOS

- Atribuir sentido à fala de outrem pela escuta ativa de depoimentos orais sobre uma fotografia que registra o momento de entrada e de saída da porta do colégio;
- Fazer uso da escrita como recurso para registrar a fala de outro;
- Elaborar um depoimento escrito com base em depoimento oral sobre uma fotografia que registra o momento de entrada e de saída da porta do colégio.

CONTEÚDO

- Escuta ativa de depoimento oral;
- A escrita como recurso para registrar a fala de outrem;
- Produção escrita de depoimento.

METODOLOGIA

1º Receber e apresentar os convidados.

2º Retomar a crônica da aula anterior a fim de refrescar a memória dos alunos e ao mesmo tempo explicar para os convidados de onde surgiu a ideia de eles darem um depoimento a partir de uma fotografia da porta do colégio. Explicar que convidamos essas pessoas por conta do tempo que trabalham no colégio. Imaginamos assim que teriam bons depoimentos para dar sobre esse tema.

3º Explicar para os alunos e convidados como será realizada a atividade. Será feita em duplas, sendo que cada dupla deverá ter sua fotografia. As duplas serão organizadas em pequenos grupos e

cada um dos convidados irá juntar-se a eles para ver a fotografia mostrada pelos alunos e a partir dela darem seus depoimentos.

4° Dizer para os alunos que eles devem tomar nota do depoimento em tópicos, pois nossa memória não é capaz de registrar todos os detalhes. Essas anotações devem ser entregues no final da aula.

5° Enquanto os alunos ouvem o depoimento e tomam nota fazer a chamada.

6° No final da aula agradecer aos convidados.

RECURSOS DIDÁTICOS

Folha pautada para a produção escrita do depoimento, caneta, lápis, borracha e fotografia da entrada do colégio.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com o envolvimento e pela participação ativa na hora de ouvir o depoimento e pela adequação da produção escrita do texto com base no depoimento oral.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Porta do colégio e outras crônicas**. São Paulo: Ática, 1999.

2.9.5 Aula 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Instituição: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Professora regente: Lisiane Vandresen

Estagiária responsável pela aula: Bruna Maria Boing Ribeiro

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 9º ano

Data da atividade: 05/06/2013 – quarta-feira

Tempo de aula: 1 hora-aula, com 50 minutos

Horário: 13h30 às 14h20

PLANO DE AULA 5

TEMA

Depoimentos.

OBJETIVOS

1. Fazer a leitura do livro *90 livros clássicos para apressadinhos*;
2. Compreender o possível diálogo dos vídeos com o livro;
3. Estimular um diálogo sobre os depoimentos apresentados.

CONTEÚDO

- Vídeos que contém depoimentos;
- Encaminhamento para atividade avaliativa.

METODOLOGIA

1º Fazer a chamada.

2º Dizer para os alunos que o objetivo da aula é trabalhar com depoimentos, que eles reconheçam os diversos depoimentos com que trabalharam e com que irão trabalhar.

3º Verificar com os alunos quem já leu ou está lendo o livro *Por um pedaço de terra*.

4º Fazer uma relação dos textos já lidos, *O diário de Anne Frank, Feliz Ano Velho, Depois daquela*

viagem, com os depoimentos apresentados, assim como, com os depoimentos dos convidados na aula passada.

5º Estimular a compreensão da relação entre os depoimentos do vídeo e o livro, *Por um Pedaco de Terra*.

6º Explicar que todos são exemplos de depoimentos.

7º Apresentar um vídeo que contém depoimentos sobre o Massacre de Carajás, movimento semelhante ao que ocorre no livro. Link: <http://www.youtube.com/watch?v=IOXV7vNBagA>.

8º Fazer uma discussão sobre o vídeo.

9º Verificar se os alunos perceberam o depoimento de Sebastião Salgado, o fotógrafo que é citado pelo protagonista do livro que estão lendo.

10º Apresentar um vídeo sobre a divulgação do livro: *Marcha Interrompida* com a intenção de conhecer o Massacre do Eldorado. Aqui a proposta é conhecer mais sobre outros tipos de depoimentos, podendo dialogar, também, com o livro. Link: <http://www.youtube.com/watch?v=eyt3NOpJFqQ>.

11º Provocar uma discussão sobre o vídeo.

12º Aproveitando o filme visto no trimestre passado, *Escritores da Liberdade*, será retomado outro depoimento, o da amiga de Anne Frank.

13º Provocar uma discussão sobre o vídeo.

14º Fazer um link dos vídeos com o gênero crônica, dizer que todos os depoimentos apresentados podem virar crônica, portanto, decidimos apresentar esses vídeos para que os alunos possam perceber que um depoimento pode se transfigurar em crônica.

15º Para encerrar a aula, apresentar e mostrar o livro *90 livros clássicos para apressadinhos*.

16º Distribuir o Xerox de alguns trechos do livro que foram selecionados apenas para leitura.

17º Solicitar que façam uma leitura silenciosa do texto que foi entregue.

18º Encerrar a aula explicando que a leitura servirá para darmos sequência a outra atividade na próxima aula.

RECURSOS DIDÁTICOS

Computador, projetor multimídia, vídeos, caneta, caderno, folhas de *Xerox* dos textos e livro: *90 livros clássicos para apressadinhos*.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com o envolvimento, pela participação ativa nas discussões e compreensão do vídeo. A avaliação será feita, também, com base no envolvimento da atividade de escuta e discussão dos vídeos e de leitura proposta.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ESCRITORES da liberdade. Direção: Richard LaGravenese. [S.I]: Paramount Pictures / MTV Filmes / Jersey Films, 2007. 1 DVD (123 min.).

LANGE, Henrik; tradução de Ota, **90 livros clássicos para apressadinhos**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2010.

Massacre 1996 Eldorado dos Carajás. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=IOXV7vNBagA>
 Acesso em: 10 de maio 2013.

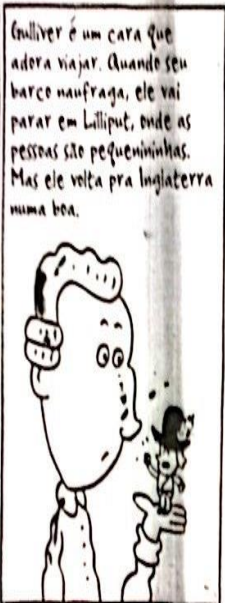
Marcha interrompida – MST Eldorado dos Carajás. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=eyt3NOpJFqQ>
 Acesso em: 10 de maio 2013.

ANEXOS

Anexo 1: Histórias em quadrinhos lidas na aula do dia. Cada folha A4 com cópia de 2 histórias.



As viagens de Gulliver
Gulliver's Travels, 1726
Jonathan Swift (1667-1745)



Drácula
Dracula, 1897
Bram Stoker (1847-1912)



LANGE, Henrik; tradução de Otávio Scalchini. Rio de Janeiro: Galera Record, 2010. 90 livros de discussões para o leitor.

As Viagens de Gulliver.

Drácula

Gulliver é um cara que adora viajar. Quando seu barco naufraga, ele vai parar em Lilliput, onde as pessoas são pequeninhas. Mas ele volta pra Inglaterra numa boa.

Jonathan Harker é mandado pra Transilvânia pra fazer negócios com Drácula. Ele é trancafiado mas consegue fugir do castelo de Drácula.

So que ele resolve viajar de novo e acaba indo parar em Brobdingnag onde todo mundo é gigante. Mas, é claro, ele consegue escapar de lá.

Após mais algumas viagens e naufrágios ele vai dar em Houyhnhnms onde os cavalos são inteligentes e as pessoas terríveis. Mister Ed é de lá. Gulliver volta e passa a falar com cavalos.

Drácula vai pra Londres e dá em cima de Mina, a noiva de Harker, e apronta o diabo na cidade. Harker e o cientista louco Van Helsing perseguem Drácula até a Transilvânia e o matam.

Harker e Mina se casam e ela tem um bebê de dentes pontudos. Hum, parece que a Mina vai ter que dar algumas explicações.

Sua família adora.

Os três mosqueteiros
 Les Trois Mousquetaires, 1844
 Alexandre Dumas (1802-1870)



D'Artagnan vai pra Paris com o intuito de se tornar mosqueteiro. Então ele encontra três caras que já são mosqueteiros e fica amigo deles.



Claro, tem sempre uma mulher na parada. A deite livro é o bela porém criminosa Milady, aparentemente capaz de seduzir todos os homens. É a medida que a história se desenrola, é o que ela faz.



Mas no fim Milady é decapitada e d'Artagnan vira um mosqueteiro oficial.

Em busca do tempo perdido
 À la recherche du temps perdu, 1913-1927
 Marcel Proust (1871-1922)



Em Busca do Tempo Perdido

Marcel Proust escreveu mais de 1000 páginas baseado nas memórias que vieram quando o narrador mergulha uma madalena no seu chá.



Suas memórias incluem montes de sexo, geralmente entre duas mulheres.

O autor é francês, por isso essas são memórias-padrão francesas.



As memórias raras: pessoas riem, choram, dormem umas com as outras e tentam conquistar seu espaço na sociedade de tudo que é jeito. O narrador, naturalmente, decide escrever um romance no fim, com todas as memórias que acabaram de ouvir. Bem conveniente.

LANEJE, Henrik; tradução de Ota. 90 livros clássicos para aprens-
 sadosinhos. Galeria Record, 2010.

Dom Quixote de La Mancha
 El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha, 1605
 Miguel de Cervantes (1547-1616)

Dom Quixote de La Mancha



Dom Quixote, na época em que ainda não tinha TV, lia pra cacete e ficou com umas ideias malucas.



Ele ataca moinhos que pensa serem gigantes e até o cavalo dele acha que ele é louco.



Ele descobre que não tem mais lugar pra heróis no mundo e resolve voltar pra casa. O cavalo dá graças a Deus (e os moinhos também).



O senhor dos anéis
 Lord of the Rings, 1954 e 1955
 J.R.R. Tolkien (1892-1973)

O Senhor dos Anéis



Frodo é um hobbit que encontra um anel mágico que controla o mundo. Mas o anel é do mal, por isso tem que se livrar dele.



Parece que tudo que é de ruim na Terra Média vai atrás dele, mas ele consegue se safar.



Frodo consegue chegar na Montanha da Perdição e o anel é destruído pelo fogo e o mundo está a salvo de novo. Até que isso daria um bom filme, né?

LANGUE, Henrik; tradutor de Otavio Pressacchini. Rio de Janeiro: Galera Record, 2010. 90 livros clássicos para a-

Romeu e Julieta

Romeo and Juliet, 1597

William Shakespeare (1564-1616)

Romeu e Julieta estão apaixonados, mas suas famílias são rivais. Ele faz serenatas pra ela debaixo da sua sacada. Romeu é um cantor e tanto.

Romeu e Julieta

Mas a coisa se complica. Romeu é expulso depois que mata o primo de Julieta, e ela simula a própria morte.



Todo mundo cai nessa, inclusive o próprio Romeu. Desesperado, ele se mata.

Ela acorda, vê ele morto e se mata. Uma comédia de erros completa.

A fantástica fábrica de chocolate

Charlie and the Chocolate Factory, 1964

Roald Dahl (1916-1990)

A Fantástica Fábrica de Chocolate

Charlie consegue o que qualquer criança queria: um convite pra visitar a fábrica de chocolate de Willy Wonka.



Bem, Wonka é bem esquisito e os outros moleques da história até fazem os Dampas Loompas parecerem normais. Um a um, os quatro outros garotos são eliminados.



Charlie é o único que escapa e ganha o grande prêmio: a própria fábrica!

Temora que ele não só uma de transformar crianças em anões que nem o Willy Wonka.

LANGE, Henrik; tradução de Otavio - 90 Livros clássicos para a - pressantinos. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

As aventuras de Alice no País das Maravilhas
 Alice's Adventures in Wonderland, 1865
 Lewis Carroll (1832-1898)

As Aventuras de Alice no País das Maravilhas



Alice é uma menina que de repente vê um coelho passar com um relógio de bolso na mão. Até aqui tudo bem, pra uma criança.



Depois de umas experiências dignas de um Timothy Leary, ela vai parar numa festa maluca, mas sai achando que foi insultada.



No final, Alice acorda e descobre que foi tudo um sonho e conta à irmã, que lhe dá seus CDs do Grateful Dead e ácido no seu aniversário.



Odisseia
 Odisseia, séc. 8 a.C.
 Homero (aprox. séc. 8 a.C)

Odisseia



Ulisses está voltando pra casa pra rever sua esposa Penélope depois de um longo dia de trabalho em Troia. Mas ele encontra desafios como os ciclopes.



-E sério, que são altamente tóxicos pra um cara que tá num barco junto com outros homens fedorentos que não tomam banho há um tempo.



Ulisses, feliz por sair do barco maldito, chega em casa e mata todos aqueles caras que tavam querendo pegar a mulher dele.



LMNF, Membr, Vredurpo de Olo, 90 livros clássicos para a pra
 Scahkers, Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

2.9.6 Aulas 8 e 9

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Instituição: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Professora regente: Lisiane Vandresen

Estagiária responsável pela aula: Bruna Maria Boing Ribeiro

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 9º ano

Data da atividade: 06/06/2013 – quinta-feira

Tempo de aula: 2 horas-aula, com 50 minutos.

Horário: 14h20 às 15h10 / 15h10 às 16h

PLANO DE AULA 6

TEMA

Era uma vez em quadrinhos.

OBJETIVOS

- Perceber a relação entre diferentes textos que se valem do depoimento como estratégia discursiva para enfatizar um ponto de vista, marcar uma posição; se constituir em argumento para defesa de um ponto de vista;
- Reconhecer a história em quadrinho como um gênero que circula socialmente e que pode assumir a função de resumo de um livro;
- Identificar especificidades da história em quadrinhos, especialmente a relação texto verbal e não-verbal;
- Identificar as ideias principais do livro *Por um pedaço de terra* a fim de produzir um resumo em quadrinhos;
- Entrar em contato com fragmentos do Livro *90 clássicos para apressadinhos*, pela leitura-fruição de textos que resumem diferentes obras clássicas da literatura.

CONTEÚDO

- Retomada do conteúdo sobre depoimento;
- Leitura: leitura-fruição de trechos selecionados do livro *90 clássicos para apressadinhos*;
- Oralidade: expressão oral na participação das provocações feitas pelo professor,

assim como adequação e pertinência das respostas; verificação oral da leitura do livro *Por um pedaço de terra*;

- Escrita: início da produção de HQ;
- O registro da fala do outro.

METODOLOGIA

1º Fazer a chamada.

2º Apresentar os objetivos da aula.

3º Retomar o assunto sobre depoimentos da aula anterior.

4º Relacionar as obras lidas no semestre passado com o livro *Por um pedaço de terra*, para que então possam compreender de que modo essas obras se assemelham, ou seja, todas são depoimentos.

5º Retomar a história do livro *Por um pedaço de terra*.

6º Apresentar o livro *90 clássicos para apressadinhos*.

7º Entregar o xerox com os quadrinhos para que iniciem a leitura.

8º Dialogar com os alunos a fim de saber o que acharam da proposta do livro, ou seja, sobre a ideia de resumir os clássicos em quatro quadrinhos. Abrir alguns questionamentos sobre essa leitura: será que ela substitui a leitura de um clássico na íntegra, ou é mais um caminho para chegar aos clássicos?

9º Perguntar se conhecem ou já estudaram o gênero HQ - histórias em quadrinhos.

10º Iniciar a apresentação preparada sobre HQ.

11º Perguntar se conhecem o gênero resumo.

12º Seguir com orientações sobre o resumo.

13º Entregar a matriz para a realização do trabalho com HQ, na qual resumirão a história do livro em quatro quadrinhos, aos moldes do livro *90 livros clássicos para apressadinhos*.

14º Orientar que o trabalho deverá ser feito em duplas.

15º Escrever no quadro as tarefas com suas respectivas datas de entrega. O trabalho proposto para HQ deverá ser entregue no dia 08/06/2013, a primeira versão e o depoimento do dia seguinte será recolhido no dia 12/06/2013.

16º Perguntar se os alunos têm dúvida com relação às datas e tarefas propostas.

- 17º Iniciar a preparação para a visita.
- 18º Escrever no quadro informações referentes ao convidado.
- 19º Entregar o roteiro de orientação para o registro do depoimento aos alunos.
- 20º Solicitar que um aluno leia o roteiro e seguir com as orientações sobre o registro de depoimento.
- 21º Orientar para que elaborem e escrevam em seus cadernos uma pergunta para a convidada do dia seguinte.
- 22º Solicitar que iniciem a atividade em dupla com a HQ.

RECURSOS DIDÁTICOS

Computador, projetor multimídia, quadro negro, giz, vídeos, caneta, caderno, textos impressos e roteiro para orientação do depoimento.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com o envolvimento e pela participação ativa e compreensão dos gêneros, depoimento, história em quadrinhos e resumo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

LANGE, Henrik; tradução de Ota, **90 livros clássicos para apressadinhos**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2010.

ANEXOS

Anexo 1: Folha padrão entregue a cada dupla para a escrita das histórias em quadrinhos.



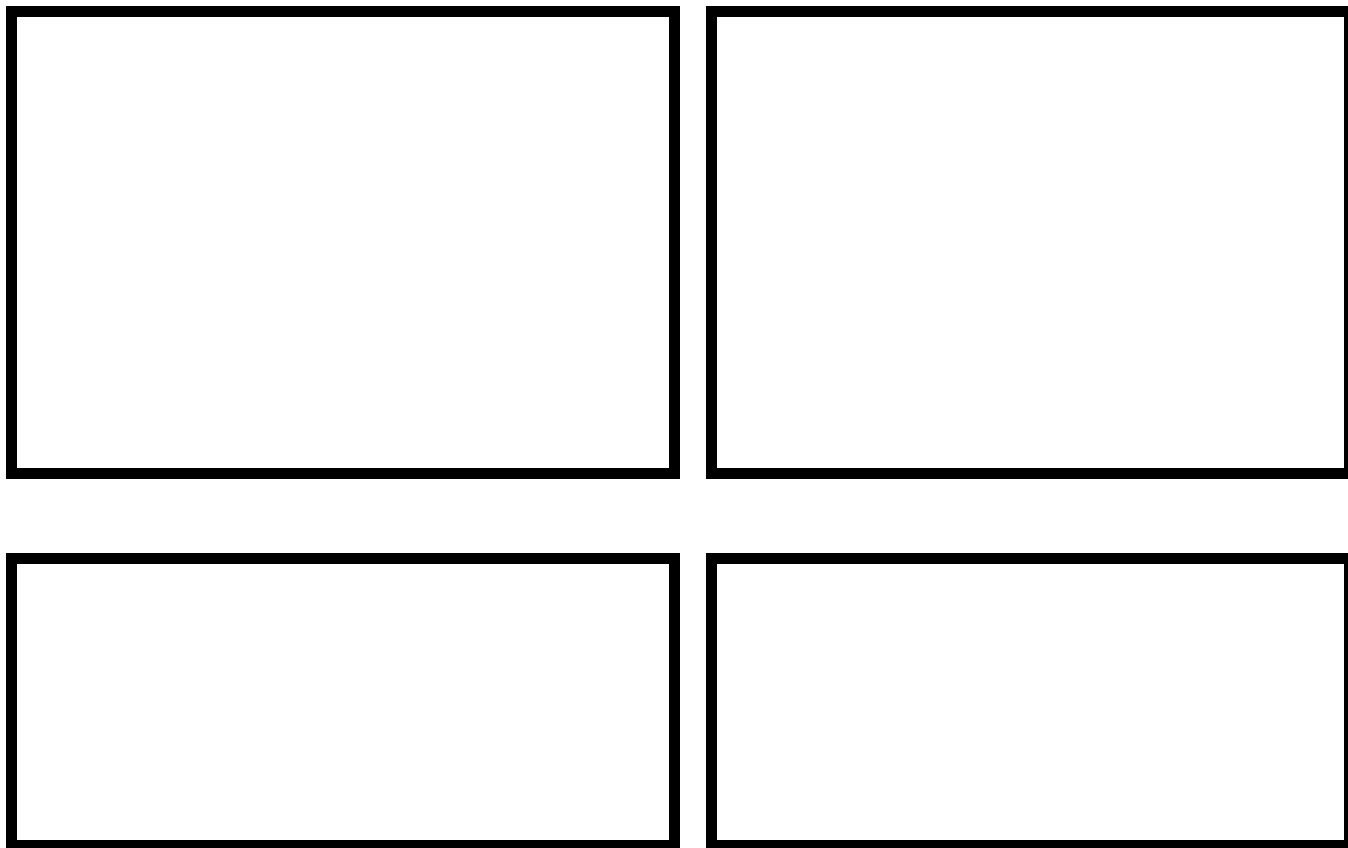
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO**



Língua Portuguesa

Professoras: Bruna e Erika

Aluno: _____



Anexo 2: 1ª. Versão das histórias em quadrinhos.

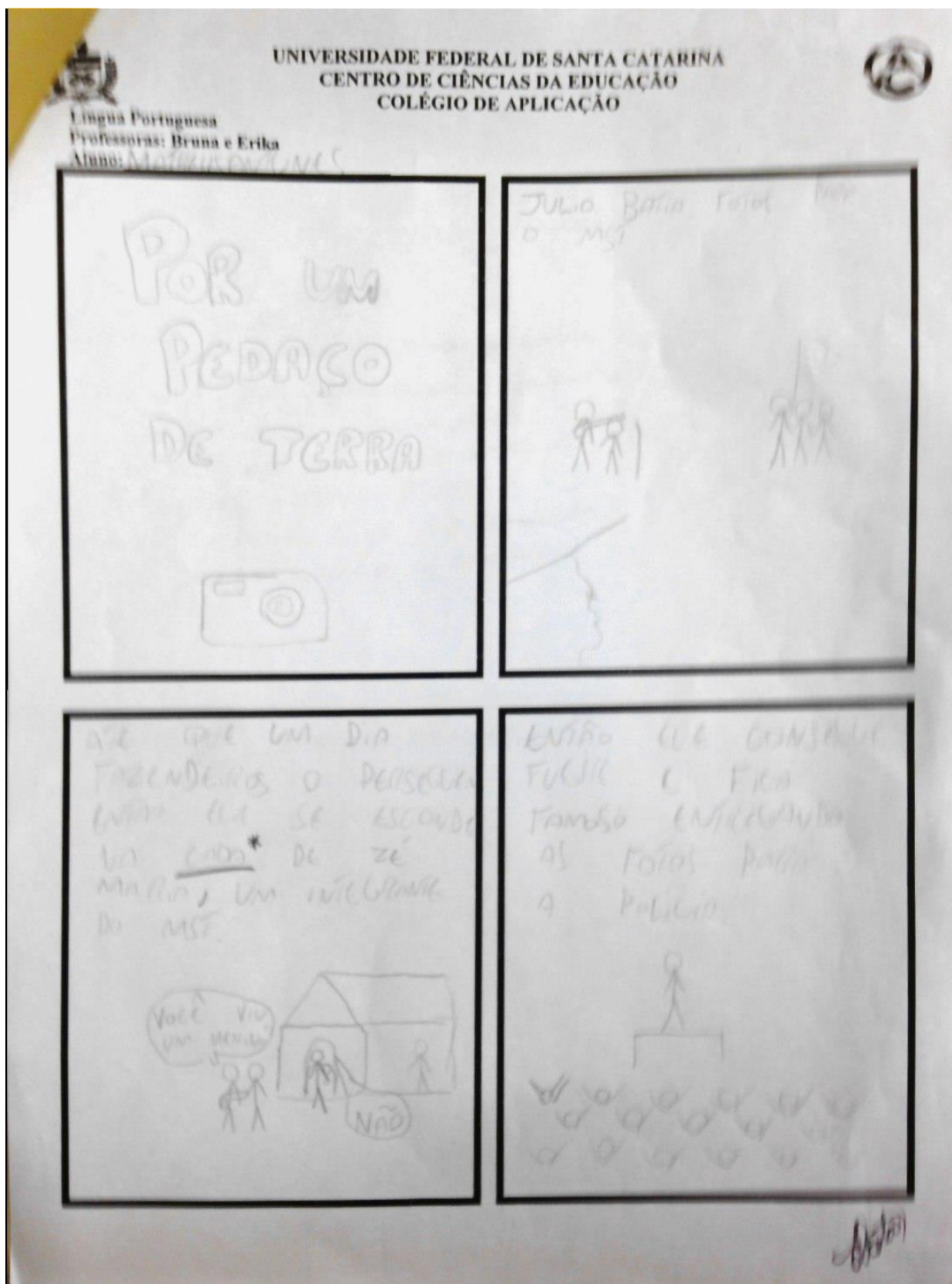


Figura 1 História em quadrinho do aluno M. na 1a. versão

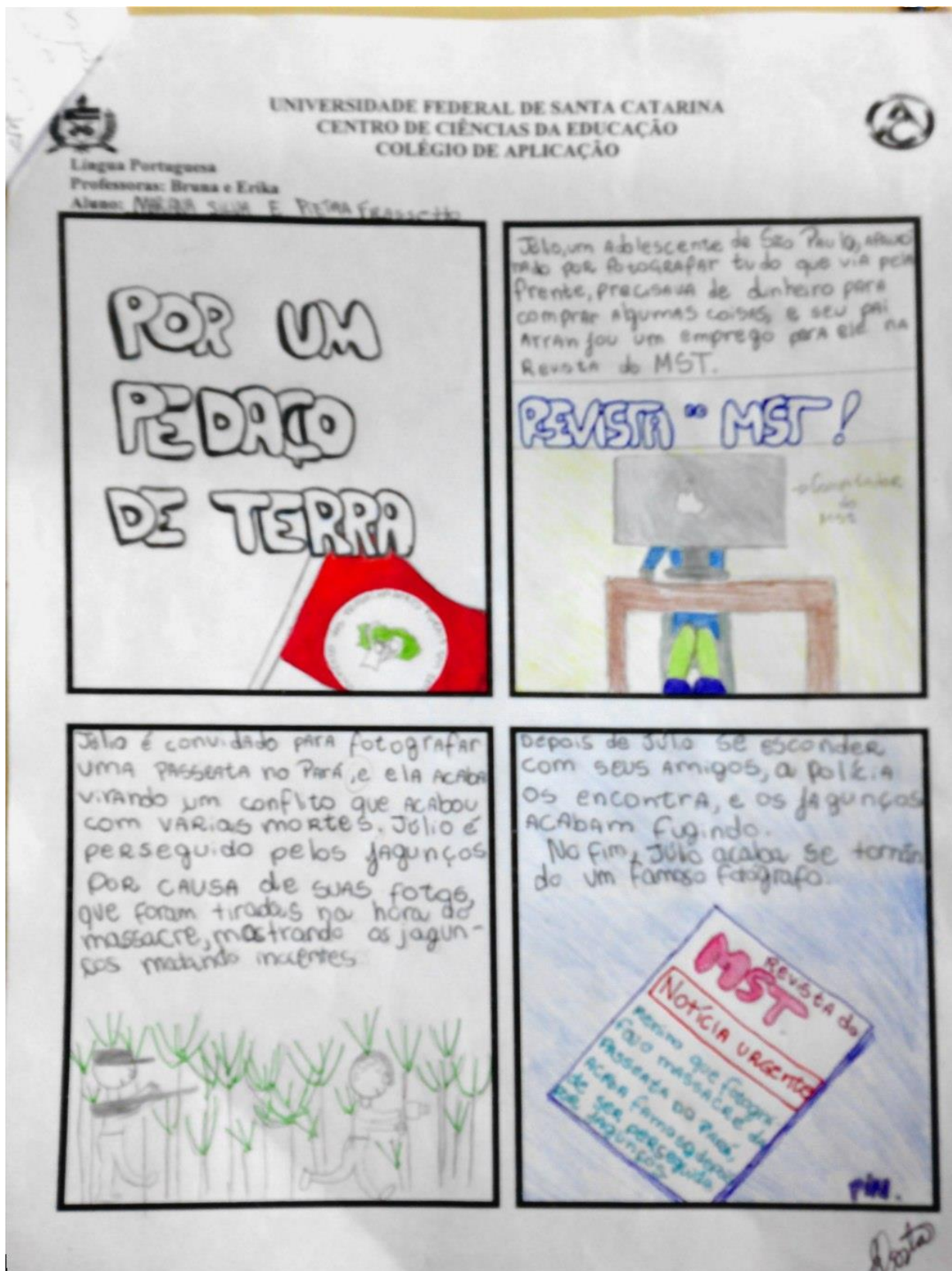


Figura 2 HQ das alunas M. e P. na 1a. versão

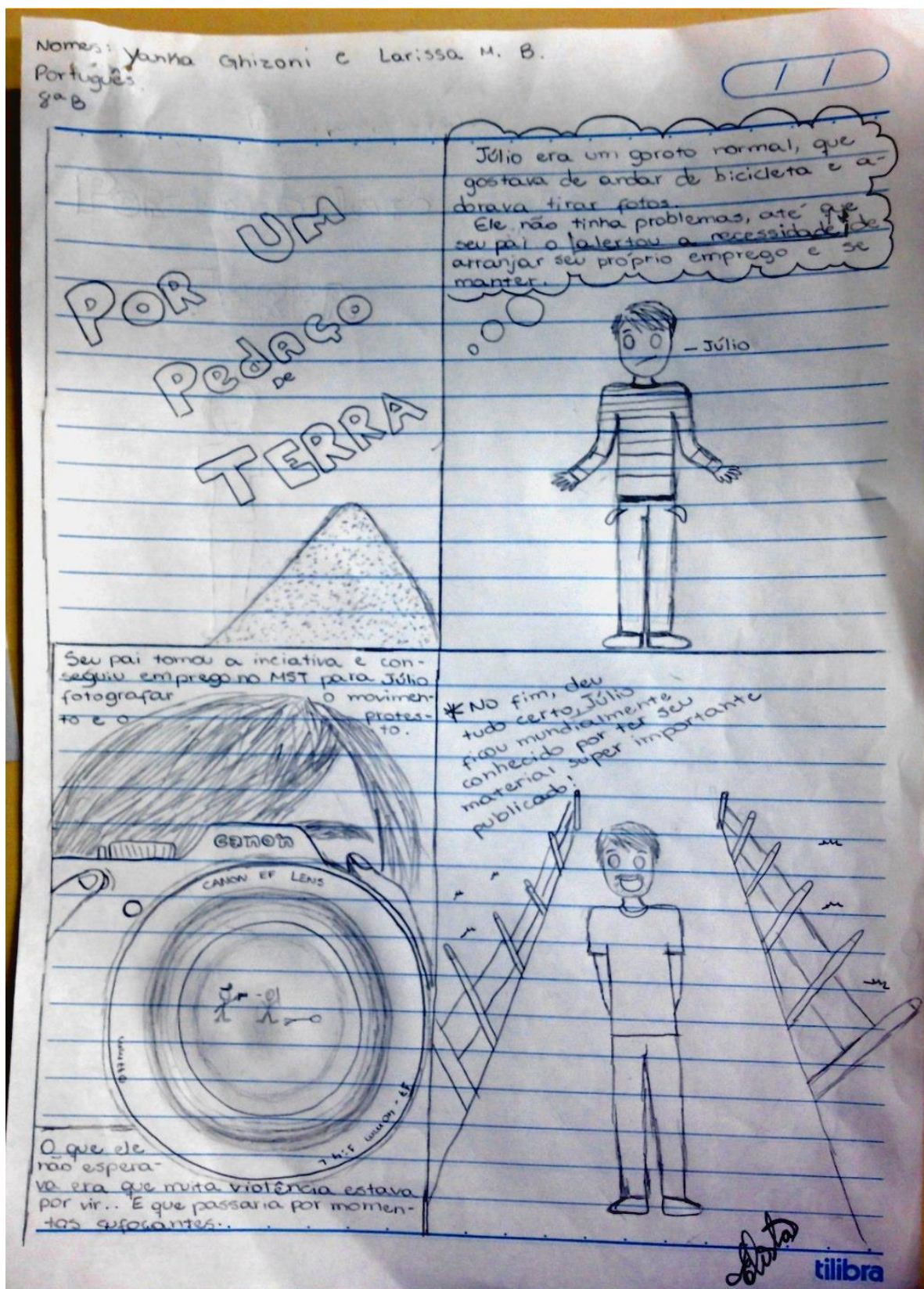


Figura 3 HQ das alunas L. e Y. na 1a. Versão

2.9.7 Aulas 10 e 11

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Instituição: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Professora regente: Lisiane Vandresen

Estagiária responsável pela aula: Bruna Maria Boing Ribeiro

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 9º ano

Data da atividade: 07/06/2013 – sexta-feira

Tempo de aula: 2 horas-aula, com 50 minutos

Horário: 16h20 às 17h50

PLANO DE AULA 7

TEMA

Depoimento de integrante do MST.

OBJETIVOS

- Conhecer a história e organização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST pela voz de um de seus integrantes;
- Estabelecer a relação entre a história relatada no livro *Por um pedaço de terra* e situações reais vivenciadas pelos integrantes do MST;
- Compreender a relação entre o tema do depoimento oral do integrante do MST com o tema do projeto de IC, percebendo, assim, semelhanças e diferenças;
- Atribuir sentido à fala do outro pela escuta ativa de depoimento oral de integrante do MST;
- Fazer uso da escrita para registrar a fala do outro – depoimento de integrante do MST – e para organizar a própria fala na elaboração prévia de perguntas ao convidado.

CONTEÚDO

- Depoimento oral;
- Oralidade: escuta ativa da fala do convidado, expressão oral, clareza e coerência na proposição de questões orais ao convidado;
- Escrita: recurso de registro da fala do outro, tomando como base as orientações do roteiro elaborado como orientação para esse momento e orientação da própria fala

quando da elaboração de questões prévias ao convidado.

METODOLOGIA

1º Fazer a chamada.

2º Apresentar a pauta do dia.

3º Receber o convidado.

4º Apresentar o convidado aos alunos.

5º Explicar como será a dinâmica da aula.

6º Primeiramente, o convidado iniciará com o seu depoimento.

7º Após o término do depoimento, será possibilitado um espaço para perguntas, isto é, dúvidas e curiosidades que os alunos queiram saber sobre o MST.

8º Terminada a conversa, solicitar que todos batam palmas para o convidado.

9º Agradecer ao convidado por ter aceito o convite e por ter cedido seu tempo para estar conosco. Falar da importância que tem para todos nós saber um pouco sobre o movimento dos sem-terra, tendo em vista que a mídia apenas apresenta a sua versão dos fatos.

10º Encerrar a aula.

RECURSOS DIDÁTICOS

Papel, caneta, lápis, borracha, quadro negro, giz, folha com o roteiro de anotação e gravadores.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados quanto à compreensão da fala do convidado e dos assuntos abordados por ele, como também verificaremos se todos tomam nota no momento do depoimento. A oralidade será avaliada quanto à adequação e pertinência das perguntas proferidas ao convidado, assim como, a escrita deverá condizer com os dados da fala do outro.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANEXOS

Anexo 1: Roteiro para o registro do depoimento:

Disciplina de Língua Portuguesa**Profa. Bruna Maria Boing Ribeiro e Erika Costa Agnellino****Roteiro para Observação – Aprendendo a tomar nota de um depoimento.****Importante:****O Registro do Depoimento:**

Fazer anotações e gravações (o uso de gravadores não substitui as suas anotações);

1. Fazer anotações durante o depoimento do convidado, para evitar anotações de memória que criam distorções;
2. Criar um plano de registro:
 - dispor de folha para anotações;
 - anotar somente depois que o convidado começar a falar;
 - anotar, também, atitudes do entrevistado que possam ter algum significado (aparência, modo de agir, gestos, expressões, tom da voz)
 - O que anotar? Sobre a vida do convidado, suas origens, como se deu sua formação educacional, qual sua relação com o movimento, se participa das manifestações do MST e de que forma é a sua participação, como funciona o MST, desenvolve alguma atividade, é reconhecido pelas autoridades.
3. Como proferir suas perguntas:
 - Procure ser objetivo em suas perguntas (essas devem ser previamente elaboradas e algumas podem surgir durante a fala do convidado, portanto anote sua pergunta antes de pronunciá-la).

Lembre-se:

Após o depoimento do convidado você deverá passar suas anotações a limpo com todas as informações da descrição do sujeito e do registro de suas anotações e da gravação, para entregar na próxima quarta-feira(12/06).

Anexo 2: Registro fotográfico da visita de uma militante do MST



Imagem 1: Alunos tomando nota do depoimento de uma integrante do MST.



Imagem 2: Fala da integrante do MST sendo gravada.



Imagem 3: Integrante do MST dando seu depoimento aos alunos.

2.9.8 Aulas 12 e 13

UNIVERSIDADE FERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Instituição: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Professora regente: Lisiane Vandresen

Estagiária responsável pela aula: Erika da Silva Costa Agnellino.

Turma: 9B

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 9º ano

Data da atividade: 08/06/2013 – sábado

Tempo de aula: 2 horas-aula, com 50 minutos

Horário: 8h20 às 10h00

PLANO DE AULA 8

TEMA

O fazer do cronista e a escrita de crônicas

OBJETIVOS

- Compreender como se dá o fazer do cronista, pela escuta de vídeo-depoimento de cronista e pela leitura de crônica-depoimento de um cronista;
- Ler e interpretar a crônica *Da minha janela vejo*, identificando os recursos expressivos e linguísticos utilizados pelo autor para falar da situação cotidiana de olhar pela janela;
- Compreender o depoimento como gênero que pode se intercalar a outros gêneros e se constituir em referência para a escrita de crônicas;
- Produzir uma crônica a partir do que cada um vê de sua janela considerando o que foi trabalhado em sala de aula.

CONTEÚDO

- Leitura-fruição da crônica *O cronista é um escritor crônico*, de Affonso Romano de Sant'Anna;
- Leitura-estudo da crônica *Da minha janela vejo*, de Afonso Romano de Sant'Anna;
- Oralidade: escuta ativa de vídeos-depoimentos sobre a crônica e o fazer do cronista e expressão oral na participação dos diálogos sobre os vídeos assistidos e as crônicas lidas;
- A crônica: função social, forma de composição, recursos expressivos e linguísticos.

METODOLOGIA

- 1º Fazer chamada.
- 2º Apresentar a pauta do dia.
- 3º Recolher a primeira versão da atividade do livro.
- 4º Apresentar vídeo com depoimentos do fazer do cronista e fazer uma relação com o que foi relatado no depoimento do convidado da aula anterior.
- 5º Retomar com os alunos o que é crônica, função social e tipos de crônicas. Apresentar o vídeo *Crônica*. Link: <http://www.youtube.com/watch?v=rjHJT2WwVtg>.
- 6º Dialogar sobre o vídeo com os alunos, ver se eles concordam, se imaginavam o que foi apresentado, etc.
- 7º Inserir o gênero depoimento com uma apresentação preparada para esse momento.
- 8º Em seguida, apresentar um vídeo com um depoimento de Luiz Fernando Veríssimo. Link: http://www.youtube.com/watch?v=wyaxZm_XxtI.
- 9º Dialogar com os alunos sobre o vídeo.
- 10º Apresentar uma crônica sobre o fazer do cronista: *O cronista é um escritor crônico*, de Affonso Romano de Sant'Anna e *Sobre a Crônica*, de Ivan Ângelo.
- 11º Dialogar sobre as duas crônicas lidas.
- 12º Entregar para os alunos a cópia da crônica *Da minha janela vejo*.
- 13º Leitura-estudo da crônica *Da minha janela vejo*.
- 14º Dialogar sobre a crônica.
- 15º Entregar um roteiro de perguntas para estudo da crônica
- 16º Iniciar o encaminhamento da produção da crônica pelos alunos.
- 17º Seguindo o tema da crônica desta aula, solicitar que os alunos escrevam uma crônica-depoimento com base no que veem de suas janelas. Para isso, solicitaremos uma fotografia da vista de suas janelas para ser publicada, no blog, juntamente com a versão final da crônica. Tarefa para ser entregue na aula do dia 12 de junho (1a. versão).
- 18º Encerrar a aula.

RECURSOS DIDÁTICOS

Computador, projetor multimídia, caneta, lápis, borracha, quadro negro, giz, roteiro de estudo da crônica, xerox das crônicas trabalhadas em sala e papel para anotações.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados pelo envolvimento, participação e atenção no momento dos vídeos, na leitura das crônicas e na discussão dos temas dos vídeos e na leitura dos textos. Serão consideradas a pertinência e adequação das respostas dos alunos aos questionamentos do professor, assim como dos questionamentos dos alunos ao professor. Também será avaliada a produção textual dos alunos, considerando a adequação ao gênero e às convenções da modalidade escrita da língua.

REFERÊNCIAS

ÂNGELO, Ivan. **Sobre a crônica**. In: Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: Coletânea crônica. Equipe de produção Maria Aparecida Laginestra, Maria Imaculada Pereira. São Paulo: Cenpec. 2012.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Porta do colégio e outras crônicas**. São Paulo: Ática, 1999.

Vídeos:

SABINO, F. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=rjHJT2WwVtg>>

Acesso em 13 de maio de 2013.

Entrevista com Luís Fernando Veríssimo, Disponível em:

< http://www.youtube.com/watch?v=wyaxZm_XxtI> Acesso em 13 de maio de 2013.

ANEXOS

Anexo 1: Roteiro de análise da crônica lida.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CINECIAS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO



Dos elementos apresentados a vocês quais você identifica na crônica lida?

Para isso, **escreva** abaixo de cada tópico os elementos identificados na crônica:

Descreve fatos da vida cotidiana, trata de problemas do cotidiano?

Tem caráter humorístico, crítico, satírico e/ou irônico?

Possui personagens comuns?

As personagens são apresentadas em traços rápidos?

Está organizado em torno de um único núcleo, um único problema?

A linguagem é simples?

Tem como objetivo envolver, emocionar ou levar o leitor à reflexão?

Anexo 2: Slides sobre os elementos da crônica.

SLIDE 1

Elementos da Crônica

- 1) Narração curta;
- 2) Descreve fatos da vida cotidiana; assuntos comuns do dia a dia;
- 3) Pode ter caráter humorístico, crítico, satírico e/ou irônico;
- 4) Possui personagens comuns; as personagens não têm aprofundamento psicológico; são apresentadas em traços rápidos;



SLIDE 2

- 5) Segue um tempo **cronológico** determinado;
- 6) É organizado em torno de **um único núcleo**;
- 7) Uso da oralidade na escrita e da **linguagem coloquial** na fala das personagens;
- 8) Tem como objetivo envolver, emocionar o leitor.



werno

SLIDE 3

O nascimento da crônica

“Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *la glace est rompue* está começada a crônica. (...) (Machado de Assis. "Crônicas Escolhidas". São Paulo: Editora Ática, 1994)



werno

Anexo 3: Texto lido em sala sobre o fazer do cronista.

O Cronista é um Escritor Crônico¹⁵

Affonso Romano de Sant'Anna

¹⁵

Disponível em: <http://www.releituras.com/arsant_ocronista.asp> Acesso em 25 de junho de 2013.

O primeiro texto que publiquei em jornal foi uma crônica. Devia ter eu lá uns 16 ou 17 anos. E aí fui tomando gosto. Dos jornais de Juiz de Fora, passei para os jornais e revistas de Belo Horizonte e depois para a imprensa do Rio e São Paulo. Fiz de tudo (ou quase tudo) em jornal: de repórter policial a crítico literário. Mas foi somente quando me chamaram para substituir Drummond no *Jornal do Brasil*, em 1984, que passei a fazer crônica sistematicamente. Virei um escritor crônico.

O que é um cronista?

Luís Fernando Veríssimo diz que o cronista é como uma galinha, bota seu ovo regularmente. Carlos Eduardo Novaes diz que crônicas são como laranjas, podem ser doces ou azedas e ser consumidas em gomos ou pedaços, na poltrona de casa ou espremidas na sala de aula.

Já andei dizendo que o cronista é um estilista. Não confundam, por enquanto, com estilista. Estilista era o santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. São Simeão passou trinta anos assim, exposto ao sol e à chuva. Claro que de tanto purificar seu estilo diariamente o cronista estilista acaba virando um estilista.

O cronista é isso: fica pregando lá em cima de sua coluna no jornal. Por isto, há uma certa confusão entre colunista e cronista, assim como há outra confusão entre articulista e cronista. O articulista escreve textos expositivos e defende temas e ideias. O cronista é o mais livre dos redatores de um jornal. Ele pode ser subjetivo. Pode (e deve) falar na primeira pessoa sem envergonhar-se. Seu "eu", como o do poeta, é um eu de utilidade pública.

Que tipo de crônica escrevo? De vários tipos. Conto casos, faço descrições, anoto momentos líricos, faço críticas sociais. Uma das funções da crônica é interferir no cotidiano. Claro que essas que interferem mais cruamente em assuntos momentosos tendem a perder sua atualidade quando publicadas em livro. Não tem importância. O cronista é crônico, ligado ao tempo, deve estar encharcado, doente de seu tempo e ao mesmo tempo pairar acima dele.

12/6/88

Texto extraído do jornal "O Globo" - Rio de Janeiro.

Anexo 4: 1ª. Versão das crônicas.

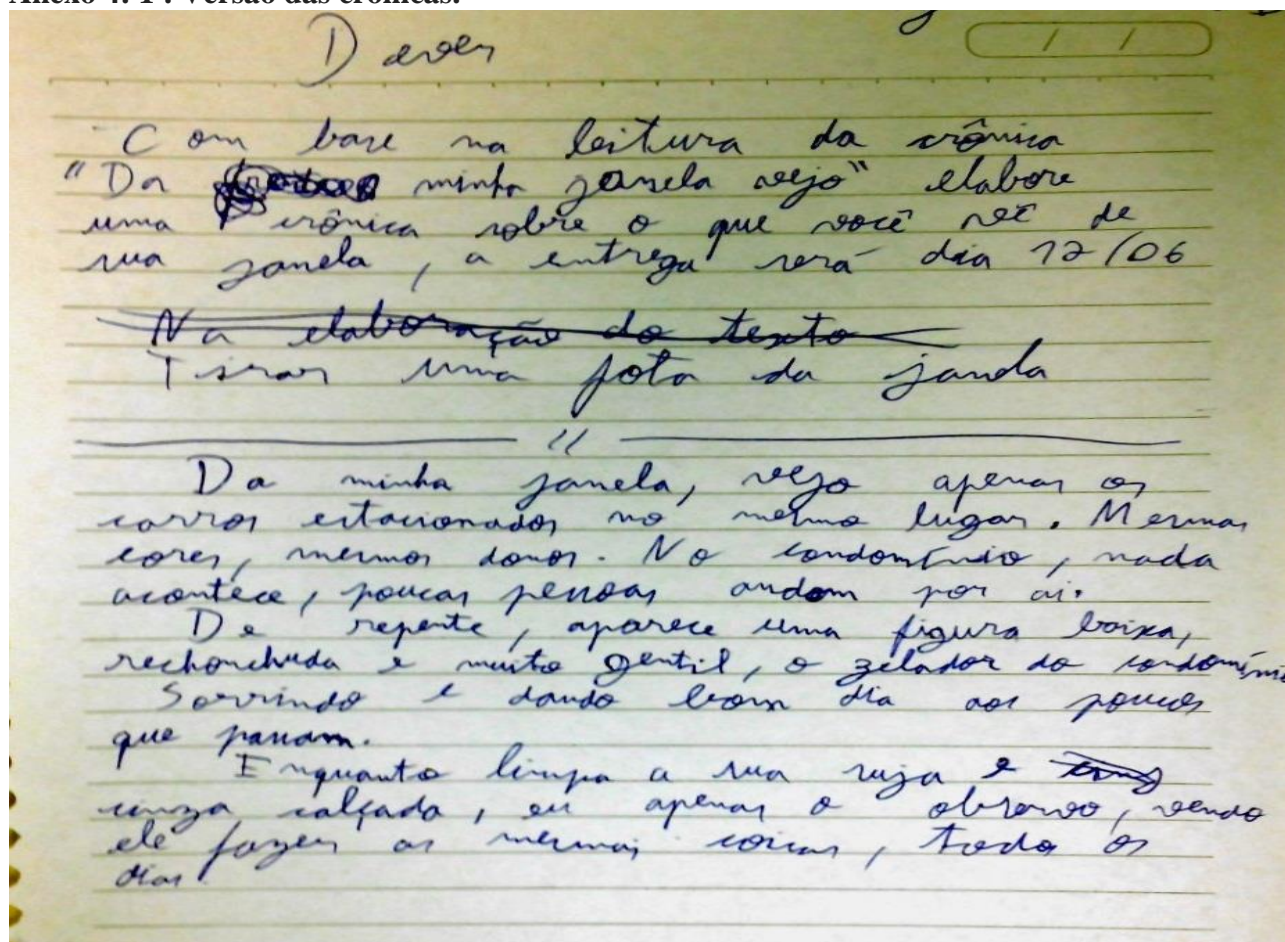


Figura 4 Crônica do aluno L. em sua primeira versão

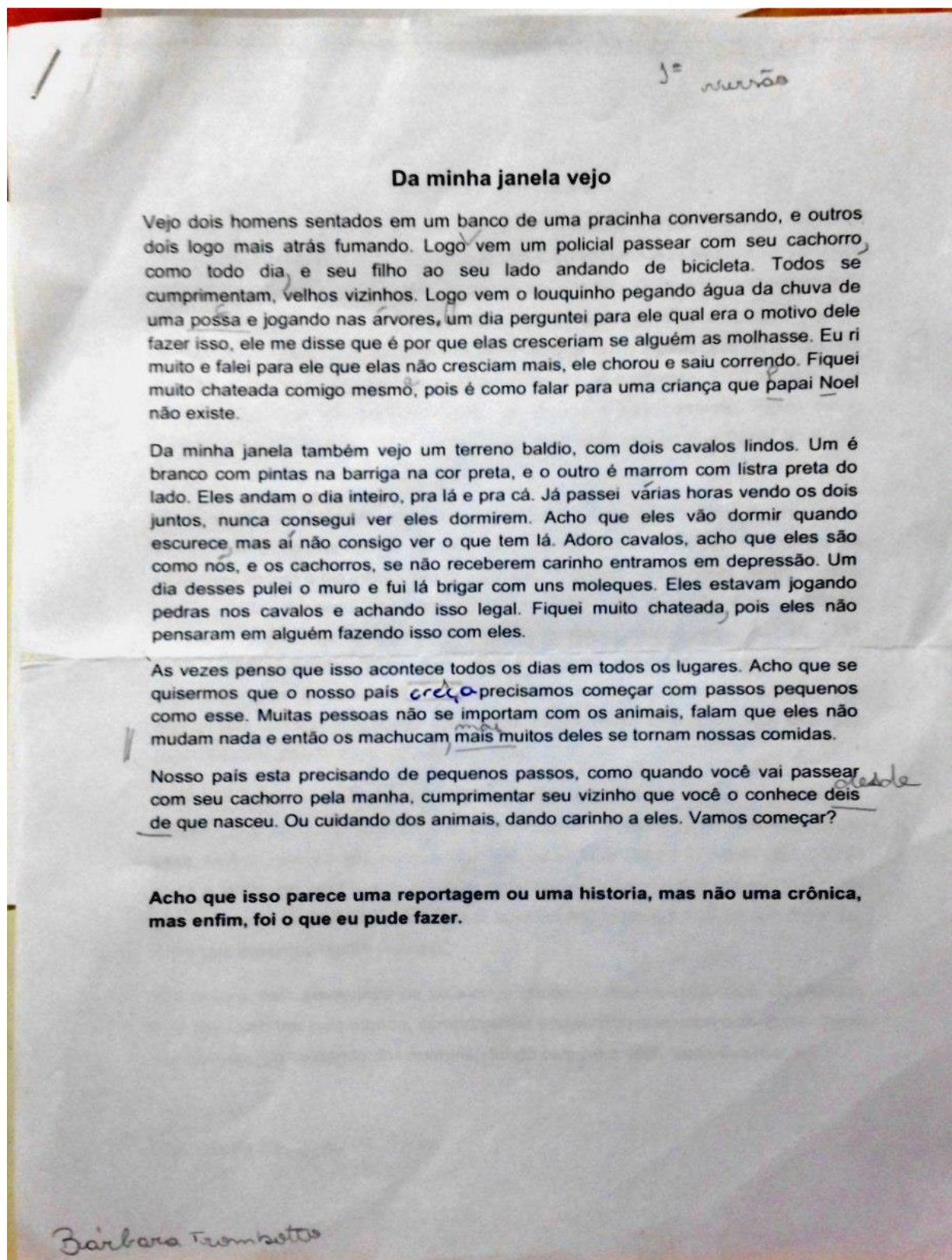


Figura 5 Crônica da aluna B. em sua 1a. versão

Da minha janela vejo

Sim, as vejo todas as noites. Milhões e milhões de pontinhos no céu. Qual é o nome delas? Estrelas. Da minha janela eu vejo estrelas, tão lindas... tão surpreendentes... aos meus olhos, chega até ser sobrenatural. Apaga as luzes da cidade para fortalecer o seu brilho! Mas certas noites eu não as vejo... as misteriosas nuvens insistem em escondê-las, chega até a me dar um aperto no coração... como vou dormir em paz, sem dar "boa noite" para as minhas amigas? Elas vem, e vão, assim como o dia clareia, e como mudam as estações. Para uns, as estrelas são grandes e luminosas esferas de plasma, mas para mim não. As estrelas são as companheiras da lua e as guardiãs do mundo. Cuidam das pessoas, das florestas, do mar e de todos os elementais da terra.

Da minha janela eu as vejo, assim como elas me vem também. Me protegem de todo o mal, e em troca, eu as conto os meus segredos. Vão me ver, e julgar, dizendo que sou louca por falar socinha, mas será mesmo? Cada um tem o seu mundo, e é claro que elas me escutam. A loucura move tudo, assim como a força do pensamento beneficia quem acredita.

Da minha janela, e assim como a de todas as pessoas, estão os pontinhos perdidos no céu. Só vê quem quer. Só vê quem entende. E não pare para vê-las apenas quando está sofrendo, apaixonado, ou algo do tipo. Consideração gera consideração. Atenção gera atenção. Procure-as nos

momentos mais simples, que elas irão lhe ajudar quando mais precisar. É só confiar.



Figura 6 Crônica da aluna L. em sua 1a. versão.

2.9.9 Aula 14

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Instituição: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Professora regente: Lisiane Vandresen

Estagiária responsável pela aula: Erika da Silva Costa Agnellino.

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 9º ano

Data da atividade: 12/06/2013 – quarta-feira.

Tempo de aula: 2 horas-aula, com 50 minutos.

Horário: 13h30 às 14h20

PLANO DE AULA 9

TEMA

Análise linguística.

OBJETIVOS

- Reconhecer problemas de ordem discursiva, textual e linguística presentes nas produções textuais dos quadrinhos-resumo do livro *Por um pedaço de terra*;
- Analisar conjuntamente trechos das produções dos alunos que apresentaram inadequações de ordem textual e linguística;
- Refletir sobre os usos da língua em textos que conjugam diferentes linguagens;
- Reescrever as histórias em quadrinhos adequando-as ao gênero e à variedade padrão escrita da língua portuguesa.

CONTEÚDO

- Leitura de trechos selecionados para a análise linguística;
- Oralidade: discussão sobre a adequação à norma padrão dos trechos selecionados para análise linguística;
- Escrita: reescrita do trabalho com base nas adequações sugeridas em aula.

METODOLOGIA

1º Fazer chamada.

2º Apresentar a pauta do dia.

3º Recolher as crônicas.

4º Lembrar aos alunos que as aulas do dia seguinte serão reservadas todas para a oficina de IC, e, para o sucesso da aula, é imprescindível que cada grupo traga seus computadores.

5º Iniciar o trabalho com análise linguística dos textos produzidos sobre o livro *Por um Pedaco de terra* com uma apresentação preparada para esse momento.

6º Devolver as produções para os alunos.

7º Encaminhar a reescrita desses textos para exposição no dia 20/06 no corredor das salas de aula. Eles deverão encaminhar a versão final desses textos até o dia 14 de junho (sexta-feira).

RECURSOS DIDÁTICOS

Computador, projetor Multimídia, caneta, lápis, borracha, quadro negro, giz e folha padrão para a reescrita das histórias em quadrinhos.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com a participação nas atividades propostas-compreensão das regras discutidas, participação na discussão e pela adequação da reescrita da história em quadrinhos e do resumo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BORGATTO, Ana Trincone; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. **Tudo é Linguagem: 9º ano**. 2ª.edição. São Paulo: Ática, 2010.

ANEXOS

Anexo 1: Folha padrão para a reescrita das histórias em quadrinhos.



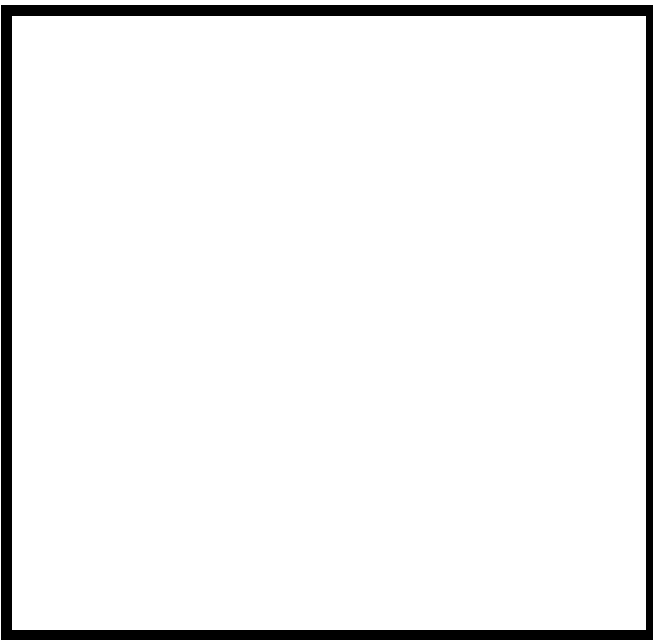
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO



Língua Portuguesa

Professoras: Bruna e Erika

Aluno: _____



Anexo 2: 2ª. Versão das histórias em quadrinhos.

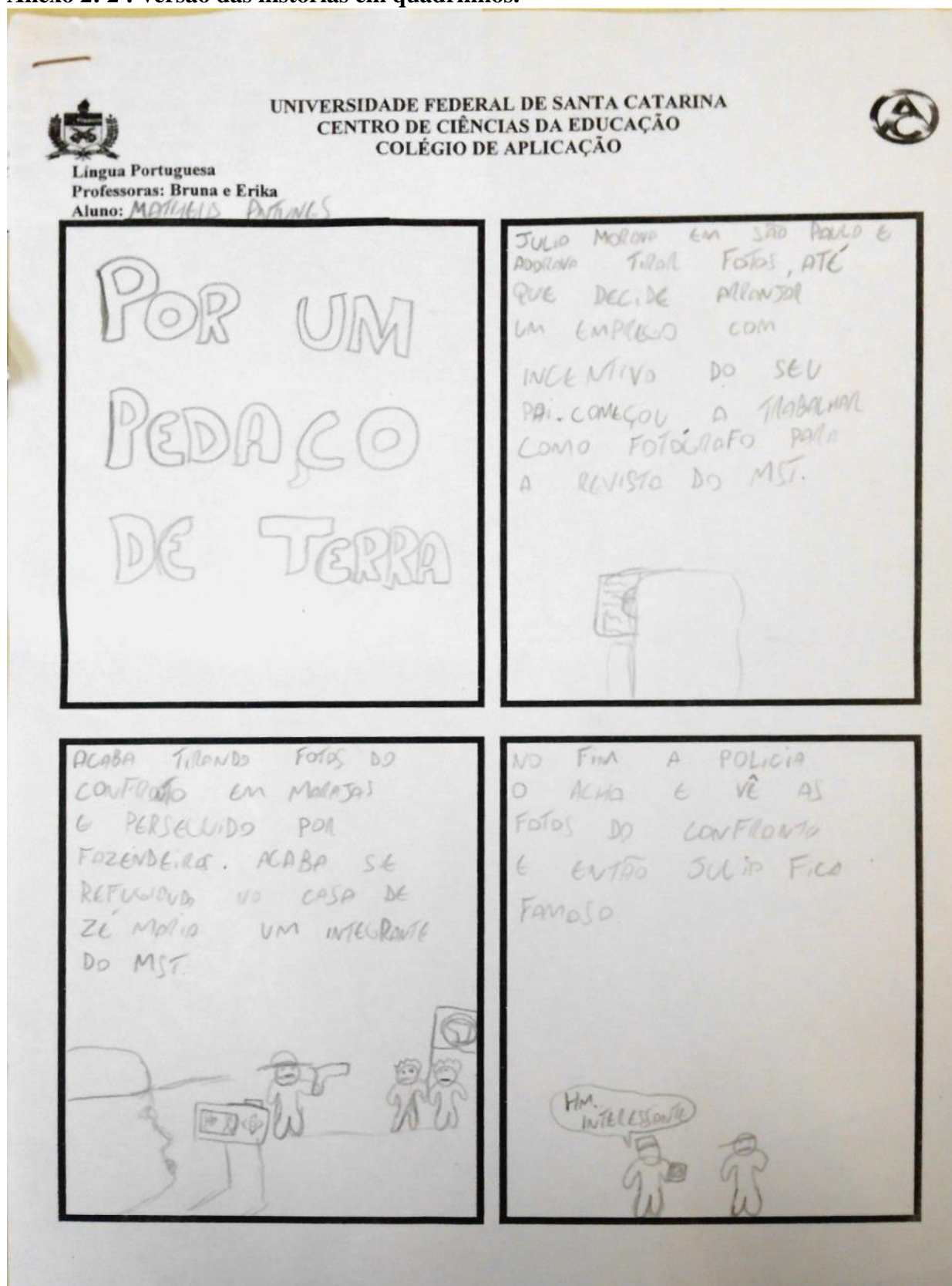


Figura 7- 2a. versão da história em quadrinhos do aluno M.



Figura 8 - 2a. versão da história em quadrinhos da dupla T. e V.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO



Língua Portuguesa

Professoras: Bruna e Erika

Aluno: YANNA GHIZONI e LARISSA M. BARROZO.

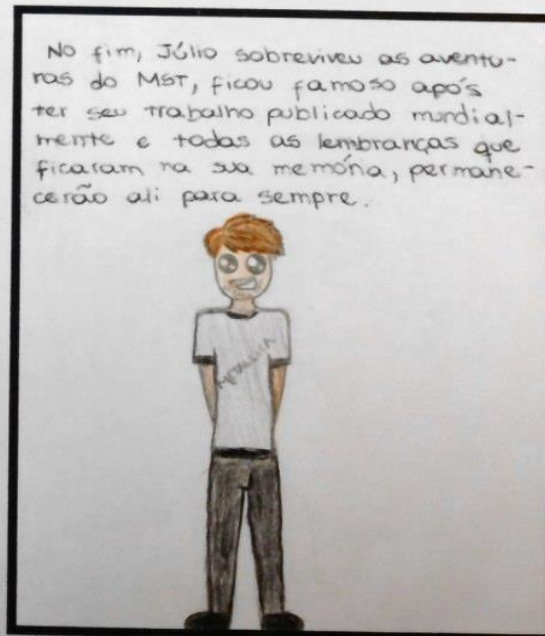
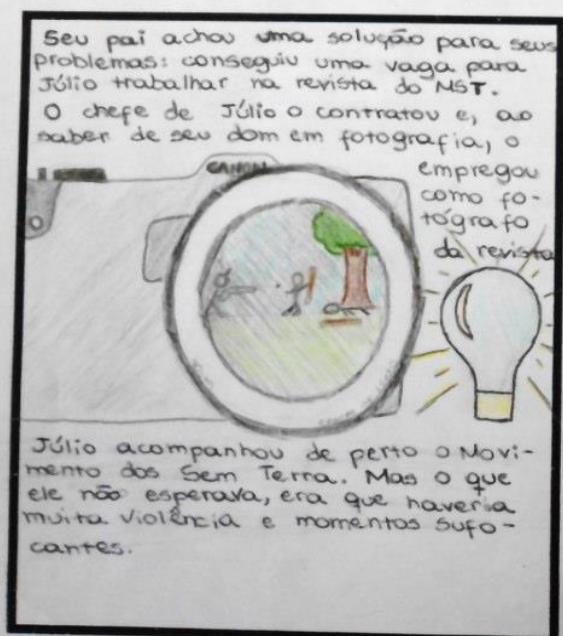
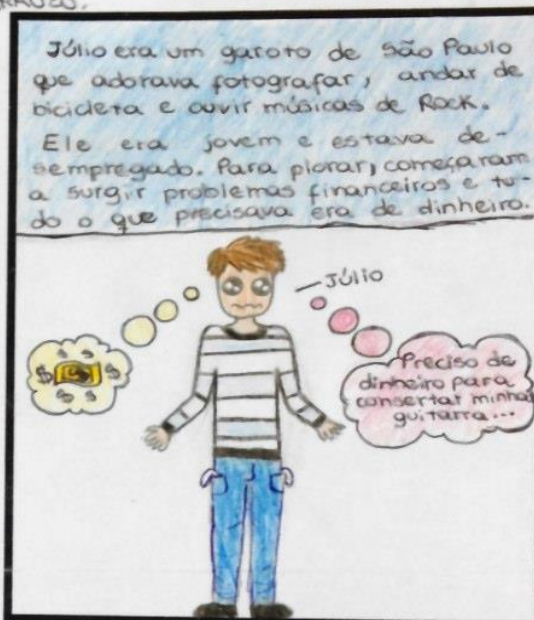
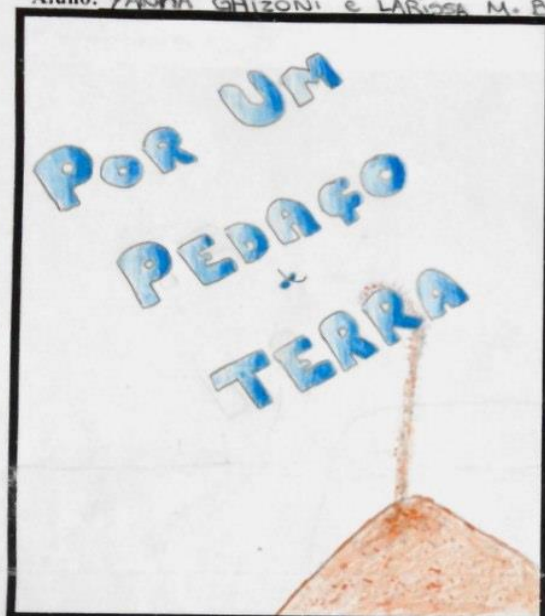


Figura 9- 2a. versão da história em quadrinhos da dupla L. e Y.

2.9.10 Aulas 15 e 16

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Instituição: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Professora regente: Lisiane Vandresen

Estagiária responsável pela aula: Erika da Silva Costa Agnellino.

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 9º ano

Data da atividade: 14/06/2013 – sexta-feira.

Tempo de aula: 2 horas-aula, com 50 minutos.

Horário: 16h20 às 17h50

PLANO DE AULA 10

TEMA

Análise Linguística.

OBJETIVOS

- Reconhecer problemas de ordem discursiva, textual e linguística presentes nas produções textuais das crônicas;
- Analisar conjuntamente trechos das produções dos alunos que apresentaram inadequações de ordem textual e linguística;
- Refletir sobre os usos da língua;
- Reescrever os textos adequando-os aos gêneros e à variedade padrão escrita da língua portuguesa.

CONTEÚDO

- Oralidade: participação na análise linguística com sugestões de adequações;
- Leitura: análise das correções feitas em suas produções textuais;
- Escrita: reescrita das crônicas de acordo com a análise linguística e dos ajustes destacados nas suas produções escritas.

METODOLOGIA

1º Fazer chamada.

2º Apresentar a pauta do dia.

3º Iniciar a análise linguística das crônicas.

4º Apresentar dois trabalhos que mais se aproximaram da proposta de trabalho e mais outros dois trabalhos que deixaram a desejar, assim iniciaremos uma reflexão conjunta com sugestões para esses últimos.

5º Nesse procedimento não identificaremos os nomes dos alunos que terão seus trabalhos socializados, assim evitaremos constrangimentos.

6º Com base nas correções iniciaremos uma apresentação em PPS com erros, acertos e orientações;

7º Entregar folha para a reescrita da crônica. (modelo anexo)

8º Escrever no quadro o prazo de entrega das crônicas.(última versão)

9º De acordo com o encaminhamento dessas atividades encerramos aqui, ou, prosseguiremos com as atividades a seguir.

10º Iniciar a reescrita, com base na análise linguística, que deverá ser entregue na próxima aula (dia 19/6).

RECURSOS DIDÁTICOS

Computador, projetor multimídia, caneta, lápis, borracha, quadro negro, giz, papel para anotações, apresentação em *Power point*.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com sua participação nas atividades propostas – atenção, compreensão das questões apresentadas e discutidas, assim como no envolvimento apresentando sugestões para as adequações linguísticas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BORGATTO, Ana Trincone; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. **Tudo é Linguagem: 9º ano**. 2ª.edição. São Paulo: Ática, 2010.

ANEXOS

Anexo 1: Folha padrão para a reescrita da crônica.

Colégio de Aplicação - UFSC

Disciplina: Língua Portuguesa

Professora: Lisiane Vandresen

Estagiárias: Bruna Maria Boing Ribeiro / Erika da S. Costa Agnellino

Turma: 9º ano B

Aluno: _____

Produção Textual

Reescreva sua crônica, observando os apontamentos e sugestões das adequações das professoras/estagiárias. Essa é a versão final da sua produção, que será publicada no blog do projeto. Não se esqueça de fazer um rascunho antes e passar a limpo aqui nessa folha.

Título: _____

Anexo 2: Lembrete entregue junto com a folha da reescrita.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CINECIAS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO



Ao reescrever sua crônica considere as observações apontadas pelas professoras/estagiárias e não se esqueça de observar os elementos que uma crônica deve ter. Para isso, elaboramos um roteiro de orientação para a reescrita da sua crônica. Vamos lá?! Não se esqueça de fazer um rascunho antes e passar a limpo na folha que entregamos a você.

Para lembrar!

Os elementos que compõem uma crônica são:

Título sugestivo.

Cenário curioso.

Foco narrativo, ou seja, o autor escolhe o ponto de vista que vai adotar: escreve na primeira pessoa (eu vi, eu fiz, eu senti) e se transforma em parte da narrativa – é o autor-personagem; ou fica de fora e escreve na terceira pessoa (ele fez, eles sentiram) – é o autor-observador.

Uma ou várias personagens, inventadas ou não – o autor pode ser uma delas.

Enredo, isto é, narra um momento, um acontecimento, um episódio banal do dia a dia, e a partir daí passa uma ideia, provoca uma emoção.

Tom, que pode ser poético, humorístico, irônico ou reflexivo.

Linguagem coloquial (uma “conversa” com o leitor).

Desfecho.

Anexo 3: 2ª. Versão das crônicas, avaliação individual.

Colégio de Aplicação – UFSC

Disciplina: Português

Professora: Lisiane

Estagiárias: Bruna e Erika

Aluno: Luan Sonaglio Argouse

O condomínio quieto.

Da minha janela os vejo. Vejo apenas os carros estacionados no mesmo lugar. Mesmas cores, mesmos donos. Vejo também as árvores a minha frente, verdes e altas, coladas a várias plantas e arbustos me impossibilitando de ver o que há do outro lado da mata.

No condomínio nada acontece, pois poucas pessoas andam por aí, ^{por poucos} por causa de seus trabalhos ^{ou afazeres} e afazeres.

De repente, surge uma figura baixa, rechonchuda e muito gentil, o zelador do condomínio. Sempre sorrindo, ele dá bom dia aos poucos que passam.

Enquanto limpa a sua suja e cinza calçada, eu apenas o observo, vendo ele fazer as mesmas coisas, todos os dias.

Eis que ele se vira para traz e me vê. Eu acabo ficando um pouco nervoso, mas logo a figura se abre em um grande sorriso, alegre e puro. Eu correspondo e lhe dou bom dia. Mas antes que ele pudesse me responder, um vulto pula a minha frente, miando e pedindo atenção, interrompendo nossos olhares, minha gata.

Figura 10- 2a. versão da crônica do aluno L.

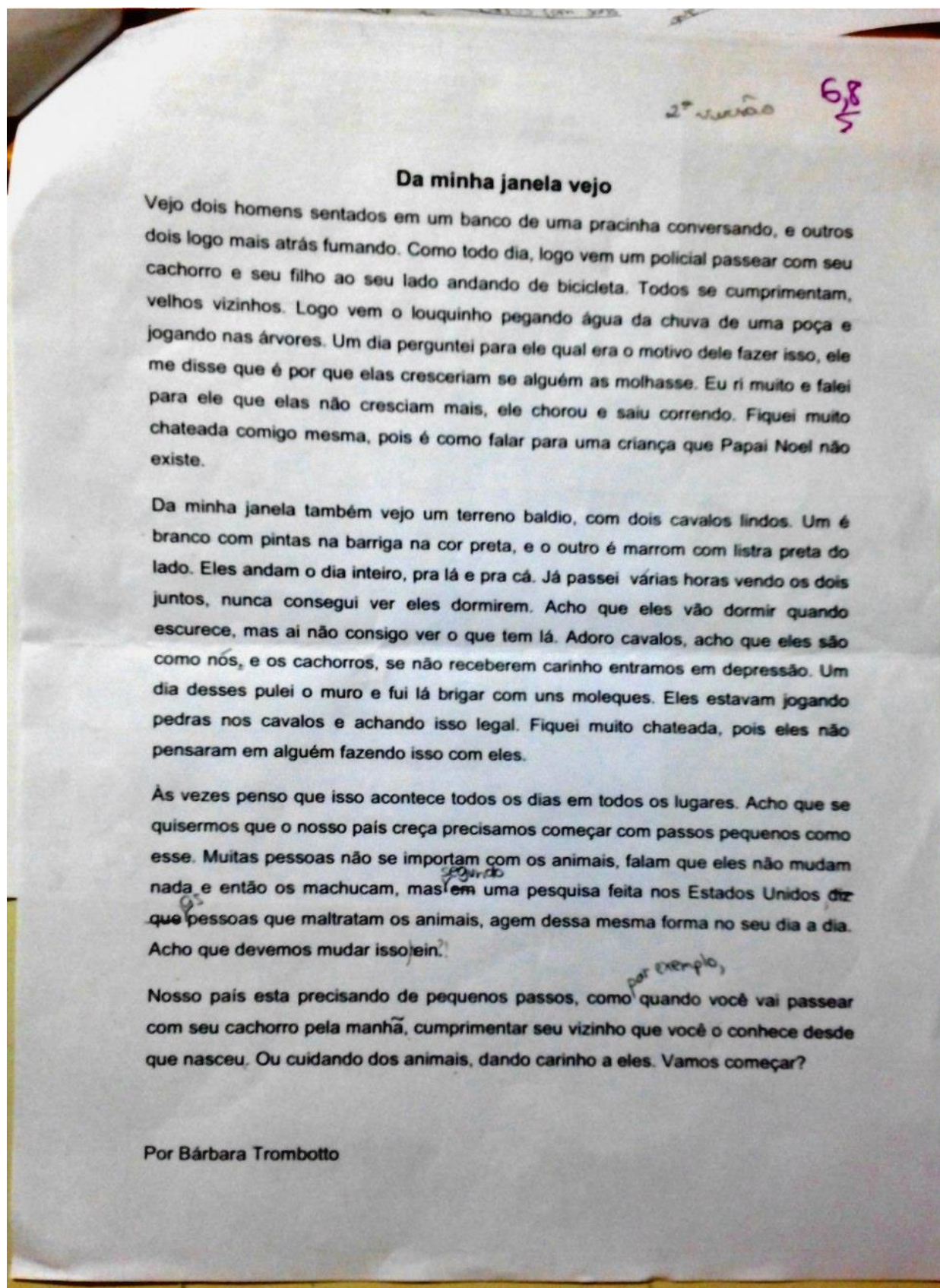


Figura 11- 2a. versão da crônica da aluna B.

Colégio de Aplicação - UFSC
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Professora: Lisiane Vandresen
 Estagiárias: Bruna Maria Boing Ribeiro / Erika da S. Costa Agnellino
 Turma: 9º ano B
 Aluno: Laishmi Jaya

Produção Textual

Reescreva sua crônica, observando os apontamentos e sugestões de adequação das professoras. Essa é a versão final da sua produção, que será publicada no blog do projeto. Não se esqueça de fazer um rascunho antes e passar a limpo aqui nessa folha.

Título: Da minha janela vejo

Sim, eu vejo todos os reinos. Milhões e milhões de pontinhos no céu. Qual é o nome delas? Estrelas. Da minha janela eu vejo estrelas, tão lindas, tão surpreendentes, ^{em minha janela} aos meus olhos, chega até ser sobrenatural. Apagam as luzes da cidade para fortalecer a seu brilho! Mas, certas noites eu não as vejo, pois as misteriosas nuvens insistem em escondê-las, chega até a me dar um aperto no coração. Como vou dormir em paz, sem dar "boa noite" para as minhas amigas? Elas vêm e vão, assim como a dia clareia e mudam as estações. Para uns as estrelas são grandes e luminosas esferas de plasma, mas para mim não, pois as considero

companheiras da lua e guardiãs do mundo. Cuidam das pessoas, das florestas, do mar e de todos os elementais da terra.

Da minha janela eu as vejo, assim, como elas me ^{me}veem também. Me protegem de todo o mal, ^{em silêncio} eu as conto os meus segredos. Vão me ver e julgar, dizendo que sou louca por falar sozinho, mas será mesmo? Cada um tem o seu mundo e é claro que elas me escutam. A loucura move tudo, assim como a força do pensamento beneficia quem acredita.

Da minha janela, e assim como a de todas as pessoas, estão os pontinhos perdidos no céu. Só vê quem quer, só vê quem as entende. E não pare para vê-las apenas quando está apaixonado sofrendo, recando ou algo do tipo. Consideração gera consideração. Atenção gera atenção e tudo que vai, volta. Procure-as nos momentos mais simples, pois elas irão lhe ajudar quando você mais precisar. É só confiar.

Fechei a janela. A conversa estava boa com as minhas amigas, mas como todo o ser humano, eu preciso de descanso.

Curtam a noite, ~~em~~ em poucas horas o dia clareia e vocês precisam cuidar de outros planetas, de outros seres, de outros mundos, em outro tempos. Até' outra hora estrelas.

Figura 12- 2a. versão da crônica da aluna L.

2.9.11 Aula 17

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Instituição: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Professora regente: Lisiane Vandresen

Estagiária responsável pela aula: Erika da Silva Costa Agnellino.

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 9º ano

Data da atividade: 19/06/2013 – quarta-feira.

Tempo de aula: 1 hora-aula, com 50 minutos

Horário: 13h30 às 14h20

PLANO DE AULA 11

TEMA

A última crônica.

OBJETIVOS

- Ler e interpretar a crônica *A última crônica*, de Fernando Sabino;
- Reconhecer a crônica como relato de um testemunho;
- Assistir vídeo com base na crônica *A última crônica*, de Fernando Sabino;
- Estabelecer relações entre as diferentes versões da crônica *A última crônica*, de Fernando Sabino, considerando as especificidades de cada uma das linguagens: escrita e audiovisual.

CONTEÚDO

- Leitura: da crônica *A última crônica*, de Fernando Sabino;
- Oralidade: discussão a respeito da crônica estudada, provocando um diálogo sobre as possíveis relações entre a crônica lida e assistida;
- Diferenças e semelhanças entre linguagem escrita e audiovisual.

METODOLOGIA

1º Fazer chamada.

2º Apresentar a pauta do dia.

3º Recolher a 2ª versão da crônica (Bruna recolhe enquanto prossegue com a aula).

4º Entregar cópia da crônica *A última crônica*, de Fernando Sabino.

5º Fazer a leitura silenciosa do texto.

6º Discussão e interpretação da crônica, com base em roteiro previamente elaborado para este fim.

7º Abordar o tema testemunho e fotografia, com base na leitura da crônica *A última crônica*, uma vez que o texto remete a um momento retratado do qual o autor foi testemunha do fato ocorrido.

8º Abordar a fotografia como recurso da memória e o texto como recurso de um tempo fotografado.

9º Apresentar o vídeo *A última crônica*, link: <http://www.youtube.com/watch?v=FgH8XuTv3ZM>.

10º Pedir para que os alunos estabeleçam uma relação entre as diferentes versões da crônica e dialogar com eles.

RECURSOS DIDÁTICOS

Computador, projetor multimídia, caneta, lápis, borracha, quadro negro, giz, papel para anotações e cópias da crônica *A última crônica*.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com o envolvimento e pela participação ativa nas respostas às questões propostas pelo professor sobre a crônica e sobre o vídeo. No que se refere à argumentação oral, serão avaliados quanto à coerência e pertinência das respostas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SABINO, Fernando. **Elenco de cronistas modernos**. 21ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SABINO, Fernando. **A última crônica**. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=FgH8XuTv3ZM>>. Acesso em: 13 maio 2013.

ANEXOS

Anexo 1: Crônica lida em aula, cópias em folha A4.

A última crônica **Fernando Sabino**

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último

poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho -- um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura — ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido — vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

2.9.12 Aulas 18 e 19

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Instituição: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Professora regente: Lisiane Vandresen

Estagiária responsável pela aula: Erika da Silva Costa Agnellino.

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 9º ano B

Data da atividade: 20/06/2013 – quinta-feira.

Tempo de aula: 2 horas-aula, com 50 minutos.

Horário: 14h20 às 16h00

PLANO DE AULA 12

TEMA

Identificação de Crônicas.

OBJETIVOS

- Apreciar, ler e avaliar a exposição Resumos em quadrinhos sobre o livro *Por um Pedaco de Terra*, a ser organizada no corredor das salas de aula;
- Identificar crônicas em diferentes jornais para posterior socialização com os colegas, justificando a escolha realizada;
- Expressar-se adequadamente na apresentação oral da crônica selecionada.

CONTEÚDO

- Leitura de textos de diferentes gêneros do discurso: resumos em quadrinhos e crônicas nos jornais;
- Oralidade: apresentação e argumentação na socialização das crônicas escolhidas.

METODOLOGIA

1º Fazer a chamada;

2º Apresentar a pauta da aula;

3º Organizar equipes de no máximo três integrantes para, então, trabalharem na identificação de crônicas em jornais.

4º Orientar aos alunos sobre a forma de apreciação da exposição no corredor (pequenos grupos de alunos sairão da sala para esta atividade acompanhados de uma das estagiárias).

5º Os alunos receberão auxílio para identificação das crônicas se assim for preciso.

6º As crônicas deverão ser recortadas dos jornais e coladas em papel pardo para a socialização do trabalho.

7º Iniciar a socialização das crônicas e orientá-los que terão de argumentar sobre a escolha feita.

RECURSOS DIDÁTICOS

Caneta, lápis, borracha, quadro negro, giz, papel para anotações, tesoura, cola, papel pardo, jornais, caneta hidrocor e lápis em cores.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com a participação nas atividades propostas – apreciação dos trabalhos na exposição, leitura e identificação das crônicas, apresentação dos argumentos sobre a escolha das crônicas, assim como, quanto à pertinência dos argumentos apresentados.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Jornais: Diário Catarinense, Gazeta do Povo e Folha de São Paulo.

ANEXOS

Anexo 1: Fotos dos alunos realizando a identificação das crônicas nos jornais.



Imagem 1: Alunos localizando as crônicas em jornais.



Imagem 2: Apresentação das crônicas identificadas nos jornais.

Anexo 2: Exposição das histórias em quadrinhos em versão final.

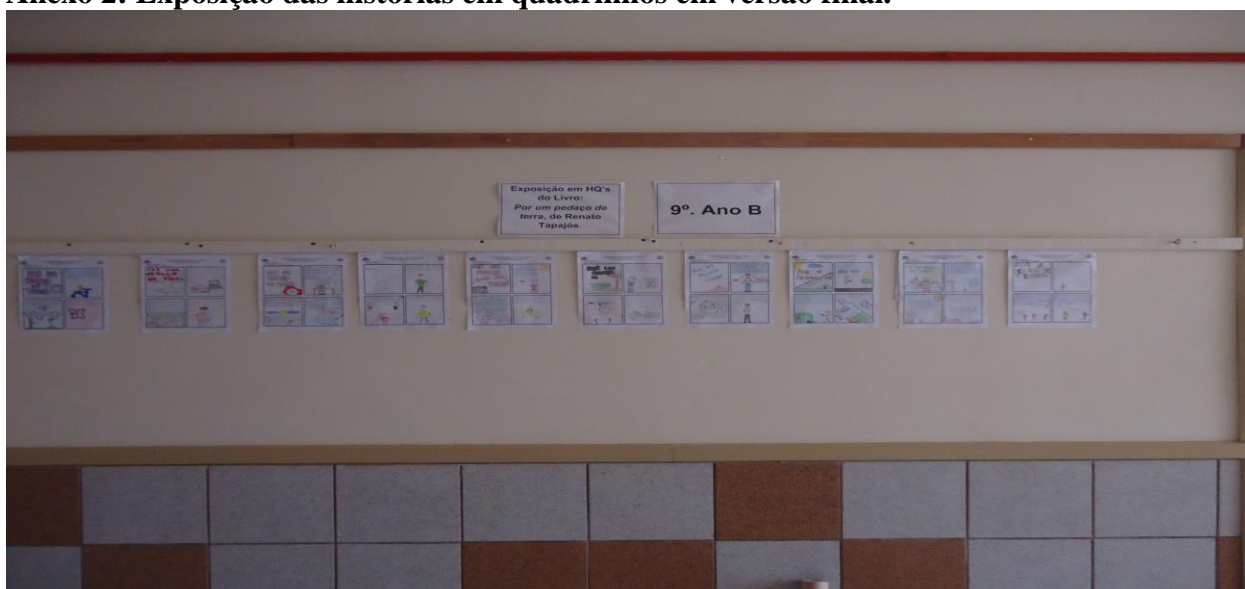


Imagem 3: Exposição das histórias em quadrinhos.

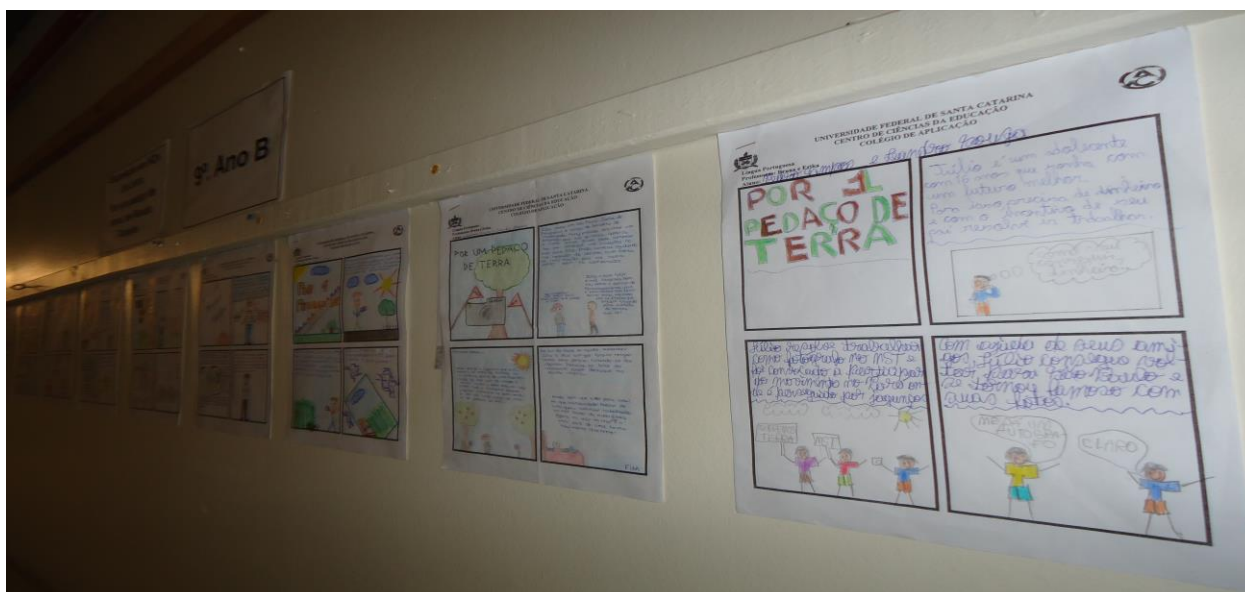


Imagem 4: Exposição dos quadrinhos do livro *Por um pedaço de terra*.

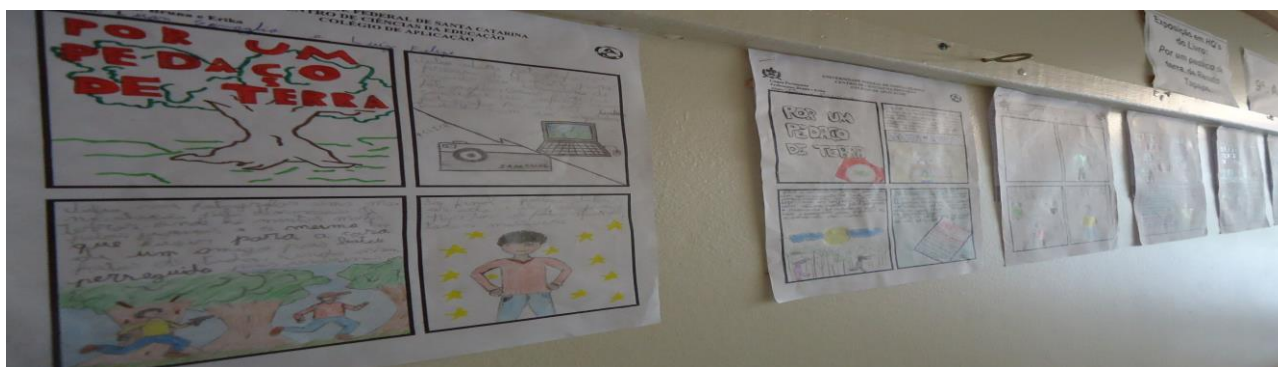


Imagem 5: *Por um pedaço de terra* resumido em histórias em quadrinhos.

2.9.13 Aulas 20 e 21

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Instituição: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Professora regente: Lisiane Vandresen

Estagiária responsável pela aula: Erika da Silva Costa Agnellino.

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 9º ano

Data da atividade: 21/06/2013 – sexta-feira.

Tempo de aula: 2 horas-aula, com 45 minutos

Horário: 16h20 às 17h50

PLANO DE AULA 13

TEMA

Socialização das Crônicas produzidas pelos alunos.

OBJETIVOS

- Socializar entre os colegas a crônica produzida sobre o tema *Da minha janela vejo*;
- Conhecer o blog no qual suas crônicas foram publicadas, expressando sua opinião acerca dele;
- Elaborar um depoimento escrito sobre o período de docência das estagiárias, manifestando sua opinião acerca do projeto e do desenvolvimento das aulas;
- Assistir um vídeo sobre o fazer de um crítico e o poder de uma crítica, como forma de encerramento das atividades de docência.

CONTEÚDO

- Leitura das crônicas produzidas durante a socialização das mesmas;
- Oralidade: Expressividade, entonação, ritmo e fluência na apresentação oral da crônica produzida;
- Escrita: Produzir um texto em forma de depoimento sobre a experiência docente das estagiárias;
- Vídeo sobre o fazer de um crítico e o poder de uma crítica.

METODOLOGIA

1º Fazer a chamada.

2º Solicitar que ao sentar o façam na forma de um grande círculo para a socialização das crônicas.

3º Apresentar o blog feito para a socialização das crônicas e orientar que façam a divulgação nas redes sociais e entre seus amigos. Link: <http://cronicasdeumolhar9b.blogspot.com.br/>.

4º Apresentar o vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=GwBOjFsgFb8>.

5º Solicitar a escrita de um depoimento sobre a experiência de docência das estagiárias.

6º Recolher os depoimentos.

7º Iniciar os agradecimentos à turma; (agradecimento das estagiárias).

8º Entregar uma lembrança para cada um dos alunos.

RECURSOS DIDÁTICOS

Computador, projetor multimídia, caneta, lápis, borracha, quadro negro, giz, vídeo, pen drive e “lembrancinhas juninas”.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com a participação nas atividades propostas- oralidade: socialização das crônicas, expressão oral e entonação; escrita: dos depoimentos e leitura: das crônicas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Última crítica de Anton Ego, disponível em

<<http://www.youtube.com/watch?v=GwBOjFsgFb8>> Acesso em 16/06/2013.

ANEXOS

Anexo 1: Fotos dos alunos socializando as crônicas via blog e encerramento do estágio.



Imagem 1: alunos socializando suas crônicas diretamente do *blog*.



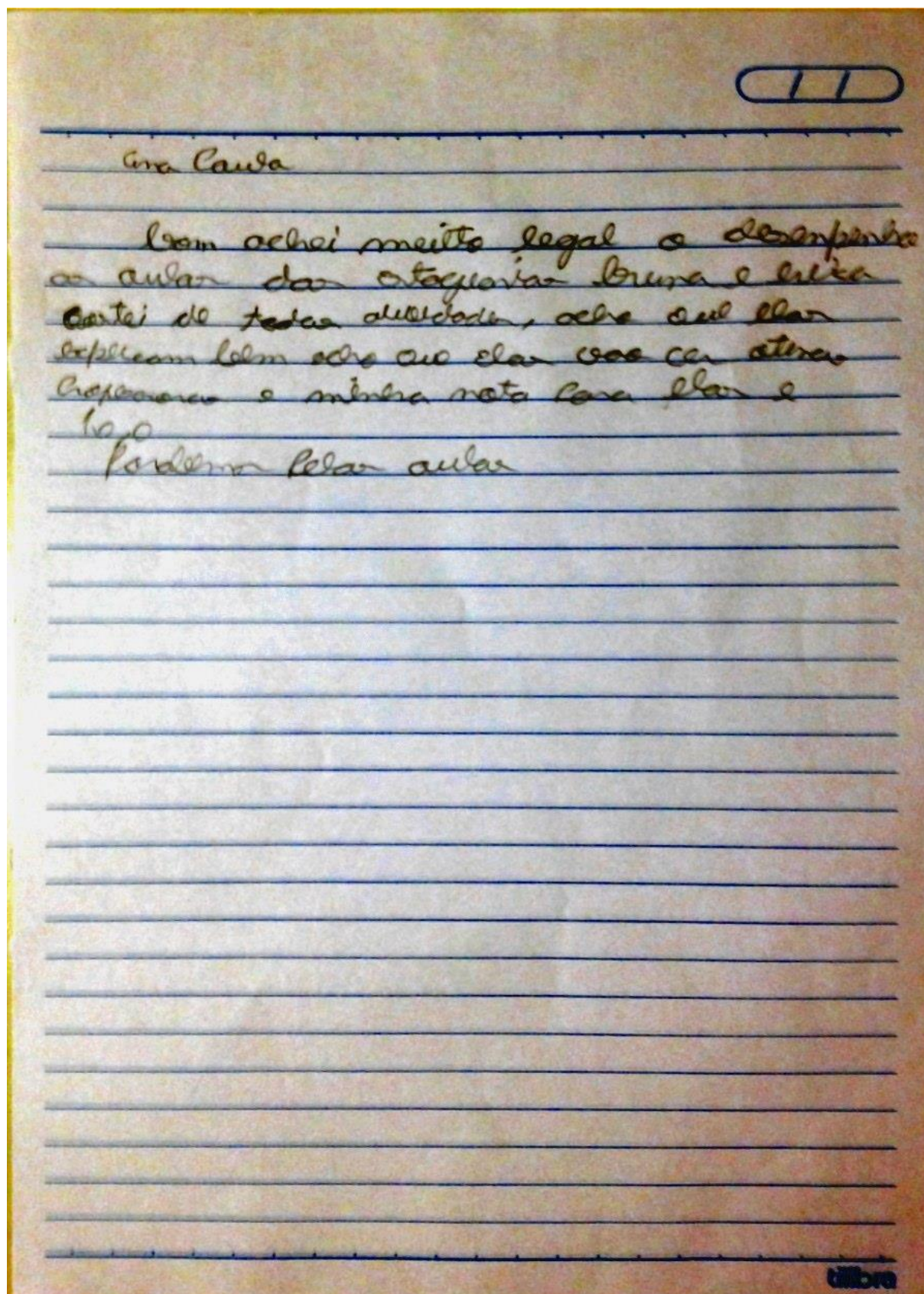
Imagem 2: O *blog* dos alunos com suas crônicas.



Imagem 3: Momento aplausos, posterior a cada leitura individual das crônicas em versão final.



Imagem 4: Encerramento, os alunos já haviam recebido suas doçuras juninas.

Anexo 2: Depoimento dos alunos sobre o estágio de docência

Nome: Anabela
Turma: 9º B

A

Análisis

tu acho que os outros falam muito bom e que eles não tem preocupadas e ligadas em querer de atividades e trabalhos.

Normalmente eles conseguem controlar a turma e explicar bem a matéria.

tu consigo entender essa matéria mesmo tendo um pouco de dificuldade em português.

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

/ /

Barbara

Bom, acho muito legal a experiência que tivemos, e só acho que devem ser mais vigiados com os alunos em sala de aula.

Por que acho muito legal as atividades, e a professora ficou com o tempo para um pouco mais exercitar a crônica.

''D

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

26/06/

Aluna: Clara Abgueira - 9B

As avós das duas estagiárias
Bruna e Erica foram boas.

Acho que elas serão ótimas
professoras, e desejo sucesso.

Não houve nada que me
encorajasse, e acho que a turma
também.

Desde o começo eu achei a aula tanto da Bruna quanto da Grilka interessantes. Elas usam um jeito divertido de aprender, por exemplo fazendo o cartaz explicando o que é uma crônica. Pois ao invés de apenas a professora dizer o que é crônica, nós mesmos fizemos isso, e isso é muito mais legal. E outro exemplo foi produzir nossa própria crônica, assim nos ajudando de verdade no conteúdo.

CLÁudia



O Pequeno Príncipe
Le Petit Prince

Es aulas foram boas, produtivas,
aprendi mais sobre ciência, me
interessa.

Só mais gente de outras cidades
da Bahia, de mandena

26 / 6 / 2013

SÚLIA 9=B

☺ Luxshmi Jovan-8'18

Bom, sou uma pessoa que tenho dificuldades em me relacionar com algumas pessoas que o meu santo não bate muito. He irrita facilmente e acaba sendo grossa e mal educada inconscientemente. (vocês devem ter notado isso durante os aulas). He sinto culpada por não ter a capacidade de ser uma pessoa melhor e tratar os outros como eu gostaria de ser tratada. Desculpa qualquer coisa gente.

Sendo MEGA SINCERA, não gostei das aulas, estava rezando pra que elas terminassem. Mas vocês são bons professores... Eu que não tenho paciência.

Obs: Bruno, pare de encarar tanto os alunos.

Larissa Moura
Barroso

q: B.

~~Eu gostei das aulas, porém~~

Eu gostei das aulas, porém detestaria ser mais criativas em questão dos vídeos, pois pareciam de criança. ~~Porém~~ As editoriais são bem legais e queridas...

Gostei das aulas em que fizíamos uma "roda" com as cadeiras para falar sobre nossas opiniões, e quando temos nossas crônicas!

06/06/2013

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

Gallegos Gallegos

Nome: ~~Stangos~~ Galim de Favela

País: GAB

Idadipalmo: Postuquon

Eu pertço para o lado de Postuquon com
 de estagios para para o lado papaliosem mu-
 to sem sobre revista. Lido que o
 do podem ser papaliosem,

Em grande parte, vocês fizeram atividades.
Um ótimo conteúdo, principalmente a da
crônicas da janela.

Porém vocês foram um pouco desorganizados, talvez
pelo nervosismo das primeiras aulas.

E nãoim! Se tivesse que dar uma nota
para vocês, daria um 8.

Sumário 9º ano B

111

Gostei muito dos aulas, talvez a Bruno ganhou a curricular foram boas atividades, Simpatias esta e concytena vão ser boas professoras Gostei dos aulas, gostei das atividades, a do Gramma e a do livro "Por um pedaço de terra" só não gostei do livro, um pouco chato. Algumas aulas eu achei chato, porque eles falavam muito e passara uns vídeos, eu prefiro fazer uma atividade no lugar um exemplo foi a aula de Síndade Mary Virginia isso eu adoro! as aulas e elas também.

ducos sempre 998

Eu acho os culos de estôgio de português bem legais, as atividades foram bem chatas, bem feitas. gostei das atividades, só mais gostei de algumas atividades de uma das professoras. Que a estagiária se chama a professora. Só mais gostei disso, o resto não me interessou.

Hans

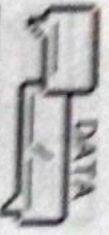
Estágios são sempre ruins. Com vocês não foi diferente. Não souberam falar. E o tema crônica é muito chato. E na minha opinião, o tema da crônica deve ser livre.



data 26.6.13
① ① ① ① ① ① ① ①

Luiz Felipe
Situ: 9^o ano B

Fui gostar muito do trabalho de vocês,
acho que melhoraram muito internetes e
os outros artigos digitais. As atividades
eram criativas e deu um trabalho de fazer.
Quando as apresentações das aulas, por cima,
cada uma tem seu jeito de dar aula e os dias
vão passar.
Não tenha preocupações, por tudo muito bem
e em ordem.



UFSC - CPA

Aluno: Marcos Silva

918.

Mas acho que tive com as estagiarias eu aprendi bastante. E se hoje das aulas eu achei as estagiarias excelentes. Ajudaram as aulas, deram atividades diferentes e quem sabe uma professora deve agir.

Facil das aulas e aprendi muito sobre as crônicas, que foi a saída ~~de~~ de todos os alunos. Foram coisas simples, rápidas mas boas pessoas. Enfim, nessas aulas eu realmente gostei e já disse antes e de novo bastante.

Uma única coisa que não gostei, foi: as aulas começaram e acabaram "baldios" e as estagiarias não leram nada antes, apenas falar para que eu não em silêncio.

26.05.2013

Nome: Mathews Antunes

EU ACREI AS OREAS MUITO INTELIGENTES
 APRENDI MUITA COISA, MAS NHEI A QUANTIDADE
 DE ATIVIDADES MUITO GRANDE, SEI QUE
 ELE POUCO TEMPO NOS PODIAM DIMINUIR
 A QUANTIDADE.



Paulo Rogério Cabelo

8^a-B

26/06/2013

AVALIÇÃO

Desde o começo das aulas das estratégias de português, foi bom porque começaram falando o que ia ser as aulas, e que iam falar das aulas, e que teria a entre outras.

Costei bastante das aulas das estratégias, explicaram bastante até a minha turma entender, então por isso gostei das aulas, e que eu mais gostei foi das memórias, produções, etc, foi muito bom a aprendizagem das estratégias.

Então a minha avaliação delas é ótima como eu contei antes.



DESC - Unipresente de Federal de Santa Catarina

Série: 838

Data: 26/06/2013

Disciplina: Português

Professor(a): Eriza e Bruno

Aluno(a): Pedro Campos

Em minha opinião, eu acho que os estudantes de Português, Eriza e Bruno foram muito bons, no conteúdo, de forma de dar os aulas, mas o único "defeito" que eu acho é que os estudantes podem aprender mais através das aulas que estão conversando.

DESSE HEMÍPIQUE DA SOCIEDADE - 9º B.

26/06/2013.

Eu gostei bastante das aulas, mas acho aulas
diferenciadas, desinteressantes. Elas empilham
leem, de um jeito que é difícil de entender.
Beijos, ENITA e BARRA!

Só fiquei um pouco triste por causa da
muita matéria porque me esforçei bastante
para fazer a tarefa só um 6,4.
Mês paper o que né!





Nome Petra

9ºB



Eu gostei de todas as aulas que as estagiárias deram, e também achei as duas estagiárias, Bruna e Erika, muito legais.

De todas as atividades dadas por elas, a que mais gostei foi a da história em quadrinhos.

Nome Tainá Lourenço

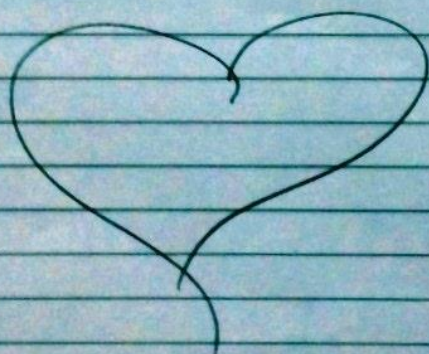


Bom, achei muito bom as atividades em
sua aula Tainá de dar eu
mãe sei que aprender!

Muito bom!

Amei vocês

Lindas



Victoria sp.

11

A aula foi muito divertida, fizemos
levantando atividades, atividades feitas. Odeio fazer
aulas e sempre explicar bem, fazer atividades
bem beladas, gostei de fazer atividades sobre
cronica.

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

27
Camp

11

Nome é Vitor Fernando

Avaliação de estígio

A maneira dos autos foram leitura de crônicas e isso trouxe os autos ditos.

Não gostei do estígio de vocês, os autos foram ditos e modo diferente do que eu imaginei. Acho que vocês não trabalharam muito os alunos e deram um tempo ~~gastando~~ ~~ditos~~ de interessante.

Vocês poderiam fazer os autos junto com a turma e não já ter um plano de aula pré-definido. Acho que vocês não levaram em conta a opinião da turma.

Vocês poderiam deixar seus autos mais interessantes tendo uma aula diferenciada.

Aluna: Yanha Ghizoni Bittencourt de Souza

11

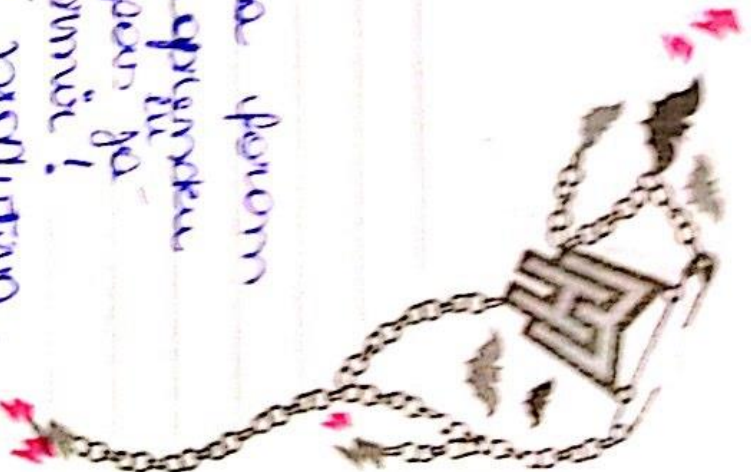
Achei as aulas das estagiárias, entediantes e cansativas.

Porém, adorei os projetos desenvolvidos pelos alunos como a crônica, o quadrinho e o projeto sobre a entrada da colega. Achei que elas foram pacientes perante a turma, mas às vezes, não conseguiam agradar os alunos.



Temu: Jhonny viana 9.78

Eu saibas de Sanka e da Buena foram
 deers, quem realmente quis ^{apresentar}
 alege... Eu vejo uma companhia por ja
 estava cansada e queria dormir!
 Mas me apaxa a vida foi produtiva.
 Temho certeza que seroã vitimas presencas!!



3. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Nosso projeto de docência aqui apresentado compreender três momentos: primeiro, um período de antecipação, em um tempo destinado a pensar a prática antes de realizá-la, o planejamento, seguido da etapa de desenvolvimento do plano, momento em que executamos as aulas e, por fim, o período de reflexão final, exercício que exigiu avaliação da experiência realizada, reorganização de esquemas de trabalho e solução de problemas encontrados.

A perspectiva teórica utilizada na execução/produção desse projeto de docência ancorara-se em um ensino ligado às funções sociais do uso da linguagem, isto é, buscamos trabalhar a linguagem na sala de aula porque ela existe fora dela, no meio social, e mais além, a linguagem situada em contextos de uso e em práticas socioculturais específicas. Quanto à escolha dos recursos didáticos utilizados (vídeos, visitas-estudo, textos, jornais) no decorrer das aulas ministradas, nos pautamos na concepção dialógica da linguagem e em uma prática pedagógica fundamentada no conceito de que

Toda palavra serve de expressão a ‘um’ em relação ao ‘outro’. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise em relação à coletividades. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre meu interlocutor. (BAKHTIN, 2002, p.113).

Tendo em vista a prática pedagógica embasada nessas relações dialógicas de interação e de trocas de conhecimentos, buscamos trabalhar em sala de aula com situações de aprendizagem que possibilitassem o uso efetivo da língua em suas modalidades escrita, oral e de leitura. Sendo assim, as aulas apresentadas contemplaram elementos da escrita e leitura de textos do gênero crônica, em seus diversos temas e caracteres, atentando mais para o depoimento e testemunho.

Propusemo-nos também a trabalhar com a prática de análise lingüística, nos moldes que apresenta Geraldí, isto é, ela efetuada a partir dos textos dos alunos e não de textos didáticos, sendo que a preparação das aulas foi a própria leitura dos textos produzidos. Para cada aula prática selecionamos apenas alguns dos problemas identificados nas produções dos alunos. Por conta do tempo, do conjunto de nossas aulas, dedicamos apenas quatro aulas esta atividade: duas, para a primeira produção escrita (resumo em quadrinhos) e outras duas para a segunda produção (crônica). A prática de análise foi caracterizada pela retomada do texto produzido para reescrevê-lo no aspecto analisado e o material que utilizamos foi caderno para anotações, slides preparados pelas professoras estagiárias que, neste momento, substituíram o dicionário e a gramática e o fundamento

se deu a partir do erro para a autocorreção. Em seguida, as produções foram encaminhadas para casa para serem reescritas, esse método dá ao aluno a oportunidade para a melhoria da produção textual. Segundo os PCNs de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p. 77),

A refacção faz parte do processo de escrita: durante a elaboração de um texto, se relêem trechos para prosseguir a redação, se reformulam passagens. Um texto pronto será quase sempre produto de sucessivas versões. Tais procedimentos devem ser ensinados e podem ser aprendidos.

É importante relatar que um dos primeiros desafios que enfrentamos foi no momento da elaboração dos materiais necessários para a realização das aulas. Depois de ter todas as aulas planejadas e o projeto todo descrito, desde a primeira aula até a última, não imaginávamos que seria necessário dedicar tanto tempo para providenciar esses materiais (cópia de textos para entregar para os alunos, esquemas, quadro de atividades, etc). Pudemos perceber, logo de início, que a tarefa mais fácil no dia a dia do professor de Língua Portuguesa é na hora de entrar na sala de aula para dar suas aulas, pois já está tudo pronto, é só atuar. Portanto, lecionar vai muito além das horas/aulas dadas. Hoje, entendemos porque o professor da rede pública é mal pago, pois há uma série de trabalhos a serem realizados extraclasse que não são remunerados. O salário pago aos docentes é referente, apenas, às horas em que ficam dentro da sala de aula.

Revido o planejamento elaborado, antes da nossa entrada em sala de aula para lecionar, percebemos a quantidade de alterações que foram realizadas no desenrolar das aulas. Talvez isso se deva a nossa falta de experiência na docência, tendo em vista que somos estreantes nessa prática. Ou ao fato de que as aulas por mais que sejam planejadas e programadas, elas acontecem de fato na hora de serem apresentadas aos alunos e juntamente com eles constrói-se o conhecimento. A questão é que na medida em que as aulas aconteciam elas eram alteradas ou no próprio momento da aula ou no momento seguinte, replanejando as aulas subsequentes. Isso se deu por motivos diversos, por vezes esperávamos uma participação mais efetiva dos alunos, horas corríamos com o conteúdo por nervosismo e inexperiência, e sobrando tempo; em outros casos, faltava tempo e algumas discussões programadas ficaram para outro momento, houve intervenções do próprio colégio que reordenaram as aulas de outra disciplina para o dia de duas aulas nossas de Língua Portuguesa, atrasando o andamento do nosso projeto, etc.

Lendo os depoimentos solicitados aos alunos, que deveriam escrever sobre a impressão que tiveram do nosso estágio de docência, percebemos que, em sua maioria, compreenderam os objetivos do

nosso projeto e que nós conseguimos alcançar as nossas pretensões. Justificamos apresentando o que nos escreveu a aluna “C”¹⁶:

“Desde o início eu achei a aula tanto da Bruna quanto da Erika interessantes. Elas usam um jeito divertido de aprender, por exemplo, fazendo o cartaz explicando o que é uma crônica. Pois ao invés de apenas a professora dizer o que é uma crônica, nós mesmos fizemos isso, e isso é muito mais legal. E outro exemplo foi produzir nossa própria crônica, assim nos envolvendo de verdade no conteúdo”.

Compreendemos por esses dizeres que além dos alunos terem se familiarizado com o gênero crônica, perceberam que não apresentamos o conteúdo como verdade absoluta, mas construímos os conceitos juntamente com eles.

Refletindo sobre a docência, entendemos a necessidade de se repensar o tempo destinado a cada atividade desenvolvida, pois reconhecemos que alguns pontos do ensino de língua, como o tempo dedicado à análise linguística e a produção de uma terceira versão dos trabalhos avaliativos, a devolutiva dos textos, além de outras questões referentes a dificuldades linguísticas apresentadas pelos alunos em suas produções escritas, foram passados rapidamente, quando deveríamos ter explorado melhor e aprofundado mais.

No período em que estivemos em estágio, construímos um aprendizado contínuo sobre a prática docente. A vivência na instituição de ensino permitiu-nos a participação no conselho de classe, em reunião de série, saída de campo, projeto interdisciplinar (iniciação científica) e reunião com os pais. Atividades que nos possibilitaram um contato maior e conhecimento mais aprofundado sobre os alunos, pois o tempo que tivemos com eles em sala, tendo em vista que os seus professores estão convivendo com eles desde o início do ano letivo, não foi muito grande e o comportamento deles perante estagiário é diferente do apresentando com os professores. Podemos dizer que alguns comportamentos e perfis descritos em reuniões de série nos surpreenderam e ao mesmo tempo nos ajudaram a compreender melhor os alunos com os quais estávamos lidando. Ficamos sabendo, por exemplo, de brigas travadas entre duas meninas da sala, dificuldade de relacionamento de outras, dificuldade de aprendizado de outros, desempenho dos alunos em outras disciplinas, etc.

Refletir sobre a prática pedagógica é perceber, acima de tudo, que o grande desafio dos professores de Língua Portuguesa está em como devem ser as aulas sobre o estudo da língua, pois muitas vezes boa vontade não é o suficiente, é preciso muito empenho dos professores, das escolas, dos governos e da sociedade para que, quem sabe assim, os alunos possam sair das escolas preparados, com mais

¹⁶ Os nomes dos alunos serão preservados por motivos éticos. Por conta disso, os substituiremos por letras.

proficiência na produção e leitura de textos para poderem circular nas esferas sociais em que esse conhecimento se fizer necessário.

4. A DOCÊNCIA EM PROJETOS EXTRACLASSE¹⁷

4.1 O projeto de docência: o plano de trabalho

4.1.1 Introdução

O projeto extraclasse configura-se em mais uma etapa importante do Estágio de docência, pois um momento em que tivemos a oportunidade de vivenciar uma prática pedagógica que se difere da realizada no projeto de docência. No extraclasse deixamos a turma que vínhamos acompanhando desde o período de observação e para qual pensamos o projeto de docência (9B) e embarcamos de cabeça em uma proposta de trabalho que está vinculada a um projeto interdisciplinar que já existe no Colégio de Aplicação há alguns anos. Neste caso, desde que optamos por fazer o estágio no Colégio de Aplicação já sabíamos que o nosso extraclasse seria trabalhar com o projeto intitulado *Pés na estrada do conhecimento*, pois foi uma escolha decorrente da escolha da turma, pois é um projeto que envolve os 9ºs anos.

É importante comentar, antes de prosseguir, que *Pés na estrada do conhecimento* trata-se de um projeto realizado com os 9ºs anos, de modo interdisciplinar, englobando pelo menos quatro disciplinas (geografia, ciências, história e língua portuguesa) sem limites específicos entre elas. Com o intuito de envolver os alunos com Ensino, Pesquisa e Extensão no Ensino Fundamental, os professores coordenadores trabalham com o que de fato acontece no dia a dia do pesquisador, que se depara com os mais variados assuntos e resultados e tem de aprender a lidar com cada situação.

Durante as atividades do projeto, os alunos vão a campo (neste ano para Itá e para Minas Gerais) para realizar uma pesquisa, cujos resultados serão apresentados em um ensaio, ao fim do semestre. O objetivo do projeto é desenvolver nos alunos a capacidade da pesquisa e escrita acadêmica, antes mesmo da entrada em um curso superior.

O tema geral do projeto é a **luta pela terra**, mas a cada ano o foco é diferente, já tendo sido trabalhado sobre o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) e diversas cidades foram campo do projeto. A viagem do primeiro semestre de 2013 foi para a cidade do oeste catarinense, Itá, onde se localiza uma usina hidrelétrica. Lá os alunos entraram em contato com moradores atingidos pela hidrelétrica e com alguns integrantes do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) e realizaram entrevistas e pesquisas que os ajudariam na produção de um trabalho final

¹⁷ O Projeto Extraclasse *Pés na estrada e mãos à obra: o gênero ensaio no ambiente escola*, foi elaborado sob a autoria das estagiárias: Ana Luiza Bazzo da Rosa, Bruna Maria Boing Ribeiro, Erika Costa Agnellino, Rafaela Miliorini Alves de Brito, e Raquel Darelli Michelin e Thalita da Silva Coelho.

sobre o tema. Nesta etapa do projeto, os 9ºs anos se dividem em quatro eixos temáticos, em que as turmas originais (A, B e C) se misturam, formando turmas híbridas constituídas a partir da escolha de cada um dos alunos pelo eixo de maior interesse para pesquisa:

EIXO 1	EIXO 2	EIXO 3	EIXO 4
Personagens e contexto de luta: cotidiano, lideranças e estratégias de luta;	Luta pela terra: movimento dos atingidos por barragens;	Natureza e sociedade;	Luta pela terra e memória.

Tabela 1 – Os eixos temáticos do projeto de Iniciação Científica “Pés na estrada do conhecimento”.

Cada eixo possui um professor orientador, que se reúne todas as quintas-feiras às 16h20min com os alunos que escolheram desenvolver uma pesquisa relacionada a seu eixo para ajudar na elaboração do projeto e no desenvolvimento da pesquisa. O projeto *Pés na estrada do conhecimento* foi o palco para nossa atuação na docência em atividades extraclasse; por isso, nós fomos inseridas em um dos grupos com o intuito de coorientarmos os alunos nas diferentes etapas das pesquisas, ajudando no caminho até a produção do trabalho final, um ensaio sobre o tema trabalhado durante o semestre nas aulas de Iniciação Científica.

A turma na qual desenvolvemos esse projeto foi a do Eixo 4 que diz respeito à luta pela terra e memória e é orientada pela professora de Língua Portuguesa dos nonos anos. O grupo é formado por 17 alunos, divididos em sete grupos distintos (3 com 3 integrantes e 4 com 2 integrantes). Como citado anteriormente, as turmas originais A, B e C foram misturadas, formando grupos híbridos. Apesar de todos os alunos não serem originários da mesma sala, eles demonstram ter bastante contato, ligação e uma relação afetuosa. Mesmo os que são formados por alunos provenientes de turmas diferentes. Em geral, foi uma turma atenta, concentrada e interessada, ainda que tenha ocorrido problema com um grupo. Entretanto, os alunos apresentaram pouca responsabilidade com relação às tarefas solicitadas, apenas um ou outro faziam o dever por completo. Sempre tinha alguém que não levava o material completo para a aula, esquecendo o *notebook*. Desde o início das nossas atividades com a turma fomos vistas como professoras-coorientadoras, pois na primeira aula os alunos já interagiram conosco, esclarecendo dúvidas que tinham com relação aos seus trabalhos.

Depois de acompanhar e observar as aulas de Iniciação Científica (IC), assim denominada pelos orientadores do projeto, partimos para a ação docente. Nesta etapa, ministramos uma oficina sobre a escritura do gênero ensaio escolar, para que os alunos conhecessem como ele se constitui e quais suas especificidades. Estes ensaios produzidos pelos alunos na atividade de iniciação científica têm sido organizados em um livro com o intuito de dar forma e visibilidade ao trabalho realizado pelos alunos.

A oficina constituiu-se de cinco aulas ministradas por nós, em uma tarde de quinta-feira, que tinha como objetivo ajudar os alunos no entendimento e construção do gênero ensaio escolar. Abordamos, também, a função social e a forma de composição do gênero, como escrevê-lo, de que partes ele se constitui, que regras da ABNT cabem a este gênero e como aplicá-las. Visando uma boa didática e melhor compreensão dos alunos, partimos da análise de ensaios já prontos e escritos por turmas que já fizeram parte do projeto, de orientações básicas de formatação de textos no *software Microsoft Word* até as regras da ABNT necessárias à composição do gênero discursivo em questão.

Lendo o Projeto Político Pedagógico do Colégio de Aplicação, compreendemos que a concepção de educação do Colégio demonstra preocupação com o contexto sócio-histórico dos sujeitos e lista algumas responsabilidades que o sistema de ensino deve ter quando o assunto é a sociedade e, conseqüentemente, a escola. Esta concepção não enxerga o aluno apenas como aluno, mas como cidadão, e é responsabilidade da escola ajudar na formação deste. Citamos um trecho do PPP da instituição de ensino para ilustrar o que compreendemos: “A relevância está em fazer com que o aluno reconheça a validade do saber transmitido/construído na escola, e aproximar mais o saber da realidade, dos anseios e interesses dos alunos, isto é, dar significado ao conhecimento.”

4.1.2 Reflexão Teórica

4.1.2.1 Concepções de *língua* e de *sujeito*

De acordo com Possenti (1996, p. 21, grifos do autor),

Para que um projeto de ensino de língua seja bem sucedido, uma condição deve necessariamente ser preenchida, e com urgência: *que haja uma concepção clara do que seja uma língua e do que seja uma criança* (na verdade, um ser humano, de maneira geral).

Indo ao encontro da afirmação acima, entendemos que as concepções de *língua* e de *sujeito* são o alicerce para a nossa prática docente.

Portanto, para a realização deste projeto docência, tomaremos como base o ideário bakhtiniano¹⁸. Para o autor, os indivíduos estabelecem relações interdiscursivas por meio da linguagem, *no* meio, para então, a partir das relações estabelecidas, constituírem-se como sujeitos. Portanto, o exterior exerce função primordial na enunciação. Esta é composta por duas partes interconectadas e interdependentes: o locutor e o interlocutor (através do meio). O locutor está inserido em determinado ambiente social, logo, tudo aquilo que for por ele enunciado estará passando por um “filtro” cultural e sócio-histórico que influencia sua maneira de pensar, agir e, portanto, seu enunciado. O interlocutor, por sua vez, filtrará novamente este enunciado de acordo com *sua* bagagem cultural e sócio-histórica. Com isso, Bakhtin nos mostra que nenhum enunciado e/ou ato de enunciação é puro ou pode ser tomado isoladamente: todo ato de fala é filtrado, é *refratado* na interação locutor– meio social–interlocutor.

Segundo o autor, a atividade mental cognitiva só é possível por meio da expressão semiótica, pois a linguagem é responsável por significar o mundo através de um meio organizado de expressão do pensamento constituído por e a partir dela.

A teoria de Bakhtin considera a relação entre *eu* e o *outro* e entre o sujeito e a língua: só haverá enunciação quando houver dois indivíduos socialmente constituídos e organizados. Para ele, nós moldamos nossa enunciação de acordo com o interlocutor; logo, o sujeito se constitui na alteridade através da relação que estabelece com o outro.

Bakhtin propõe uma concepção *dialógica* da linguagem, onde interior e exterior não são dicotômicos, mas dialéticos: se relacionam e se complementam; a relação eu–outro é essencial na constituição dos sujeitos, pois são seres sociais e históricos que se constituem na alteridade. A linguagem e as atividades humanas instituem-se reciprocamente.

A partir de sua concepção dialógica da linguagem, o autor propõe uma metodologia para o estudo da língua: primeiramente, precisamos entender o que é a linguagem, sua natureza socio-interacional e histórica; a partir dela compreendemos as ações humanas e suas produções sociais, as quais se desenvolvem nas esferas sociais pelas quais transitam os indivíduos (religiosa, jornalística, escolar, familiar etc.). Em seguida, passamos ao estudo dos gêneros do discurso – pois eles são constituídos historicamente a partir da interação social até adquirirem certa estabilidade. É somente depois de

¹⁸ O ideário bakhtiniano aqui citado refere-se às seguintes obras: *Estética da criação verbal* e *Marxismo e filosofia da linguagem*.

perfez esse caminho que seremos capazes de entrar no estudo das formas da língua, através da análise linguística.

Portanto, acreditamos que o ensino de Língua Portuguesa nas escolas deve pautar-se na teoria dos **gêneros do discurso** – práticas de uso da língua que instituem as relações humanas nas diferentes esferas sociais (esfera religiosa, esfera familiar, esfera escolar etc.). Os gêneros estão implicados na cadeia discursiva, não na imanência do sistema textual.

O conceito de gêneros do discurso como práticas de uso da língua ajuda a situar o aluno no contexto em que aqueles gêneros são construídos. Por exemplo: uma reportagem de jornal só interessa enquanto gênero instituidor de sentidos se estiver vinculada ao seu suporte, o jornal, e ao seu meio, o local em que foi escrita, por quem e com que finalidade – e, evidentemente, só ganhará sentidos a partir dos olhos do leitor. Um texto tomado avulsamente não constrói sentidos plenos, pois não institui relações na cadeia discursiva.

Se a língua institui as relações sociais, a aprendizagem deve ser entendida como algo que ocorre no movimento da intersubjetividade para a intrassubjetividade e não o contrário. É a partir das relações sociais nas quais se envolve que o aluno será capaz de construir conhecimentos para posterior aprendizagem intrassubjetiva. A apropriação de conhecimento é feita através de trocas intersubjetivas, do locutor mais experiente – o professor – para o locutor menos experiente – o aluno – e fazendo também o movimento contrário: é uma troca, em que o interlocutor não absorve perfeitamente o que lhe é dito de maneira linear; ocorre uma refração, ou seja, as informações são enviadas pelo locutor e interpretadas pelo interlocutor de acordo com a sua ideologia e vice-versa. Um professor ancorado nesse ideário percebe que seus alunos não são sujeitos universais, portanto não podem ser concebidos da mesma maneira: cada um terá seu tempo para aprender, dependendo do conhecimento prévio com que chegou à escola (ou série) em questão e da forma como as relações sociais que estabeleceu ao longo de sua história o formaram. E ainda, compreende que seus alunos não são sujeitos *tabula rasa*, onde podem ser inseridos conteúdos diversos que serão absorvidos tal qual a significação dada pelo professor (a educação não pode ser bancária¹⁹). Contudo, um mínimo de universalidades precisa ser garantido, para possibilitar ao aluno o ingresso e/ou o trânsito pelas diferentes esferas sociais. E a escola é o local por excelência onde deve ser possibilitada a aprendizagem também desses conteúdos.

4.1.2.2 Ensino–aprendizagem de língua materna e a produção de textos

¹⁹ Cf. FREIRE, 1996.

O processo de ensino–aprendizagem de língua materna, de acordo com Geraldi (1997), se estabelece sobre três eixos: a produção de textos, a leitura de textos e a análise linguística. Como este projeto foi desenvolvido com o objetivo principal de ensinar **produção de textos** no gênero ensaio, iremos, aqui, nos debruçar sobre esse eixo.

Para o autor (tomando como base a concepção dialógica da linguagem discutida acima), a produção de textos – oral e escrita – é ponto de partida e de chegada do processo de ensino–aprendizagem. Nesta ação está implicado o ato político e ideológico de *dar voz ao outro*. O ato de produção exige que o aluno se assuma como sujeito da autoria e, para isso, ele precisa ter: (i) o que dizer, portanto exige conhecimento enciclopédico e empírico sobre o tema a ser exposto, que deve ser previamente estudado (no mesmo gênero e em gêneros diferentes) através da mediação do professor; (ii) a quem dizer, o que demanda conhecimento de seus interlocutores específicos ou do auditório social médio; (iii) razões para dizer, o que requer motivação e definição da situação interacional que justifique a produção no gênero; (iv) estratégias para dizer, o que exige domínio de recursos de natureza linguístico-discursiva para materialização do projeto de dizer do aluno-autor com adequação ao gênero.

O autor estabelece uma diferenciação entre *redação* e *produção de textos*: aquela seria uma produção mecânica de textos *para a* escola, com o objetivo apenas de adquirir nota para uma disciplina (fazendo com que o aluno escreva apenas aquilo que o professor quer ler); já a segunda pressupõe uma atividade interlocutiva real, com propósitos concretos de interação, comunicação e projeto de dizer. Contudo, na escola, o professor, no ato de leitura do texto do aluno, assume-se como “função–professor” e não como “sujeito–professor”. Esse fato interrompe a ação interlocutiva entre os dois sujeitos e contribui para maior artificialidade da escrita de textos no ambiente escolar – contribuindo para a prática de ensino tradicional, em que os conteúdos eram todos divididos em disciplinas e não se buscava o trabalho interdisciplinar.

Essa artificialidade acaba gerando grande assimetria no meio escolar: o professor coloca-se como detentor absoluto do conhecimento que tem o papel de *corrigir* o texto do aluno; e o aluno precisa sempre dar a resposta exata que o professor espera, ou ela estará errada. Tal situação impede a existência do diálogo em sala de aula, o que remete a uma concepção de *educação bancária* e a um ensino de ciência traduzido na dicotomia certo–errado (e quem define o *certo* é o professor). As opiniões dos alunos são frequentemente desmerecidas, fato que incide negativamente sobre todo o processo de produção de textos sugerido por Geraldi (1997): ao receber o conteúdo sem diálogo e de maneira simplificada e dicotômica, o aluno tem o seu “o que dizer” afetado, pois terá construído

uma visão de mundo extremamente rasa e unidirecional; tendo um professor que não se assume como sujeito na relação interlocutiva, o aluno *determina/direciona* seu “a quem dizer” para o professor-corretor, o qual, em vez de incidir sobre o texto do aluno como mediador mais experiente na forma de diálogo, põe-se a apontar erros e identificar opiniões divergentes das dele, portanto vistas como erradas; a “artificialidade constitutiva” do ambiente escolar transforma as “razões para dizer” do aluno em motivações pragmáticas rasas, a saber, adquirir nota para a disciplina; sem considerar a complexidade dessas diversas nuances implicadas na produção de um texto, o aluno vê-se sem “estratégias para dizer”, pois a relação interlocutiva foi quebrada, transformando-se em locução unidirecional sem propósito discursivo/enunciativo.

Durante a produção de textos na escola, o aluno precisa se assumir como locutor de seu discurso como em uma relação interlocutiva que se estabelece entre enunciador e enunciatário. Não há como existir enunciação sem um interlocutor (não há como assumir-se como locutor fora da relação interlocutiva). Como nos mostra o ideário bakhtiniano, toda a fala se constrói na cadeia discursiva, fazendo com que o discurso seja feito e refeito continuamente, construído e desconstruído pelos seus participantes; todo discurso começa na fala anterior e termina na resposta do interlocutor.

Entendemos, pois, que a ação de assumir-se como sujeito e enxergar seu aluno como também sujeito, com suas idiossincrasias sociais, culturais e históricas é um ato político e ideológico:

A devolução da palavra ao aluno faz deste o condutor de seu processo de aprendizagem, assumindo-se como tal. Isto não quer dizer a decretação de um “nada a fazer ou a declarar” para o professor. Fora isto, e teríamos a desconsideração pela palavra, o que significa, na verdade, uma não devolução da palavra ao *outro*. Ouvidos moucos, a não escuta é na verdade uma não devolução da palavra; é negação ao direito de proferir. A não escuta do professor ou seu mutismo empurrariam a ambos, aluno e professor, à monologia. [...] (GERALDI, 1997, p. 160-161)

4.1.2.3 O ensaio escolar: gênero textual e objeto de ensino

Este projeto foi construído com a finalidade de trabalhar em sala de aula o gênero *ensaio escolar*. Para tanto, tomamos como base a definição de gêneros do discurso de Bakhtin (2003 [1952/1953]) e a concepção de ensino de produção de textos de Geraldi (1997), supracitadas.

Segundo Schneuwly e Dolz (1999, p. 11, grifos dos autores), o trabalho com gêneros textuais na escola oferece um desafio complexo, pois “[...] o gênero trabalhado na escola é *sempre uma variação* do gênero de referência, construída numa dinâmica de ensino/aprendizagem, para funcionar numa instituição cujo objetivo primeiro é, precisamente, este.”

De acordo com os autores, todo texto, a partir do momento que entra em sala de aula, deixa de ser instrumento de comunicação real para *transformar-se* em objeto de ensino. Isso artificializa o gênero, cuja função social permanece subjacente, embora ofuscada devido à transposição de meio, onde uma nova situação de comunicação é ficticiamente instaurada.

Entretanto, compreendemos o *ensaio escolar* como um gênero que é instituído a partir de práticas da modalidade escrita da língua nas esferas acadêmica e escolar, majoritariamente. Portanto, sua presença como objeto de estudo nesses ambientes torna-se menos artificial, sob um aspecto: ele mantém-se na esfera de origem; o *ensaio* é um gênero que surge na esfera escolar/acadêmica e tem como objetivo apresentar dados teórico-empíricos e reflexões críticas a um auditório social médio escolar/acadêmico.

Coube a nós, no período de cinco aulas, ensinar aos alunos (i) a função social do gênero *ensaio escolar*, (ii) as regularidades desse gênero e (iii) a melhor maneira de estruturá-lo e formatá-lo, segundo essas regularidades e as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Entendemos, pois, que certa artificialidade tenha sido inevitável – considerando a transposição para o ensino; contudo, buscamos objetivar a *produção de textos* em vez da *redação*, como propõe Geraldi (1997). O gênero foi trabalhado como instituidor de relações sociais com um objetivo de comunicação específico: sistematizar em um texto os resultados da pesquisa desenvolvida pelos alunos na cidade de Itá – SC –, buscando refletir criticamente sobre os dados analisados, possibilitando a divulgação da pesquisa a outros sujeitos.

4.1.3 Objetivos

Apresentar aos alunos, por meio de atividade de leitura, o gênero *ensaio escolar*, para que pudessem compreender sua função social, estrutura e regularidades. Orientá-los quanto às regras de apresentação e formatação de textos acadêmicos, segundo normas da ABNT. Nesse sentido, nossas orientações contribuíram para que eles pudessem produzir textos, finalizando, assim, suas pesquisas de campo no município de Itá. Para tanto, apresentamos aos alunos uma coletânea de ensaios produzidos por alunos do colégio em anos anteriores. Ao longo das cinco aulas, desenvolvemos atividades relativas à compreensão da produção escrita do gênero *ensaio*, a fim de que os alunos possam perceber que os objetivos do *ensaio escolar* vão além de uma simples transferência de saber de um lado a outro para uma conexão entre uma ideia inicial (antes da entrada no campo de pesquisa) e o resultado de dados coletados em uma pesquisa. Desse modo, foram desenvolvidas atividades que levassem os alunos à compreensão dos objetivos iniciais e finais do gênero *ensaio*.

Todavia, além dos objetivos apresentados aqui, era de nosso desejo que os alunos desenvolvessem uma atitude reflexiva, questionadora, consciente e pensante em relação ao processo de escrita para que este fosse desenvolvido de modo ativo e interativo, e não de maneira passiva, como aceitar e aderir a conhecimentos prontos e acabados sem questionamentos e reflexão. Esse processo, desprovido de indagações, torna os alunos meros reprodutores dos conteúdos transmitidos em sala de aula.

Compreender a ideia de circulação dos textos produzidos pelos alunos foi outro objetivo de nossa ação docente e, para isso, utilizamos textos reunidos pelo projeto *Pés na estrada do conhecimento* para incentivá-los no momento da escrita, pois souberam previamente que suas produções não ficarão restritas à leitura do professor para a atribuição de uma nota. Desse modo, esperamos que, posterior ao nosso projeto, eles possam produzir textos que servirão para auxiliar participantes do projeto, contribuindo, assim, para auxiliar o registro dos resultados de outras pesquisas, da mesma forma que estão sendo auxiliados neste momento.

4.1.4 Conhecimentos Trabalhados

Os conhecimentos escolares que foram abordados em sala ao longo da execução do projeto proposto deveriam facilitar “ao(à) aluno(a) uma compreensão acurada da realidade em que está inserido” (BEAUCHAMP, 2007, p.21.), possibilitar “uma ação consciente e segura do mundo imediato e [...], além disso, promov[er] a ampliação do seu universo cultural” (BEAUCHAMP, p.21, 2007). Nesse sentido é que os aspectos da Língua Portuguesa que foram trabalhados contemplaram o eixo da leitura e análise linguística dos ensaios escolares escritos nos anos anteriores, pelos alunos que fizeram parte do projeto *pés na estrada*. Foram trabalhados também conhecimentos acerca da função social, forma de composição, compreensão e interpretação do gênero ensaio escolar. Outro aspecto privilegiado em nossa ação docente foi o que diz respeito às regularidades do gênero em questão, à formatação e à estruturação de acordo com as normas da ABNT.

4.1.5 Metodologia

Introduzimos a aula explicando aos alunos a importância desse momento para a posterior escritura do *ensaio escolar* por eles, como trabalho final da disciplina de Iniciação Científica.

Os alunos foram distribuídos em duplas de trabalho, para poderem realizar as atividades propostas em conjunto, antes da socialização com os demais membros da turma. Entregamos às duplas o

roteiro de análise elaborado pela professora Nara²⁰ e um *ensaio escolar* produzido por alunos integrantes do projeto *Pés na Estrada do Conhecimento* de 2008. Nosso objetivo era utilizar o roteiro como base para análise do *ensaio escolar*.²¹

Em seguida, fizemos a leitura do roteiro de análise, juntamente com os alunos, para explicar o que se esperava que fosse considerado em cada item e esclarecer possíveis dúvidas. Após a explicação, as duplas tiveram um tempo para realizar a análise.

Quando todos já haviam terminado, solicitamos que as duplas que analisaram o mesmo *ensaio escolar* se unissem para preparação da apresentação aos colegas. Dessa forma, além de não haver nenhuma apresentação repetida, os alunos poderiam trocar informações acerca da atividade e sintetizar aquilo que consideravam mais importante, complementando suas análises.

Os grupos fizeram suas apresentações, sendo questionados a respeito de alguns pontos importantes pelas professoras-estagiárias e pelas professoras orientadoras, as quais precisaram motivar os alunos em algumas situações.

Ao término das exposições, as professoras-estagiárias realizaram uma discussão, retomando e sintetizando o que foi desenvolvido pelos alunos, a fim de sistematizar as regularidades do gênero *ensaio escolar* (tomando como base, especialmente, o item III do roteiro de análise).

Num segundo momento da aula, as professoras-estagiárias apresentaram, através de projeção de um texto no *Microsoft Office Word*, a maneira de formatar um documento utilizando as ferramentas do *software*. Enviamos, então, aos alunos, por e-mail, um *ensaio escolar* fora de formatação para que formatassem em seus *notebooks* – no momento da aula – de acordo com o que foi ensinado.

Quando todos haviam concluído a atividade, pedimos para que um dos alunos viesse à frente, no computador com a tela projetada, para apresentar aos colegas a formatação realizada.

Por fim, apresentamos, por meio de slides, as normas de citação e de referência da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT.

²⁰ Cf. roteiro de análise anexado ao plano de aula.

²¹ Um total de três *ensaios escolares* diferentes foi distribuído à turma. Cf. os três ensaios anexados ao plano de aula.

ANEXOS

Anexo 1: Plano de aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
 DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
 DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
 PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
 Colégio de Aplicação/UFSC
 Professora regente da turma: Lisiane Vandresen
 Estagiárias responsáveis pela aula: Bruna Maria Boing Ribeiro e Erika Costa Agnellino
 Disciplina: Iniciação científica
 (13/06 – Quinta-feira – 13h30min às 17h50min)

Plano de aula 1: 5h/a

Tema

Conhecendo e desmistificando o gênero *ensaio escolar*

Objetivo geral

Compreender o gênero ensaio escolar, analisando-o do ponto de vista discursivo, textual, linguístico e normativo.

Objetivos específicos

Entender a estrutura do gênero *ensaio escolar* em etapas, compreendendo todos os elementos que deverão ser considerados para a escritura desse gênero;

Conhecer as normas da ABNT e como usá-las para formatar um ensaio escolar;

Conhecimentos abordados

Função social e forma composicional do gênero *ensaio escolar*;

Estrutura normativa para a formatação da produção textual no programa *Microsoft Word* regida pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT);

Metodologia

- 1º. Introdução da aula, explicando aos alunos qual a importância desta aula para a posterior produção do *ensaio escolar* por eles;
- 2º. Distribuição dos alunos em duplas;
- 3º. Entrega aos alunos do roteiro de análise elaborado pela professora Nara e de um *ensaio escolar* produzido por alunos integrantes do projeto Pés na Estrada do Conhecimento de 2008 (o roteiro deve servir de base para análise do *ensaio escolar*; haverá um total de três *ensaios escolares* diferentes a serem distribuídos à turma);

- 4°. Leitura do roteiro de análise, juntamente com os alunos, para explicar o que se espera que seja considerado em cada item e esclarecer possíveis dúvidas;
- 5°. União das duplas que analisaram o mesmo *ensaio escolar* para preparação da apresentação aos colegas;
- 6°. Apresentação das análises realizadas;
- 7°. Discussão e síntese, pelas professoras-estagiárias, do que foi apresentado pelos alunos, sistematizando as regularidades do gênero *ensaio escolar* (tomando como base, especialmente, o item III do roteiro de análise);
- 8°. Explicação, através de projeção de um texto no *Microsoft Office Word*, sobre como formatar um documento utilizando as ferramentas do *software*;
- 9°. Envio aos alunos, por e-mail, de um *ensaio escolar* fora de formatação para que formatem em seus *notebooks* – no momento da aula – de acordo com o que foi ensinado;
- 10°. Apresentação de um dos alunos, à frente, no computador com a tela projetada, da formatação realizada;
- 11°. Apresentação de slides da professora-estagiária sobre as normas de citação e de referência da ABNT.

Recursos didáticos

Quadro-negro;

Computador com acesso à *internet*;

Fotocópias dos três *ensaios escolares* escolhidos para serem analisados pelos alunos;

Roteiro de leitura com perguntas instigadoras;

Caderno de textos *Caminhos e Ensaios* da disciplina de Iniciação Científica elaborado em 2008.

Avaliação

Serão avaliadas a expressão oral dos alunos na apresentação dos resultados da análise de textos do gênero *ensaio escolar*, assim como a adequação das respostas dos alunos aos itens do roteiro e a compreensão a respeito da importância de se normatizar uma produção textual escolar respeitando as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952/1953].

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec Annablume, 2002 [1929].

RODRIGUES, N. C. **Análise de Texto – Ensaio escolar** – Roteiro para a análise de *ensaio escolar* elaborado para as turmas de 8ª série do Colégio de Aplicação-CED/UFSC. 2010.

SILVEIRA, J. C.; SILVA, R. P.; TROTT, T. M. C. **Caminhos e ensaios** – Coletânea de textos de professores e alunos de 8ª série do Colégio de Aplicação-CED/UFSC. Florianópolis: Imprensa Universitária-Março/2008.

ANEXOS

Anexo 1: Ensaio 1

SILVEIRA, J. C.; SILVA, R. P.; TROTT, T. M. C. **Caminhos e ensaios** – Coletânea de textos de professores e alunos de 8ª série do Colégio de Aplicação-CED/UFSC. Florianópolis: Imprensa Universitária-Março/2008.

Agricultura de Subsistência: altos e baixos no campo

André Lúcio Giotto
André Vinícius Piva
Daniel Carvalho D'Acampora Sucupira
Igor Galvão Soares
Petterson Machado

A agricultura de subsistência, que é o cultivo realizado para suprir as necessidades do agricultor, enfrenta muitas dificuldades na sua realização, mas também encontra algumas facilidades. Neste ensaio pretendemos revelar as principais dificuldades e facilidades da agricultura de subsistência. Para isso utilizaremos dados obtidos com um especialista no assunto, pesquisas em livros e internet, além de uma pesquisa de campo.

Primeiramente falaremos sobre as facilidades da agricultura de subsistência. As facilidades não são muitas e isso acaba prejudicando muito na sua realização, pois esse fator acaba fazendo com que muitas pessoas desistam desse tipo de agricultura. Mas as facilidades existem, aliviando um pouco o grande número de dificuldades.

Segundo Mateus, um especialista no assunto agricultura de subsistência, as maiores facilidades desse tipo de agricultura são o baixo custo dos materiais e a possibilidade de recursos. Outro fator que facilita a realização da agricultura de subsistência, é a pouca área necessária para o cultivo, de 5 a 10 hectares são necessários para a sua realização.

No caso específico do MST, um fator que ajuda muito, é a formação de cooperativas, o que aumenta a produção, barateia os custos e ainda gera uma maior distribuição de renda dentro do acampamento, diminuindo possíveis desigualdades entre as famílias que vivem nos acampamentos.

Agora falaremos sobre as dificuldades que a agricultura de subsistência enfrenta. A quantidade de dificuldades é muito maior do que o número de facilidades que encontra. Esse enorme número de dificuldades é inadmissível num país como o Brasil, que é um dos líderes mundiais na produção de vários tipos de gêneros alimentícios, mas parece só se importar com a agricultura para a exportação, esquecendo do pequeno agricultor que paga pesados impostos e não recebe o apoio que merece.

A agricultura de subsistência enfrenta grandes dificuldades desde a época do Brasil colônia, onde a coroa só investia na agricultura para exportação, o que acabou “marginalizando” essa forma de agricultura. Muitas das dificuldades da agricultura de subsistência atualmente, são resultados da falta de apoio do governo ainda na época de Brasil colônia.

A grande concentração de terras no Brasil, onde 1% dos proprietários possuem 50% das terras, é sem dúvida uma das maiores, se não a maior, dificuldade da agricultura de subsistência. E muitas dessas terras não estão sendo utilizadas. Isso nos leva a outra dificuldade da agricultura de subsistência: a demora na realização da Reforma Agrária.

Diferentemente do que aconteceu na Europa, a Reforma Agrária no Brasil não deu certo. Existe muita demora na desapropriação de terras inutilizadas, e que muitas vezes já foram consideradas improdutivas. Para se ter uma idéia na demora, pode-se levar até 10 anos num processo de desapropriação. E com a falta de terras, muitas pessoas acabam desistindo.

Outra “falha” do governo com esse tipo de cultivo, é a falta de apoio técnico voltado a realidade do agricultor. O governo, segundo Mateus, deveria ter iniciativas progressistas e não políticas conservadoras.

Um outro fator que afasta muitas pessoas da agricultura de subsistência, é que é muito difícil viver só desta agricultura, fazendo com que muitos agricultores que praticam esse tipo de cultivo, tenham que vender uma parte de sua produção para obter algum lucro, que é utilizado na compra de alguns produtos e investido na melhoria de equipamentos. Mas em compensação, o valor gasto não é muito alto. Gastam no máximo R\$ 100,00 por mês.

Após a realização deste ensaio, podemos concluir que a agricultura de subsistência é prejudicada por vários fatores desde a época em que o Brasil ainda era uma colônia de Portugal. Essas dificuldades impediram e ainda impedem seu pleno desenvolvimento. Porém existem alguns fatores que “aliviam” essa “sobrecarga” de dificuldades e ajudam na prosperidade da agricultura de subsistência. Também existem pessoas, como os integrantes do MST, que lutam para que a agricultura de subsistência continue a existir e se depender da luta dessas pessoas não deixará de existir assim tão facilmente.

Referências:

1- Entrevistas realizadas nos Assentamentos

Anexo 2: Ensaio 2.

SILVEIRA, J. C.; SILVA, R. P.; TROTT, T. M. C. **Caminhos e ensaios** – Coletânea de textos de professores e alunos de 8ª série do Colégio de Aplicação-CED/UFSC. Florianópolis: Imprensa Universitária-Março/2008.

Terra Mãe: é dela que precisamos, e com ela que sobrevivemos

Cristina Berwanger Pereira
Dauana Berndt Inácio
Fernanda Pompermaier Rotunno
Marina Bergmann Kremer
Vanessa Cardoso Pires

É muito importante entender bem o que é um movimento social, várias vezes ouvimos a mídia citar essa expressão. Pois bem, chegou a hora de entender do que se trata.

Movimentos sociais são organizações que tem por objetivo juntar um número de pessoas para defesa ou mudança de uma idéia, ou contexto social específico na qual estão inseridos. Trata-se de uma organização coletiva que busca uma nova ordenação de vida. É lutar por uma sociedade mais democrática¹, é buscar a mudança ou a conservação de uma idéia, é ter uma maneira de pensar e agir diante a sociedade.

Existem hoje no Brasil, diversos movimentos ligados a terra: Movimento de Luta pela Terra (MZT), Liga Operária Camponesa (LOC), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras do Paraná (MTRSTP), Movimento de Luta pela Libertação dos Sem Terras (MLST), e o que nos interessa nesse ensaio o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), dentre outros. Focaremos nossa atenção no MST, por ser um movimento que já tínhamos um certo conhecimento através dos meios de comunicação (Televisão, revistas, jornais, etc.), e também através da pesquisa de campo² para Fraiburgo (SC), na qual tivemos a oportunidade de conhecer os integrantes do movimento, e a organização dos assentamentos².

Na saída de campo para Fraiburgo tivemos a oportunidade de investigar o processo de formação dos assentamentos, assim como conviver com a sua atual realidade.

Segundo Carolina Sampaio Maciel Dantas³ parte das famílias que participaram da primeira ocupação ocorrida em Santa Catarina, ainda hoje estão assentadas em Fraiburgo. Essas famílias vieram de um grande acampamento em Abelardo Luz, localizado no oeste do Estado. Esse acampamento foi fruto da ocupação da Fazenda Eunice, na noite de 25 de maio de 1985, com a participação de aproximadamente 1300 pessoas. Para Fraiburgo foram um total de 103

¹ Nem sempre os movimentos sociais lutam pela democracia, como os que buscam a conservação de uma idéia, como a juventude fascista.

² No período de 4 a 6 de junho de 2007 realizamos uma pesquisa de campo nos Assentamentos União da Vitória e Vitória da Conquista, no município de Fraiburgo, em Santa Catarina. Nosso objetivo, na oportunidade, foi analisar a problemática da posse da terra no Brasil.

³ Aluna da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que fez uma conclusão de curso em 2005, no curso de História.

famílias, 34 para o assentamento União da Vitória, 45 para o assentamento Vitória da Conquista, e 12 para o assentamento Rio Mansinho (que nós não tivemos a oportunidade de conhecer). O primeiro assentamento a ser formado, foi o União da Vitória, em 24 de junho de 1986, e o segundo foi o assentamento Vitória da Conquista, em 30 de outubro de 1986.

Atualmente a situação nos assentamentos é estável, eles possuem educação⁴, alimentação, e moradia mesmo que sem o apoio financeiro mais intenso do governo. Um ponto muito importante para refletirmos é que mesmo tendo alguns avanços, outros aspectos ainda são precários. A falta de acesso a saúde é um deles, sendo que o posto de saúde mais próximo está a 24 km dos assentamentos.

Mas se eles não recebem verbas do governo como é mantido estes assentamentos? Segundo o professor de matemática⁵ da Escola Agrícola 25 de Maio, é possível obter lucros quando o clima é favorável, pois assim a safra é boa. Já quando o clima é desfavorável com geadas, chuvas, e etc. a plantação é escassa.

Mesmo que o MST tenha fins que tragam benefícios para o grupo que lutou e reivindicou, durante uma entrevista com o professor de Geografia Edson Lorenço, descobrimos que existem movimentos que não concordam com as idéias que o MST transmitem, por exemplo, a União Democrática Ruralista (UDR)⁶. Ao sabermos que existe esse tipo de movimento ficamos intrigadas, pois em nossas mentes o MST dá oportunidades para muitos e seria um absurdo ter um movimento contra ele, embora isso faça parte do processo democrático.

O MST foi criado na década de 1980. Nesse período, grandes indústrias se modernizavam, inclusive o agronegócio, colocando-se às vezes em igualdade de exportação com os países de primeiro mundo, causando desemprego e êxodo rural.

Decepcionados com a expulsão de famílias das propriedades em que trabalhavam, a Comissão Pastoral da Terra (CPT)⁷ organizou uma ocupação no Rio Grande do Sul, que foi a gestação de um movimento maior que se consolidava. Anos mais tarde em Cascável (PR) foi criado o 1º Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, e começou então, a se destacar no Brasil os primeiros sinais de mudanças sociais no campo.

Foi uma conquista dura, muita gente lutou, morreu, e às vezes nem assim obtinham resultado.

Durante todos os momentos de pesquisa e o recolhimento de dados, o nosso grupo de trabalho (GT) pode aprimorar os conhecimentos sobre o assunto, para além do que a mídia transmite, elaborando assim, novos conceitos sobre esses movimentos em especial o MST.

⁴ A Escola Agrícola 25 de Maio desenvolve o Ensino Fundamental Médio e está localizada no Assentamento União da Vitória.

⁵ Professor de matemática

⁶ União Democrática Ruralista (UDR) é uma entidade de classe que se destina a reunir ruralistas e tem como princípio fundamental a preservação do direito de propriedade.

⁷ Ela se apresenta como apoiadora ou em alguns casos articuladora dessas lutas pela terra.

Antes da saída de campo tínhamos a impressão de que os integrantes do MST eram um grupo de baderneiros, que só causavam problemas na sociedade, pois a mídia só mostrava os conflitos que eles geravam com o governo, e não mostrava a verdadeira realidade do MST, que é um movimento que dá muitas oportunidades as pessoas, proporcionando-as moradia, alimentação e estudo. Hoje, nós sabemos a importância deste movimento, que antes não tínhamos o conhecimento.

Nós Cristina, Dauana, Fernanda, Marina e Vanessa atingimos nossos objetivos, é, são aqueles lá do pré-projeto, lembra? Além de muita diversão, descontração e união das turmas, adquirimos um grande conhecimento.

Foi muito boa essa oportunidade, muitas lembranças ficarão para sempre conosco, a noite na fogueira com toda aquela cantoria, ursinhos de pelúcia voando pela janela do ônibus, garotas presas no banheiro pela voz desafinada, o invencível Guarani do professor Rafael, as bagunças e comilanças no quarto e a vitória do Figueirense cantada antes do tempo.

Só temos que agradecer aos professores pela organização desse projeto incrível, e força na peruca para a próxima etapa!

Referências bibliográficas:

- 1- http://pt.wikipedia.org/wiki/movimento_social
- 2- DANTAS, Carolina Sampaio Maciel. Escola 25 de maio: História de Lutas e Sonhos. Trabalho de Conclusão de Curso / História, UFSC.
- 3- <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061120181210AAOLHFw>
- 4- Texto “Movimentos Sociais” disciplina de Sociologia.
- 5- Entrevistas realizadas nos Assentamentos

Anexo 3: Ensaio 3.

SILVEIRA, J. C.; SILVA, R. P.; TROTT, T. M. C. **Caminhos e ensaios** – Coletânea de textos de professores e alunos de 8ª série do Colégio de Aplicação-CED/UFSC. Florianópolis: Imprensa Universitária-Março/2008.

A Voz da Mídia Contra a Nossa Voz: como a mídia trata os movimentos sociais ligados a terra no Brasil.

Arthur Nazário Palma
Gabriel Medeiros Souza e Silva
Luís Fernando da Silva
Thiago Steinhaus
Willian Rogério Souza da Silva

Nem sempre a mídia trata os movimentos sociais com a devida atenção. Com muita mentira por trás de tudo o que realmente acontece com essas pessoas. Após essa compreensão, resolvemos desenvolver um projeto de pesquisa, pretendendo esclarecer melhor a atuação da mídia com o MST.

Para realizarmos esse projeto, os alunos das 8ª séries realizaram uma viagem para um assentamento de sem terras no município de Fraiburgo - Santa Catarina .

Uma das nossas preocupações durante a viagem foi, saber realmente qual a imagem que um assentado acha que a mídia faz dele, saber o que falam do MST. Muitas pessoas com quem nós conversamos, falavam que a mídia distorce muitas informações sobre o MST. E que falam deles muitas vezes sem saber, pois dão muito mais valor a um policial morto do que 20 sêm- terras mortos.

Todos eles do assentamento disseram para nós que não é essa a imagem que gostariam de ter, mas também não querem ter uma imagem beneficiada pela a mídia. Querem somente mostrar para todos apenas a realidade, o que eles realmente são e o que fazem.

Uma das pessoas que mais conversou conosco foi a Aline¹, disse que essa realidade é de que o MST não é composto por um bando de invasores, ou ladrões de terras, mas sim trabalhadores que ficaram desapropriados de suas terras e querem recuperá-las.

¹ Aluna no Ensino Fundamental da Escola 25 de Maio, do Assentamento União da Vitória, Fraiburgo (SC).

Isso é apontado por Aline como uns dos insultos que a mídia faz, pois não buscam falar sobre o lado bom do MST, apenas aquele lado citado acima, o de “invasores”.

Desviar a atenção da mídia pode ser uma de suas defesas, a questão é : como desviar está atenção (da mídia). Novamente Aline citou que o que eles costumam fazer é convidar as pessoas para ir conhecer o trabalho deles, lá no assentamento eles têm um jornal próprio e uma revista em quadrinhos com personagens que foram criados por eles próprios, “essa é uma maneira de provar que o MST não é só invasão de terras e etc, também há cultura...”, dito por Aline em uma de nossas conversas.

Com pesquisas feitas em jornal temos alguns exemplos de matérias sobre os sem-terras, “Policial é feito refém por sem-terra em São Paulo” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 31/05/99), “Sem-terras incendiam casas e fazendas” (O GLOBO, 15/07/99), “Sem-terras bloqueiam 3 prefeituras no Pontal” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 21/05/99). Isso são exemplos de frases de jornais, todos falam contra ou de algo ruim que aconteceu envolvendo os sem-terras, que são insultos para eles.

É comum encontramos em revistas a intenção de transformar a questão agrária, em problema específico do MST. Poucas foram as reportagens em que o tema MST era discutido favoravelmente.

Enfim, de acordo com a pesquisa realizada, a nossa opinião é de que realmente a mídia desmerece o MST. Também observamos que diante de tantos insultos, não achamos em sequer um jornal ou revista, uma resposta do MST, tiramos então de conclusão que isso só acontece porque a mídia tenha talvez um medo de assumir um possível erro com o MST e não lhe dão direito de resposta.

Por isso nós dizemos a você para que não acredite em tudo o que você lê nos jornais, revistas ou vê na televisão, procure conhecer pessoalmente, assim como nós, a comunidade, o trabalho dessas pessoas, que é um trabalho honesto e interessante.

Referências bibliográficas:

- 1- Revista Caros amigos – As grandes entrevistas 4/05/ 2001.
- 2 - <http://www.fortunecity.com/boozers/bird/263/id188.htm>
- 3- Jornal O Estado de São Paulo, 31/05/99.
- 4- Jornal O Globo, 15/07/99.
- 5- Jornal O Estado de São Paulo, 21/05/99.
- 6- Entrevistas realizadas nos assentamentos.

Anexo 4: Roteiro de análise dos ensaios.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

8ª SÉRIE – ENSINO FUNDAMENTAL

PÉS NA ESTRADA DO CONHECIMENTO E INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA ESCOLA

PROFESSORA: NARA CAETANO²²

NOME: _____ Data ____/____/2013

ANÁLISE DE TEXTO – ENSAIO ESCOLAR

SILVEIRA, J. C.; SILVA, R. P.; TROTT, T. M. C. **Caminhos e ensaios** – Coletânea de textos de professores e alunos de 8ª série do Colégio de Aplicação-CED/UFSC. Florianópolis: Imprensa Universitária-Março/2008.

I – PRÉ-LEITURA

1. Identifique o título do ensaio e os autores.
2. Em que suporte o texto foi publicado? Quando?
3. O que se pode dizer sobre os autores do ensaio?
4. Com que finalidade o ensaio foi produzido?
5. Quem são os prováveis leitores do ensaio?

II – SOBRE A ESTRUTURAÇÃO DO ENSAIO

1. Identifique a introdução e explique como ela foi construída.
2. Destaque no texto:
 - a) a primeira referência direta à pesquisa realizada;
 - b) as fontes utilizadas para apresentação dos dados;
 - c) as referências feitas às entrevistas realizadas.
3. Assinale, na margem do texto, as partes em que são apresentados posicionamentos dos autores.
4. Indique, no texto, o(s) parágrafo(s) de conclusão.

III – AVALIAÇÃO DO ENSAIO ANALISADO

1. O ensaio lido atendeu à finalidade de sua produção?
2. A linguagem utilizada está adequada ao nível de escolaridade dos autores, aos prováveis leitores e ao suporte no qual o texto foi publicado? Justifique.
3. As fontes dos dados/informações aparecem claramente no texto e nas referências ao final?
4. Os dados das entrevistas foram bem explorados?
5. O título está adequado ao ensaio apresentado?
6. A introdução deixa claro o que será desenvolvido no texto?
7. O posicionamento dos autores está claro e bem fundamentado?
8. A conclusão está adequada ao que foi desenvolvido no texto?
9. Há notas de rodapé no texto? Elas foram usadas de modo pertinente?
10. Há epígrafe no texto?

²² O roteiro foi elaborado pela professora Nara Caetano que gentilmente nos cedeu para a realização da Oficina de Ensaio Escolar.

4.2 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ATIVIDADES EXTRACLASSE.

Depois de dois meses observando as aulas de Iniciação Científica, o IC, da turma do 9º B que tinha por eixo temático, *A Luta pela terra e Memória*, é chegado o momento em que nós estagiárias, ministramos uma oficina sobre o Gênero Ensaio Escolar e refletimos sobre essa prática. O projeto teve como intuito aproximar os alunos dos gêneros do discurso da esfera acadêmica, ensinando-lhes sobre uma das etapas do trabalho de pesquisa, a etapa final, ou seja a de sistematização dos seus resultados em um texto. De antemão sabíamos que, para a realização da oficina, os alunos precisariam, primeiramente, ter *razões para dizer*, ter *o que dizer*, ter *a quem dizer e ter estratégias de dizer*, assim como postulou Geraldini (1997). Para isso, foi necessário aguardar o momento para poder realizar a oficina, ou seja, posteriormente ao planejamento de um projeto feito por eles, antes de irem a campo, assim como, o momento da pesquisa de campo, quando efetivamente eles foram para o município de Itá em SC, local da realização da coleta de dados.

Apesar do projeto de Iniciação Científica ser uma prática do colégio, notamos, durante todo o período de observação dessas aulas, um descontentamento dos alunos pelas aulas de IC. Percebíamos que não apresentaram entusiasmo para realizar uma pesquisa, quando muitos não traziam as tarefas de casa e, assim, atrasavam os trabalhos conjuntos em aula, ou seja, momento em que teriam que discutir com o grupo e com a professora o andamento das etapas de suas pesquisas. Contudo, observamos que suas expectativas se construíram sobre o tão aguardado momento, a viagem.

Os temas de suas pesquisas eram bem variados, desde a temática de memória dos antigos moradores de Itá, como também da arquitetura, culinária, violência contra as mulheres, lazer e diversão dos moradores, ou seja, os alunos em seus grupos deveriam escolher um assunto a ser pesquisado dentro do grande eixo temático - *A Luta pela terra e Memória*. Contudo, quando chegaram na semana que antecedeu a tão esperada viagem e apesar do auxílio que receberam durante as aulas, percebemos que muitos estavam bem atrasados com os seus projetos e outros nem tinham escrito algo que atingisse os objetivos de um projeto e que tivesse pertinência com suas pesquisas. Diante dessas observações, pudemos de antemão saber que teríamos um certo trabalho no momento da oficina, não apenas pelo descontentamento dos alunos com a disciplina, mas também pela complexidade que seria a aproximação de um gênero genuinamente acadêmico para um 9º ano do Ensino Fundamental.

Inicialmente, estava previsto um total de quatro aulas para as oficinas, entretanto sentimos a necessidade de abrir uma aula que antecederesse as oficinas, para que, então, os responsáveis pelas turmas pudessem rememorar os acontecimentos, as conversas, os locais por onde estiveram, assim como verificar se todos tinham registrado os momentos da pesquisa de campo com fotografias, áudio, vídeo e as autorizações das entrevistas concedidas e outros materiais importantes para que a escrita do Ensaio fosse possível. Diante dessas necessidades emergenciais, verificada junto com os professores e coordenador do projeto, sobre alguns replanejamentos do nosso projeto Extraclasse, relembramos das palavras de Arroyo quando afirma que, “Há projetos que começam por pesquisas ou por depoimentos à procura da realidade vivida. Outros buscam a realidade em noticiários, revistas, reportagens, na produção literária etc.” (ARROYO, 2011, p. 129). Sendo assim, fizemos essa pausa necessária para a retomada da realidade, da vivência em campo, a fim de que os envolvidos nesse projeto pudessem retomar a caminhada para, então, em momento oportuno, ser possível a significação das experiências e resultados em palavras, em textos, e aqui, em um *Ensaio*. Ao recebermos a tarefa de não mais ministrarmos quatro aulas, mas cinco aulas seguidas para a oficina de *Ensaio Escolar*, sabíamos das exigências que o gênero propunha, e também, sabíamos das dificuldades que uma oficina desse porte exigiria de todas nós, uma vez que, somos graduandas em formação docente, portanto, ainda aprendizes, e para isso precisaríamos não apenas dominar um gênero, mas também a turma, na intenção de traçar uma metodologia capaz de tornar a aula interessante e que desse conta dessa aproximação - gênero acadêmico em Ensino Fundamental, mostrando como dar os primeiros passos para a construção de um Ensaio. Sendo assim, nos reunimos, as seis estagiárias que acompanhavam as turmas nesses dois meses de observação e de auxílio. Para isso, seguimos alguns princípios norteadores estudados dentro de algumas principais teorias trazidas da graduação, como por exemplo, a de Bakhtin (2003 [1952/1953]) e Geraldi(1997) no que se refere ao ensino-aprendizagem dos *gêneros do discurso* e das *práticas de linguagem* como já apresentamos no item acima, referente ao Projeto Extraclasse. Para significar as intenções do nosso projeto utilizamos um trecho do livro texto de Linguística Aplicada quando afirma que,

[...] as interações humanas se dão tendo a *linguagem* como instrumento de mediação – tal qual propôs Vygotsky (2000[1984]) – e que os usos da linguagem se estabelecem por meio de *gêneros do discurso* – tal qual propôs Bakhtin (2003 [1979]) –, a *aula de Língua Portuguesa* – como as *aulas* de quaisquer outras disciplinas – configura um desses usos da linguagem, com suas particularidades interacionais e configuracionais. Nenhum de nós tem dúvidas para reconhecer o que seja uma *aula*. E facilmente a distinguimos de uma *palestra*,

de um *pronunciamento político*, de uma *entrevista* etc. (CERUTTI-RIZZATI; RODRIGUES, 2011)²³

Afinal de contas, a interação é parte indissociável dos gêneros do discurso. Se a aula é um gênero do discurso, ela pressupõe interação. E, desse modo, iniciamos nossa oficina, apesar dos muitos questionamentos, muita insegurança e das expectativas. Mas iniciar era preciso, e mesmo diante desses olhares suplicantes iniciamos a oficina seguindo nossa metodologia, de modo que os primeiros momentos foram marcados pela aproximação dos alunos com o gênero Ensaio Escolar. Logo então, foi solicitado que cada grupo estivesse reunido para a leitura-fruição de um *Ensaio*, dos três escolhidos para esse momento. Na sequência, em uma releitura, iniciaram a *Leitura-estudo-do-texto*²⁴ a fim de responderem a um *roteiro*²⁵ de estudo do Gênero *Ensaio*. Para isso, seguimos com a orientação sobre as regularidades do Gênero, quanto a sua estruturação e formatação, para isso uma apresentação segundo as normas da ABNT²⁶ foi preparada. No fim, solicitamos que alguns alunos fizessem a formatação, segundo as orientações recebidas, em um texto completamente ‘desformatado’.

A realização dessa etapa que encerrou a oficina foi rápida e notamos que os alunos, mesmo que desconhecêssem essas formatações, o fazem com muita destreza e propriedade. Habilidades reflexivas são as que lhes custam mais a exercitarem, assim como, de leitura e escrita. Por isso é que no fazer docente devemos sempre ter em mente as indicações de Geraldí (1997) quando apresenta a *produção de textos*, orais ou escritos, como a base do processo de ensino-aprendizagem da língua. O texto, para o autor é, então, total aos objetivos sobre o estudo da língua já que remete a uma relação intersubjetiva. Para ele, não se trata de *redação*, mas de *produção de textos*, pois, enquanto na primeira, o texto é produzido *para a escola*, na segunda, o texto é produzido *na escola*. Não se trata de reproduzir modelos de textos que impedem o aluno de criar e inovar a partir de suas experiências. Desse modo, apresentamos alguns caminhos de como dizer algo; contribuindo para que o aluno pudesse compartilhar seus conhecimentos e pesquisas de campo, a fim de que essa produção textual se tornasse uma atividade agradável e de troca das experiências, produzindo, assim, um envolvimento entre aquele que ensina e aquele que aprende.

²³ CERUTTI-RIZZATTI e RODRIGUES (2011).

²⁴ É o momento que o aluno deve tirar do texto tudo aquilo que necessita, não uma resposta pontual, mas tirando dele tudo o que ele possa oferecer. Geraldí (1997)

²⁵ Roteiro elaborado pela professora Dr^a. Nara Caetano, do Colégio de Aplicação, que em atividades de IC, dos anos anteriores também foi aplicado. A professora cedeu seu roteiro na intenção de auxiliar nossos trabalhos na Oficina. O referido roteiro consta na sessão de anexos deste relatório.

²⁶ Associação Brasileira de Normas Técnicas.

O que se afirma é que o professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, [...] mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses, seus procedimentos de pensar, seu modo de trabalhar. Ao mesmo tempo, o professor ajuda no questionamento dessas experiências e significados [...] intencionalmente, para objetivos educativos. Está embutida aí a ajuda do professor para o desenvolvimento das competências do pensar, em função do que coloca problemas, pergunta, dialoga, ouve os alunos, ensina-os a argumentar, abre espaço para expressarem seus pensamentos, sentimentos [...]. (LIBÂNEO, 1998, 29)

Com um projeto bem alicerçado, finalizamos bem a oficina e, diante de tudo que foi dito aqui a respeito do projeto Extraclasse, concluímos que, um trabalho bem planejado e previamente estudado, tem seu sucesso parcial, dizemos dessa forma, pois os sujeitos são jovens de 13, 14 e 15 anos em uma sala de aula estudando um gênero novo e que precisarão dar conta de apreendê-lo em duas semanas para a produção de seus Ensaio. Cabe-nos relembrar o quão válida é a estratégia apresentada por Geraldi quanto a integrar a atividade de *leitura de textos* à produção de textos, estes produzidos pelos próprios alunos, de maneira a evitar que o aluno venha a se sentir frustrado e desmotivado durante a produção. Além disso, a busca pela leitura de qualquer texto deve ser iniciada no aluno pelo desejo de responder perguntas, como propusemos na oficina. Geraldi demarca algumas das motivações para um aluno buscar a leitura de um texto: a busca de informações, o interesse por estudar o texto, a possibilidade de usá-lo na produção de outros textos ou apenas para desfrutar de sua leitura.

Os frutos dessa oficina nós não poderemos apresentar nesse relatório, pois a produção desses textos, do gênero Ensaio Escolar, dar-se-á na sequência junto com os professores responsáveis pelas cinco turmas, e esses ficarão encarregados de orientá-los. A nós coube a tarefa de aproximação do gênero e dos recursos necessários para que a escrita do Ensaio seja possível. Entretanto,

para que o instrumento, no nosso caso, o gênero, possa ser “explorado em suas potencialidades” e, dessa forma, se torne um mediador eficaz na interação interpessoal, ou seja, para que ele possa realmente transformar, enriquecer a atividade linguageira, ele precisa ser dominado pelo sujeito. (BARROS, 2009)²⁷

Esperamos, assim, ter contribuído para o sucesso de seus Ensaio. Embora, saibamos que não é possível dominar um gênero em apenas cinco aulas, ou em uma oficina preparada para isso. Cabe, a partir desse ponto, que cada um deles tenha a curiosidade, o interesse, o empenho em aperfeiçoar a sua produção com base na leitura de outros *Ensaio*, a fim de produzirem os seus próprios, o que para Geraldi (1997) denomina-se de *Leitura pretexto*, ou seja, “*escrever significa conscientizar-se da sua própria ‘fala’, ou seja, prestar atenção aos recursos linguísticos mobilizados ou*

²⁷

Cfe. BARROS (2009).

mobilizáveis segundo o projeto de dizer definido para o texto em elaboração”. (Geraldi, 2010, grifos do autor)

Com base nas orientações de alguns autores e refletindo sobre a necessidade emergente para a oficina, cremos que alcançamos os objetivos do projeto, ou seja, aproximamos o leitor ao gênero Ensaio Escolar, possibilitamos aos alunos razões para dizer, levando-os a uma conscientização que suas falas serão usadas para a apresentação de um resultado, sem deixar de lado regras linguísticas ou de Normas da ABNT. O objetivo em levar um gênero acadêmico para a esfera escolar foi desafiador e por vezes nos parecia inalcançável, contudo, o projeto deu conta de atender as expectativas dos alunos, porém, uma ressalva há de ser feita para que, em momentos futuros algo novo possa ser repensado; as cinco aulas seguidas é uma tarefa árdua para o estagiário (a), como também, torna-se cansativo para os alunos. Por mais que o projeto tenha sido bem elaborado e articulado com as propostas dos professores/coordenadores, seria interessante que a oficina acontecesse em dois ou três momentos, facilitando, assim, o processo de aprendizagem do gênero proposto, assim como, facilitar o processo de docência dos estagiários(as) muitos dos quais realiza sua primeira experiência docente no estágio supervisionado. Ao finalizar nossas reflexões percebemos que trabalhamos para a construção e inserção de um gênero novo para os alunos, entretanto, nos faltou o resultado dessas ações, ou seja, acessar e avaliar os textos produzidos pelos alunos a fim de conhecer quais foram os resultados de nossas ações.

5. VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR.

A tarefa do docente não consiste apenas em ministrar suas aulas, corrigir provas e fazer as avaliações. O fazer de um educador começa no planejamento de aula a aula para as suas turmas, assim como, na preparação dos materiais necessários para cada aula. Cada situação, cada aula requer do docente uma revisão de suas ações, precisando algumas vezes, fazer, refazer, planejar e replanejar de acordo com a avaliação individual do professor na intenção de alcançar os objetivos propostos a cada aula planejada. Conforme afirma KENSKI (p.95, 2006) “pensar no Papel do professor no atual estágio da sociedade é identificar uma multiplicidade de ações diferentes para a mesma função.²⁸” Podemos destacar inúmeras ações de responsabilidade do professor, porém, cabe-nos aqui, no relatório final, apresentar algumas das atividades de responsabilidade do professor do Colégio de Aplicação. Por exemplo, a professora L., além de responsável pelas turmas dos nonos anos, as três para ser mais específicas, é presidente da A.P.P – Associação de Pais e Professores,

²⁸ KENSKI, In: CASTRO e CARVALHO, (Org.).(2006).

tem atribuições referentes ao projeto *Pés na estrada do conhecimento*, atividade de I.C - Iniciação Científica, assim como participa mensalmente das reuniões de Disciplina, de Série e Conselhos de Classe. Além disso, ainda cede seu espaço para a ação dos estagiários, o que significa replanejar o currículo previsto para aquele ano. No mais, ainda participa dos eventos familiares tais como, festa da família – realizada no mês de Maio, festa julina, gincana esportiva e dia do estudante, bem como acompanha, sempre que necessário, as turmas em viagens que caracterizem a presença do professor de língua portuguesa.

Para nós, estagiárias, foi significativo e muito importante participar de cada processo do fazer docente, pois assim conseguimos sentir, interagir e vivenciar as ações de competência dos professores, que ultrapassam a docência em sala de aula. Kenski (2006) destaca ainda que o professor dentro de suas múltiplas ações tem o papel de agente, “em primeiro lugar, um *agente da memória*. Um profissional responsável, entre outras coisas, pela manutenção da memória social. A ele compete a aquisição, reflexão, transmissão e manutenção de aspectos valorizados pela cultura de um certo grupo social em um determinado momento”. (p.96). Destaca ainda que o professor é um *agente de valores*, pois “influencia os comportamentos e atitudes de seus alunos [...] capaz de estimular a identidade (individual e grupal) e a sociabilidade com e entre seus alunos”. (p.97). Assim como, também, lhe cabe o papel de *agente de inovações*, ou seja, aquele que [...] “auxilia na compreensão, utilização, aplicação e avaliação crítica das avaliações surgidas em todas as épocas, requeridas e incorporadas à cultura escolar”. (idem, ibidem). Portanto, uma ação docente não se esgota no fazer dentro de sala de aula, como também não basta a nós sairmos de um curso de licenciatura com o domínio dos conteúdos acadêmicos, é preciso mais. É preciso, continuamente e efetivamente, estar inseridos no espaço escolar, cientes de que nossas atitudes, comportamentos e escolhas estarão, de alguma forma, influenciando e conduzindo nossos alunos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período de estágio, compreendido desde a fase de observação até o momento da docência, tivemos a oportunidade de nos inserir no meio escolar e vivenciar situações que só foram possíveis de compreender e experienciar no ambiente escolar. Trata-se de situações que, apesar de por vezes comentadas e descritas por nossos mestres na universidade, não faziam muito sentido para nós, estudantes, que estávamos inseridos apenas no meio acadêmico, tão distante da realidade escolar. Cabe aqui o primeiro questionamento que nos suscitou a vivência no espaço escolar: por que motivo em um curso de licenciatura a imersão na escola acontece apenas na oitava fase, isto é,

no estágio supervisionado? É importante levantarmos questionamentos como este para que se repense a formação de professores de Língua Portuguesa, que tem ao longo da graduação em Letras – Português, pouquíssimas disciplinas e discussões que foquem a licenciatura e, conseqüentemente, as instituições educativas.

Compreendemos o estágio como um momento metodológico e político de suma importância para que futuros professores possam construir uma série de saberes indispensáveis à prática pedagógica. Nesta fase do curso, tivemos a oportunidade de articular teoria e prática, muitas vezes sendo necessário buscar nas disciplinas cursadas ao longo da graduação o embasamento teórico para nossas ações. O estágio possibilitou, também, experimentar, ainda que brevemente, como é ser professor de Língua Portuguesa e quais são as conseqüências e responsabilidades dessa profissão. É devido ao estágio que pudemos fazer tudo isso com orientação e ter a quem recorrer (referimo-nos aqui à professora regente da turma e a nossa orientadora), tendo em vista que nos deparamos com situações diversas com as quais ficamos confusas, sem saber que atitude tomar, e que não contávamos que fossem ocorrer.

Refletindo sobre essa fase final da licenciatura, concluimos que todas as etapas foram importantes, entretanto a mais enriquecedora e agradável foi a de entrada na sala de aula em que ficamos frente a frente com os alunos. Neste instante, houve uma grande troca de conhecimentos e evidenciamos os reais problemas que imaginamos serem os enfrentados pelos docentes no seu dia a dia, como alunos que mexem em seus celulares, mesmo sabendo que a norma do colégio proíbe o uso de eletrônicos; outros que não entregam trabalhos, que não participam das aulas; por vezes, o vídeo que estava no cronograma para ser apresentado aos alunos em determinada aula não abre e neste momento a turma se agita e alguns aproveitam para fazer bagunça porque ainda não foi dado início a aula, etc.

Tendo em vista os exemplos ilustrativos dos imprevistos com os quais nos deparamos durante a docência, no Colégio de Aplicação, observamos que o professor precisa assumir um comportamento, diante da prática de ensino, de observador que tece reflexão crítica e a partir de suas conclusões replaneja suas ações, aproximando-se, assim, da postura característica de pesquisador/investigador que reflete sobre sua prática e que, ao se deparar com situações que fogem do que estava planejado, reorganiza seus planos de ações.

Pudemos concluir, através das experiências vivenciadas no Estágio de Ensino de Língua Portuguesa, que estar em sala de aula é a parte mais fácil da docência, o que mais demanda trabalho

é o planejamento e o preparo dos materiais necessários para que a aula aconteça. Por isso, é preciso que o professor esteja sempre estudando e buscando atualizar-se para que o planejamento não caia na mesmice, que ele seja sempre bem elaborado, pois quando há um bom plano de ação, já se tem mais que a metade do caminho andado no momento de lecionar.

Finalizamos este período de estágio nos questionando exatamente sobre a forma como está organizado o estágio de docência: será que observando a turma para a qual iríamos lecionar futuramente, por apenas duas semanas, é possível elaborar um projeto que vá ao encontro do que propõe Geraldi, isto é, partir da realidade do aluno, tendo em vista que conhecemos e convivemos muito pouco com a turma para saber qual é a realidade deles? Nos questionamos, também, o quão proveitosa é para os alunos essa experiência de receberem estagiários, tendo em vista que a instituição educacional em que realizamos nosso estágio recebe muitos estagiários de diversificados cursos? E assim seguimos nossa caminhada no mundo da educação, buscando sempre refletir e melhorar nossa prática pedagógica.

7. REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BARROS, Eliana Merlin Deganutti. **Interacionismo instrumental: o gênero como ferramenta mediadora do ensino da língua**. ReVEL, vol. 7, n. 13, 2009. [www.revel.inf.br].
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952/1953].
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec Annablume, 2002 [1929].
- BEAUCHAMP, Jeanete et al. (Org.). **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007.
- CASTRO, Amélia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa (Org.). **Ensinar a Ensinar: Didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.
- CERUTTI-RIZZATTI, M. E.; RODRIGUES, R. H. **Linguística Aplicada**. Fpolis: UFSC, 2011.
- Educação, Secretaria Municipal de Educação Infantil: **um outro olhar/ Secretaria Municipal de Educação/Gerência de Educação Infantil**, Vitória (ES): Multiplicidade Disponível em: http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20100218_educacao_infantil_doc.pdf, acessado em 05/05/13.
- COLÉGIO DE APLICAÇÃO. **Projeto Político-Pedagógico**. Florianópolis, 2012.
- DOMINGOS, Joice Eloi Guimarães; FERREIRA, Marina. **Cotidiano: Recurso inesgotável na produção textual dos alunos**. 2010. 40 f. Planejamento (Graduação) – Curso de Letras – Língua Portuguesa, UFSC, Florianópolis, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. et al. (Org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.
Coleção na sala de aula.

_____. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.208p.

KENSKI, Vani M. **O Papel do Professor na Sociedade Digital**. In: CASTRO, Amélia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa (Org.). **Ensinar a Ensinar: Didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**, Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

P. P. P. do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas Licenciatura e Bacharelado. Disponível em:
< <http://vernaculas.paginas.ufsc.br/files/2012/06/Projeto-Pedag%C3%B3gico-do-CLP.pdf>> Acesso em 25 de junho de 2013.


RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.


SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 05-16, mai./ago. 1999.

_____, disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n11/n11a02.pdf>, acessado em 09/05/2013.

8. ANEXOS











ANEXO 1 - TCE e Ficha de Frequência


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO
 Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
 Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703




REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Colégio de Aplicação
 Turma: 4ª B
 Professor(a): Daniela Bandeira
 Estagiário(a): Erika da Silva Costa Agnellino
 Período de observação total: _____

Aula	Data	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	03/04	13:30-14:20	Aula de Leitura	
Aula 2	04/04	14:20 - 15:10	orientações das entrevistas	
Aula 3	04/04	15:30 - 16:00	análise crítica das entrevistas	
Aula 4	05/04	16:20 - 17:05	análise linguística entrevistas	
Aula 5	05/04	17:05 - 17:50	análise linguística dos vídeos	
Aula 6	10/04	13:30 - 14:20	aula de Leitura	
Aula 7	11/04	14:20 - 15:10	1ª versão Texto escrito	
Aula 8	11/04	15:10 - 16:00	Filme Diário Anne Frank	
Aula 9	12/04	16:20 - 17:05	Questionário	
Aula 10	12/04	17:05 - 17:50	Filme Diário Anne Frank	

Assinatura: Sybilina Perceira Martins Demiani Aguiar
 Coordenadora de Prática de Ensino e Estágio da Escola
 Portaria nº 1754/2012GR

Figura 13 Ficha de Frequência das aulas de Observação da estagiária Erika da S. C. Agnellino


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
 Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
 Fone +55 (48) 3721-9445 - Fax +55 (48) 3721-9295 | www.reitoria.dci.brasilia.org.br | estagio@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 461715

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional - DIP, Prof^a. Denise Pereira Leme, o(a) Coordenador(a) Estágios do Curso, Prof. (a) Jose Ernesto De Vargas, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC 83.899.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) Erika Da Silva Costa 829.522.049-20, telefone 4830341497, e-mail erika_agnellino@hotmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 9274 Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.768/08, da Res 014/CUV/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), vinculado à disciplina MEN7001.	Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.
Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Isabel De Bortoli Hentz, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).	Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a quem concedente em caso de abandono do estágio.
Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação, de 18/03/2013 a 18/07/2013, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Lisiane Vandresen.	Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio remunerado.
Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 4251.2012.121.82.307717.38.0.000-1 da seguradora Capemiza Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32).	Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer vínculos empregatícios com a UFSC, das observados os itens deste TCE.
Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.	Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; condicionar-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo pessoalmente pelas consequências da inobservância das mesmas; submeter-se à avaliação de desempenho.
	Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 461715

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 5º ano - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto escolar; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da prática profissional; atuação docente e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade.

Local e Data: Flópolis 28 de março de 2013



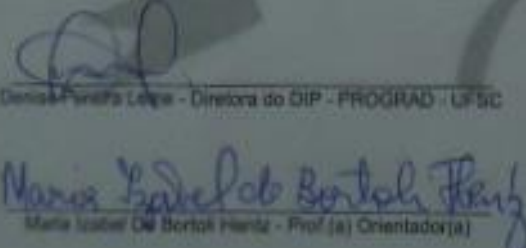
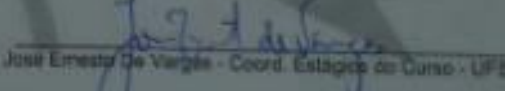



 Denise Pereira Leme - Diretora do DIP - PROGRAD - UFSC	 Erika Da Silva Costa - Estagiário
 Maria Isabel De Bortoli Hentz - Prof. (a) Orientador(a)	 Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC
 Lisiane Vandresen - Supervisor(a) no local de Estágio	

Figura 14 Termo de Compromisso do Estágio -TCE da estagiária Erika da S. C. Agnellino













UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO

Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703



REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Colégio de Aplicação - UFSC
 Turma: 9º B
 Professor(a): Lisiane Vandresen
 Estagiário(a): Bruna Maria Boing Ribeiro
 Período de observação total: 03-04 até 12/04

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	03/04	13:30 - 14:20	aula de leitura	
Aula 2	04/04	14:20 - 15:10	Análise linguística das entrevistas - impresso	
Aula 3	04/04	15:10 - 16:00	Análise linguística das entrevistas - impresso	
Aula 4	05/04	16:20 - 17:05	Análise linguística do áudio da entrevista	
Aula 5	05/04	17:05 - 17:50	Análise linguística do áudio da entrevista	
Aula 6	10/04	13:30 - 14:20	Aula de leitura	
Aula 7	11/04	14:20 - 15:10	1ª versão texto escrito	
Aula 8	11/04	15:10 - 16:00	Filme Dia e Noite Anne Frank	
Aula 9	12/04	16:20 - 17:05	Questionário	
Aula 10	12/04	17:05 - 17:50	Filme Diário Anne Frank	

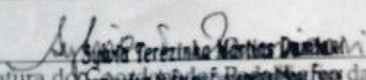


 Assinatura do Coordenador(a) de Estágio da Escola
Portaria nº 1784/2012/GR

Figura 15 Ficha de Frequência das aulas de Observações da estagiária Bruna Maria Boing Ribeiro


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
 Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
 Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 461977

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional - DIP, Prof.^a **Denise Pereira Leme**, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, como concedente e como Instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) **Bruna Maria Boing Ribeiro**, CPF **076.087.179-55**, telefone **4799237400**, e-mail **brunyc4@hotmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **9274004** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:


<p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), vinculado à disciplina MEN7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Bortoli Hentz, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação - UFSC, de 18/03/2013 a 18/07/2013, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Lisiane Vandresen.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 4251.2012.121.82.307717.38.0.000-1 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S.A (CNPJ 08.602.745/0001-32).</p> <p>Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p>	<p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p> <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a UFSC, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo: condizer-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p>
---	---


PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 461977

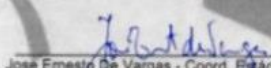
Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

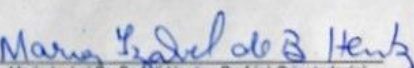
Estágio de observação em turma de 9º ano - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

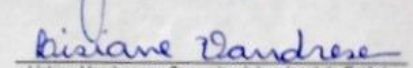
Local e Data: Florianópolis de 04 de abril de 2013

 Denise Pereira Leme - Diretora do DIP - PROGRAD - UFSC

 **Bruna Maria Boing Ribeiro**
 Bruna Maria Boing Ribeiro - Estagiário

 Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

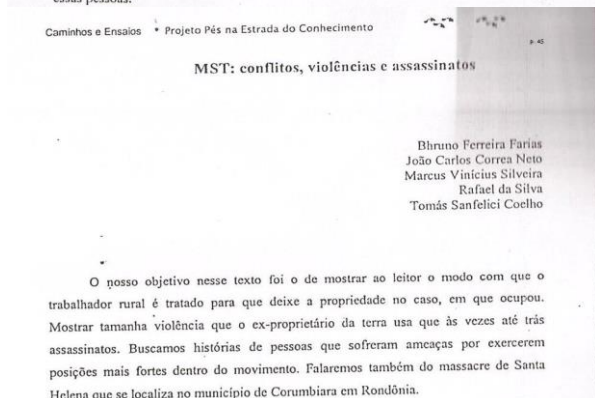
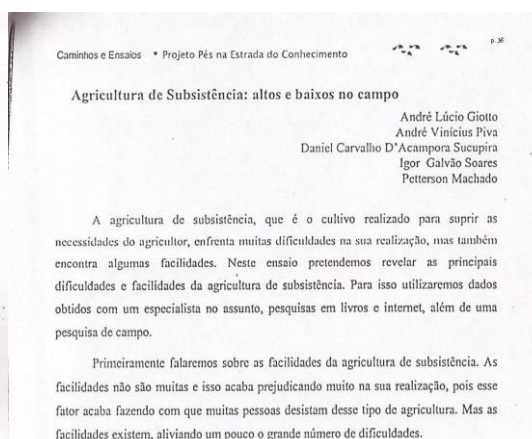
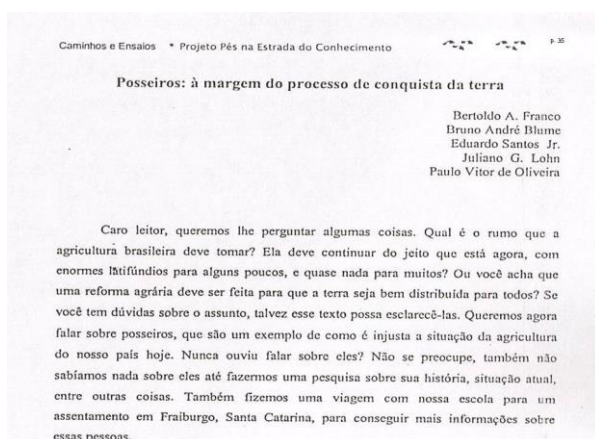
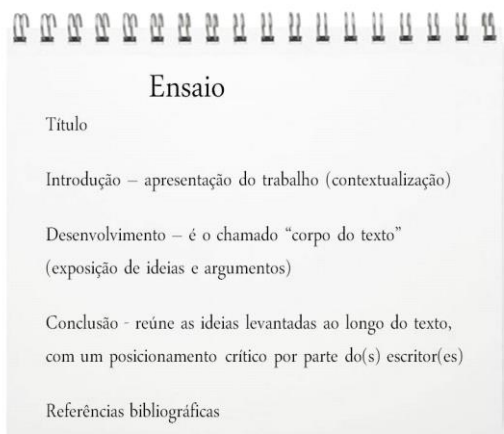
 **Maria Izabel De Bortoli Hentz**
 Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)

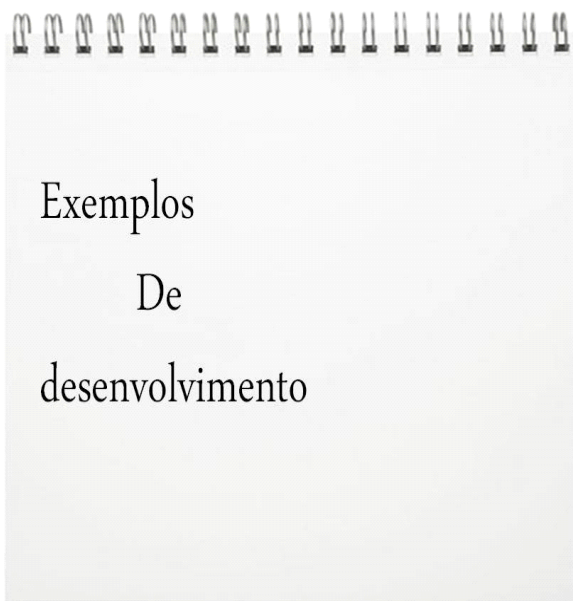
 Lisiane Vandresen - Supervisor(a) no local de Estágio

TCE Nº 461977 - Gerado pelo SIARE em 04/04/2013 às 10:37:21 hs.

Figura 16 Termo de Compromisso do Estágio – TCE da estagiária Bruna Maria Boing Ribeiro

ANEXO 2: Slides utilizados para sistematizar as regularidades do Gênero:





Por lei, cada terra deve exercer sua função social¹. E é aí que o MST entra. Quando o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA² prova que uma determinada terra é improdutiva, o MST pode entrar com o processo de desapropriação das terras. Mas para consegui-las, não é fácil, não! O MST a partir daí tem uma grande luta pela frente, podendo durar semanas, meses, ou até mesmo anos.

O MST tenta pressionar o governo de uma forma pacífica, como por exemplo, fazendo diversas caminhadas ou inclusive, congressos. Não sei se você sabe, mas no dia 13/06/2007 já será o quinto ano que eles vem fazendo caminhadas ao Congresso Nacional, em Brasília, onde eles marcham até a frente do Palácio do Planalto para reivindicar seus direitos. Porém o governo nem sempre interpreta esta e outras pressões como um ato de luta, e sim como uma ameaça à ordem pública, que pode resultar em um conflito com a polícia.

Mas não são apenas marchas e congressos que eles fazem para pressionar o governo. Fazem também ocupações. Bom, você já deve ter visto alguma reportagem na TV dizendo: "O MST invade mais terras." Aposto que você já ficou com muita raiva, não é mesmo? Mas não é bem assim, a mídia sempre mostra a versão dos grandes

Real, apenas desqualificando a luta pela posse da terra, p. 53/59

¹ Conforme a Constituição da República Federativa do Brasil em seu artigo 184, "Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, mediante prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei.

§ 1º - As benfeitorias úteis e necessárias serão indenizadas em dinheiro.

§ 2º - O decreto que declarar o imóvel como de interesse social, para fins de reforma agrária, autoriza a União a propor a ação de desapropriação.

§ 3º - Cabe à lei complementar estabelecer procedimento contraditório especial, de rito sumário, para o processo judicial de desapropriação.

§ 4º - O orçamento fixará anualmente o volume total de títulos da dívida agrária, assim como o montante de recursos para atender ao programa de reforma agrária no exercício. § 5º - São isentas de impostos federais, estaduais e municipais as operações de transferência de imóveis desapropriados para fins de reforma agrária" In: (http://www.soleis.adv.br/desapropriacao/func_aosocial.htm)

² O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária é um órgão do governo que administra e tem a missão de fazer a reforma agrária, manter o cadastro de imóveis rurais do Brasil e realizar a organização das terras públicas da união.

Acontece que a ocupação muitas vezes é tomada como uma INVASÃO, no que pode gerar outro conflito, que seria com os grandes latifundiários. Quando o MST ocupa uma determinada área para mostrar seu ato de luta ao governo, como já comentamos, pode ocorrer de o dono dessas terras não aceitar de jeito nenhum essa ocupação e também não querer fazer acordo algum com o governo. O que ocorre é que na maioria das vezes esses grandes proprietários contratam homens para proteger suas terras, os chamados jagunços. Geralmente esses homens vêm armados e prontos para realmente atacar se o MST tentar ultrapassar uma determinada região. É aí que pode ocorrer uma grande tragédia. Um exemplo verídico de um grande e lamentável conflito pela posse da terra é o Eldorado dos Carajás, onde foram mortos 19 sem-terras pelos policiais que estavam a mando do governo, no dia 17 de abril de 1996.

A grande diferença entre OCUPAR e INVADIR, que as pessoas normalmente não conseguem entender, é que a palavra 'INVADIR' é usada quando você entra em algo que não é seu, que por lá você não é bem vindo e é tomado como um ato de força em benefício particular. Mas por lei, como já falamos, se a terra não desempenha função social, o MST pode sim, entrar com o processo da desapropriação, sendo então OCUPAÇÃO, um espaço que apenas foi preenchido. Nesses casos, para eles prevalece muito a questão da religião também. Há tempos o próprio movimento não achava muito certo ocupar essas terras. Mas é como eles dizem, "Deus quando fez a terra não cercou-

³ Nos dias 4,5 e 6 de junho as turmas das 8^{as} séries do Colégio de Aplicação fizeram pesquisa de campo, nos Assentamentos União da Vitória e Vitória da Conquista, localizados em Fraiburgo-SC. Os assentamentos respectivamente tem 550 hectares e 830 hectares de área.

Em campo tivemos a oportunidade de entrevistar muitas pessoas, e constatamos que havia um sentimento comum em todas elas, que era a indignação. Essa indignação era em voltada para a mídia, por ela sempre mostrar e estar ao lado de quem a beneficiasse, ou seja, dos latifundiários ou do governo.

Sr. Vitelson, um pequeno agricultor entrevistado⁴, diz que a televisão não mostra as coisas boas do movimento, como as boas escolas que eles têm, ou então que as pessoas que ali cresceram estão lutando e conseguindo hoje estudar fora para ter uma vida melhor. O próprio filho dele é um exemplo disto, pois foi criado no MST, hoje é formado pela faculdade do Rio Grande do Sul e atualmente está em parceria com o movimento. Vimos também o caso de uma garota que estuda na Escola 25 de Maio (Fraiburgo), que já fez intercâmbio e foi classificada no primeiro lugar em Espanhol na região. Isso nos faz ver as coisas boas que o movimento proporciona e não só as ruins como sempre estamos vendo nos meios de comunicação.

Fizemos também uma entrevista com garotas da nossa idade que nos chamou muito atenção, quando perguntamos o que elas mais gostariam de mudar no movimento, elas imediatamente responderam que era esse PRÉ – conceito que as pessoas têm contra o MST.

Você não deve saber, assim como muitas pessoas também não, mas essa luta pela conquista da terra é algo que já vem acontecendo há muito tempo, para sermos mais precisas, desde o começo da colonização brasileira. O território brasileiro já foi dividido em capitânicas hereditárias, em sesmarias e em latifúndios, que é a divisão que consiste até hoje.

Antes mesmo que o Brasil se tornasse independente, todas as terras pertenciam a Portugal. Mas no século XVIII, as sesmarias foram liberadas e os latifúndios ficaram com as partes mais importantes para a economia, e logo o território brasileiro foi todo ocupado pelos mesmos.

Exemplos De conclusão

Enriquecemos muito nosso conhecimento com toda esta experiência. Aprendemos e conhecemos coisas que antes nos eram indiferentes. Hoje damos um outro valor a estas pessoas, e sabemos reconhecer todo o esforço que eles vêm tendo para conquistar um espaço na sociedade brasileira. Agradecemos aos nossos professores e ao Colégio, por terem nos proporcionado agora dispor de todo este conhecimento e ter uma visão muito mais ampla em relação ao movimento.

Nossa como o tempo voa, como toda essa conversa descontraída acabamos fazendo nosso ensaio. Obrigada.

A terra e a democracia aqui não se encontram. Negam-se, renegam-se. Por isso, para se chegar à democracia é fundamental abrir a terra, romper essas cercas que excluem e matam, universalizar esse bem, acabar com o absurdo, restabelecer os caminhos fechados, as trilhas cercadas, os rios e lagos apropriados por quem, julgando-se dono do mundo, na verdade o rouba de todos os demais. (SOUZA, 1994)³

³ Hebert José de Souza, (Betinho), sociólogo brasileiro, falecido em 1977, fundou o IBASE, atualmente uma das maiores e mais importantes ONGs do Brasil, que desencadeou o Movimento contra a fome, a Miséria e pela vida.

Com a pesquisa que realizamos pode-se concluir que a agricultura familiar não deve deixar de existir. Além de ser a grande responsável pela produção de alimentos, é um meio em que a família trabalha unida. Muitas famílias têm na agricultura o único meio de sobrevivência. Com isso a luta pela Reforma Agrária deve continuar, pois é um meio de todos terem acesso a terra.

Assim teremos uma maior produção de alimentos e ninguém terá mais terra que o outro, como propõe o MST. Com isso as terras ficariam com mais utilidade, garantindo que a produção da agropecuária esteja voltada para a segurança alimentar, a eliminação da fome e ao desenvolvimento econômico e social dos trabalhadores. Além disso, as pessoas permaneceriam no campo ajudando no desenvolvimento das pequenas cidades. Não iriam ter que buscar emprego nas grandes cidades, evitando-se assim o êxodo rural.

É isso que estamos tentando mostrar. Que os posseiros podem ajudar e muito o Brasil, seu estilo de vida pode salvar o comércio de cidades, colaborar com a preservação do meio ambiente, eles podem ser muito úteis, basta que lhes dêem valor. Como? Ceder a propriedade da terra em que vivem já é um grande avanço. Como já foi dito, dar crédito para terem uma vida digna e condições para trabalhar ajudaria muito. Acreditamos também que assentamentos agrícolas são uma boa forma de o pequeno agricultor poder colocar o seu produto no comércio. Vimos isso em Fraiburgo, onde existem cooperativas, e onde todos os agricultores têm seu pedaço de terra para trabalhar. É um rumo que se pode tomar. Na verdade, uma reforma agrária seria ideal, para podermos ver a justiça sendo feita finalmente, mas isso é difícil de acontecer. Pelo menos, sabemos qual a situação da nossa agricultura, e também temos exemplos de pessoas que lutam pela mudança dessa situação.

Enfim, após essa pesquisa concluímos que alguma coisa deve mudar, e mudar para melhorar a vida de pessoas como os posseiros. E você, o que acha agora?

ANEXO 3: Slides apresentados na Oficina de I.C sobre Ensaio

13 de junho de 2013
Língua Portuguesa
Professora-estagiária: Rafaela Miliorini

Citações e Referências

Citações

COMO FAZER CITAÇÕES. Biblioteca Universitária. Disponível em:
<<http://www.bu.ufsc.br/design/Citacao1.htm>>. Acesso em: 12 Jun 2013.

1. Citação Direta

É a transcrição ou cópia de um parágrafo ou de uma frase, usando exatamente as mesmas palavras usadas pelo autor do trabalho consultado. Nesse caso, repete-se palavra por palavra e estas devem vir, obrigatoriamente entre “aspas duplas,” seguidas da referência (SOBRENOME, ano, página)

Exemplo:
Compagnon (2001, p. 44)
ou
(COMPAGNON, 2001, p. 44)

a) Citações com **até três linhas**: devem ser inseridas entre “aspas duplas,” no texto. As aspas simples são utilizadas para indicar citação dentro de citação.

b) Citações com **mais de três linhas**: devem ser destacadas com recuo de 4 cm com um tipo de letra menor do que a utilizada no texto, sem aspas e com espaçamento simples.

3. Supressões

indicam interrupção ou omissão da citação sem alterar o sentido do texto. São indicadas pelo uso de reticências entre colchetes, no início, meio ou final da citação. [...].

Exemplo:
“A cultura skinheads da década de 60 ficou famosa por promover confrontos nos estádios de futebol (confronto entre as torcidas dos times rivais, conhecido na Inglaterra como hooliganismo) e por alguns skins demonstrarem animosidade para com os paquistaneses e asiáticos. Mesmo tendo apatia por essas duas culturas, os skins dessa época eram contra os grupos neonazistas e não aceitavam o racismo contra negros, já que muitos desses skins eram descendentes de negros.”

↓

“A cultura skinheads da década de 60 ficou famosa por promover confrontos nos estádios de futebol [...] e por alguns skins demonstrarem animosidade para com os paquistaneses e asiáticos. Mesmo tendo apatia por essas duas culturas, os skins dessa época eram contra os grupos neonazistas e não aceitavam o racismo contra negros, já que muitos desses skins eram descendentes de negros.”
Disponível em: <http://www.brasileiros.com/fotologia/skinheads.html>

4. Citação de citação

É a citação de um texto que tivemos acesso a partir de outro documento.

Exemplo:
Leedy (1988 *apud* RICHARDSON, 1991, p. 417) compartilha deste ponto de vista ao afirmar “os estudantes estão enganados quando acreditam que eles estão fazendo pesquisa, quando de fato eles estão apenas transferindo informação factual [...]”.

5. Regras gerais de apresentação

As indicações de autoria incluídas no texto devem ser feitas em letras maiúsculas e minúsculas, indicando-se a data e as páginas entre parênteses.

Exemplos:

Um autor: Segundo Moraes (1993).

Dois autores: Segundo Moraes e Souza (1997).

Três autores: Dudziak, Gabriel e Villela (2000, p. 12).

Mais de três autores: Belkin et al. (1982).

As indicações de autoria entre parênteses devem vir em letras maiúsculas, seguidas da data e da página.

Exemplos:

Um autor: (MCGREGOR, 1999).

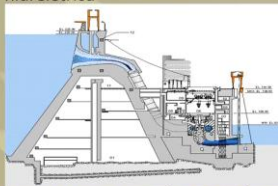
Dois autores: (MORAES; SOUZA, 1997).

Três autores: (DUDZIAK; GABRIEL; VILLELA, 2000).

Mais de três autores: (BELKIN et al., 1982, p. 76).

6. Como citar imagens no corpo do texto

Figura 1: O funcionamento de uma usina hidrelétrica



Fonte: Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), (2013).

Obs.: incluir fonte do site nas referências!

Referências

COMO FAZER REFERÊNCIAS: bibliográficas, eletrônicas e demais formas de documentos. Biblioteca Universitária. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/home982.PDF>>. Acesso em: 12 jun 2013.

1. Um ou mais autores

Um Autor

SCHÜTZ, Edgar. *Reengenharia mental: reeducação de hábitos e programação de metas.* Florianópolis: Insular, 1997. 104 p.

Dois Autores

SÖDERSTEN, Bo; GEOFFREY, Reed. *International economics.* 3. ed. London: MacMillan, 1994. 714 p.

Três Autores

NORTON, Peter; AITKEN, Peter; WILTON, Richard. *Peter Norton: a bíblia do programador.* Tradução: Geraldo Costa Filho. Rio de Janeiro: Campos, 1994. 640 p.

Mais de três Autores

BRITO, Edson Vianna, et al. *Imposto de renda das pessoas físicas: livro prático de consulta diária.* 6. ed. atual. São Paulo: Frase Editora, 1996. 288 p.

2. Fascículos

TÍTULO DO PERIÓDICO. Local de publicação (cidade): Editora, volume, número, mês e ano.

Exemplo:

VEJA. São Paulo: Editora Abril, v. 31, n. 1, jan. 1998.

3. Partes de publicações periódicas

Artigo de Revista

AUTOR DO ARTIGO. Título do artigo. **Título da Revista**, (abreviado ou não) Local de Publicação, Número do Volume, Número do Fascículo, Páginas inicial-final, mês e ano.

Exemplo:

ESPOSITO, I. et al. Repercussões da fadiga psíquica no trabalho e na empresa. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 8, n. 32, p. 37-45, out./dez. 1979.

4. Entrevistas

NOME DO ENTREVISTADO. **Título**. Referência da publicação. Nota de entrevista.

Exemplo:

MELLO, Evaldo Cabral de. **O passado no presente**. Veja, São Paulo, n. 1528, p 9-11, 4 set. 1998. Entrevista concedida a João Gabriel de Lima.

5. Homepage

AUTOR. **Título**. Informações complementares (Coordenação, desenvolvida por, apresenta..., quando houver etc...). Disponível em: <Endereço>. Acesso em: data.

Exemplo:

ETSnet. **Toefl on line**: Test of english as a foreign language. Disponível em: <<http://www.toefl.org>>. Acesso em: 19 maio 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Biblioteca Universitária. Serviço de Referência. **Catálogos de Universidades**. Apresenta endereços de Universidades nacionais e estrangeiras. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br>>. Acesso em: 19 maio 1998.

ANEXO 4: Caródromo da turma em que realizamos o estágio de docência.



Figura 15 Caródromo do 9o. ano B